

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-graduação em Educação Física



Tese

Histórias de racismo no futebol do interior do RS

Christian Ferreira Mackedanz

Pelotas, 2021

Christian Ferreira Mackedanz

Histórias de racismo no futebol do interior do RS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M154h Mackedanz, Christian Ferreira

Histórias de racismo no futebol do interior do rs /
Christian Ferreira Mackedanz ; Luiz Carlos Rigo, orientador.
— Pelotas, 2021.

134 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Racismo. 2. Futebol. 3. Jornais. 4. História oral. I.
Rigo, Luiz Carlos, orient. II. Título.

CDD : 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Christian Ferreira Mackedanz

Histórias de racismo no futebol do interior do RS

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 17 de agosto de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Georgina Helena Lima Nunes

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Inácio Crochemore Mohnsam da Silva

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth (Suplente)

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Agradecimentos

Aos meus pais, Sônia e Claudio, por todos os ensinamentos e incentivos. Mesmo nos momentos mais difíceis, com dificuldades financeiras (que me fizeram, desde cedo, desenvolver uma postura crítica a respeito das relações humanas) e com a árdua rotina da vida no campo, vocês sempre me estimularam a estudar, fazendo vários esforços nesse sentido. Eu certamente não estaria aqui sem a ajuda e o carinho que vocês me oportunizaram. A toda minha família, pelo apoio.

À minha esposa, Renata, por tudo que estamos construindo. Desde o ensino médio desenvolvemos esses sentimentos e essa parceria, que só nos engrandece em todos os sentidos.

Ao meu orientador, Professor Rigo, por todas as contribuições realizadas. Em 2012, ainda aluno do curso de licenciatura em história, vi você apresentando num evento e descobri a área de estudos socioculturais do futebol. Em 2013, como matrícula especial na sua disciplina de Futebol I, identifiquei o tema do racismo no futebol, ainda pouco estudado aqui na região sul. Ainda foste banca do meu TCC e do mestrado em história. Enfim, as contribuições para a minha trajetória acadêmica são fundamentais. Aos membros da banca de qualificação e defesa, pelas contribuições para qualificação do presente estudo.

Aos meus amigos, por terem me proporcionado tantos momentos de diversão e também de estímulo aos estudos. Aos companheiros de futebol, seja na família, no ensino fundamental, no médio, nos times de futebol do interior, pois assim despertei minha paixão por este esporte. Devido a pandemia da covid19 estou sem jogar futebol amador desde fevereiro de 2020, prática que mal posso esperar para retomar, assim que todos estejam vacinados.

À UFPel, por incentivar a qualificação dos seus servidores, inclusive me oportunizando um afastamento na parte final do doutorado. É a primeira vez, desde o segundo ano de ensino médio, que não precisei conciliar o trabalho com os estudos. Aos meus colegas de trabalho, por “segurarem as pontas” nas várias demandas do meu setor durante a minha ausência.

A todos, muito obrigado.

Resumo

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Histórias de racismo no futebol do interior do RS**. Orientador: Luiz Carlos Rigo. 2021. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Física) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Pelotas e Rio Grande são duas cidades do Rio Grande do Sul com expressiva população negra, nas quais, no final do século XIX, o futebol chega como um costume europeu elitista utilizado como marca de distinção social. A partir da segunda década do século XX, com a adesão de operários e da população negra, institui-se um processo de popularização do futebol nessas cidades, o que não significou, no entanto, o fim do racismo nem dos casos de injúria e discriminação racial no universo futebolístico de Pelotas, Rio Grande e toda a zona sul do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o presente estudo buscou analisar e problematizar histórias de racismo nas memórias futebolísticas das cidades de Pelotas e Rio Grande. Os produtos da pesquisa foram sistematizados em três artigos acadêmicos. No primeiro artigo foi realizada uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro publicadas em periódicos científicos com escopo na Educação Física classificados nos extratos B2 ou superior pela área 21 do quadriênio 2013–2016. Os resultados indicaram uma pluralidade de temáticas abordadas e de metodologias utilizadas, mas também algumas lacunas, como a ausência de estudos sobre o período entre a copa de 1950 e o início do século XXI; as mulheres negras no futebol; o racismo no futebol escolar e nas categorias de base. O segundo artigo é produto de uma pesquisa histórica documental em jornais diários e semanais da cidade de Rio Grande sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930). Os resultados apontaram que a referida liga era constituída por agremiações esportivas que não eram aceitas na Liga Rio-Grandense, dentre elas, duas agremiações vinculadas à população negra de Rio Grande que mantinham relações com clubes negros de futebol de outras cidades do estado, o Bangu F. B. C. e o S. C. Rio Negro — o qual também participava de outras atividades culturais da população negra de Rio Grande, como bailes, saraus teatrais e o carnaval. O terceiro artigo trata do racismo no futebol profissional de Pelotas e Rio Grande a partir da segunda metade do século XX, através da metodologia da História Oral. Foram relatados vários episódios racistas presenciados pelos ex-futebolistas negros entrevistados. Destaca-se a tendência a uma maior incidência de xingamentos raciais em cidades com uma maior presença de descendentes de imigrantes europeus (alemães, italianos etc.) e de um racismo estrutural velado que aparece de forma subjacente nas escolhas de dirigentes e treinadores de clubes, dificultando as possibilidades de ex-futebolistas negros serem escolhidos para essas funções. Conclui-se que as tensões e os conflitos raciais da sociedade brasileira aparecem como uma marca constituinte da história do futebol do interior do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Racismo. Futebol. Jornais. História oral.

Abstract

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Stories of racism in football in Rio Grande do Sul countryside**. Advisor: Luiz Carlos Rigo. 2021. 134 p. Thesis (Doctoral Degree) — Postgraduate Program in Physical Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

Pelotas and Rio Grande are two cities located in the south of Rio Grande do Sul, with an expressive Afro-descendant population, where the football culture arrived at the end of the nineteenth century marked as an elitist European Custom, commonly used to set social distinction. After the beginning of the second decade of the twentieth century, with the accession of the workers and the Afro-descendant population, a process of popularization of football was established in these cities. This, however, does not mean that the racism or the cases of offense and racial discrimination in the football universe of Pelotas, Rio Grande, and the entire southern zone of Rio Grande do Sul, has come to an end. In this way, the study presented here sought to analyze and discuss stories of racism within the football memories of the cities Pelotas and Rio Grande. The research products resulted into three academic articles. In the first article a systematic qualitative review of the productions about Afro-Brazilians in Football, published in scientific journals with scope in Physical Education classified in extracts B2 or higher by the 21 Area of the quadrennial 2013-2016, was carried out. The results indicated a plurality of topics addressed as well as a plurality of methodologies used, but also some gaps, such as the absence of studies between the occurrence of the 1950 World Cup and the beginning of the Twenty-First Century; Black women in football; and the racism in school football and basic categories. The second article is the product of historical documentary research was carried out within daily and weekly newspapers of the city of Rio Grande on the Rio Branco sports league (1926-1930). The results indicated that the said league consisted, mainly, of sports associations that were not accepted in the Rio-Grandense League, amongst them, two associations linked to the Afro-descendant population of the city that keeping a close relation with black football clubs from other cities in Rio Grande do Sul, the S. C. Rio Negro and the Bangu F. B. C., which participated in other cultural activities of the black population of Rio Grande, such as dances, theatrical evenings and carnival. The third article deals with racism in professional football of Pelotas and Rio Grande, after the second half of the twentieth century, through the methodology of Oral History. Several racist episodes witnessed by the interviewed black former footballers were reported. It is noteworthy the tendency towards higher incidences of racial offenses in cities that have more descendants of European immigrants (Germans, Italians etc.), as well as a veiled structural racism in the making of choices for managers and coaches of clubs, lowering the chances of former Black footballers being chosen for these roles. That said, it can be concluded that the tensions and racial conflicts of Brazilian society appear as a constituent mark of the history of football in the interior of Rio Grande do Sul.

Keywords: Racism. Football. Newspaper. Oral history.

Sumário

Apresentação	8
Projeto de Pesquisa	10
1 Introdução	10
2 Objetivo Geral	11
2.1 Objetivos Específicos.....	12
3 Referencial Teórico/bibliográfico	12
3.1 O negro no futebol brasileiro.....	12
3.1.1 Racismo nas fases amadora e do profissionalismo marrom.....	12
3.1.2 Racismo nas fases profissional e do futebol espetáculo.....	16
3.2 Pelotas e Rio Grande.....	18
3.3 Racismo no Brasil	22
4 Caminhos Metodológicos.....	26
5 Cronograma	32
6 Referências Bibliográficas	33
ANEXO A - ROTEIRO DA ENTREVISTA	40
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	42
Relatório de Campo	44
1.1 Revisão Sistemática Qualitativa.....	44
1.2 Jornais	44
1.3 História Oral Temática.....	46
Artigo 1	48
O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF.....	49
Introdução	49
Metodologia.....	52
Resultados e Discussão	55
Os jogos Preto X Branco.....	57
A imprensa negra paulista e o futebol no início do século XX	59
Caso Barbosa e a Copa de 1950	60
Estilo de jogo e a influência da miscigenação	62
Casos de racismo e/ou injúria racial.....	64
Conclusão	68
Bibliografia.....	70
Artigo 2	73
“Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: Notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930).....	74
Introdução	75
Cria-se a Liga Rio-Grandense de Amadores e a Liga Esportiva Rio Branco	79
Os Clubes.....	82
Os Campeonatos	88
Considerações Finais.....	89
Referências Bibliográficas	90
Arquivos Pesquisados.....	94
Fontes Primárias (Jornais)	94

Artigo 3	95
“‘Nego’ era ‘barato’ perto do que eles diziam”: memórias de ex-futebolistas negros que atuaram nos gramados do interior do Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XX	96
Introdução	97
Considerações Metodológicas	99
Racismo dentro de campo e nas arquibancadas	102
Treinadores Negros e o Racismo Estrutural.....	106
O racismo extrapola os estádios	109
Conclusão	111
Referências bibliográficas	112
Fontes orais.....	117
Considerações Finais	118
Referências bibliográficas	124

Apresentação

Apresento esta tese de doutorado, elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob orientação do Prof. Dr. Luiz Calos Rigo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação Física, na linha de pesquisa de Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde.

Considerando as normas e possibilidades de apresentação previstas pelo PPGEF/UFPel, esta tese é composta por um projeto de pesquisa e três artigos científicos.

O projeto de pesquisa foi qualificado em 24 de julho de 2020 e alterado a partir de algumas colocações e observações feitas pela banca por ocasião da qualificação.

O primeiro artigo, intitulado “O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF”, foi submetido à Revista Licere (Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais) no dia 3 de março de 2020, avaliado em duas rodadas, considerado apto à publicação no dia 9 de outubro de 2020 e, conforme a revista, publicado na edição de junho de 2021. Assim, está apresentado nesta tese com a formatação de acordo com as normas do referido periódico.

O segundo artigo, intitulado “‘Racismo à brasileira’ no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930)”, foi submetido à Revista Cadernos de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) em 28 de setembro de 2020, avaliado em duas rodadas e considerado apto à publicação no dia 9 de abril de 2021. De acordo com as informações dos editores da revista, será publicado num dossiê sobre esportes previsto para o segundo semestre de 2021. Assim, está apresentado nesta tese conforme a última versão aceita para publicação na referida revista e formatado de acordo com as normas exigidas pelo periódico.

O terceiro artigo, intitulado: “‘Nego era barato perto do que eles diziam’: memórias de ex-futebolistas negros que atuaram nos gramados do Rio Grande do

Sul” está formatado de acordo com as normas da UFPel, pois só depois da entrega da versão final da tese será escolhida a revista para submissão.¹

¹ Durante o doutorado tive outras duas produções publicadas que não integram o volume desta tese, mas considero importante fazer referência a elas neste momento. Uma trata-se do artigo “LIGA DE FUTEBOL JOSÉ DO PATROCÍNIO (1919–1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense” (MACKEDANZ, C. F.; SILVA, D. V. da; RIGO, L. C., 2021), publicado na Revista Projeto História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Apesar de ser oriundo da minha pesquisa de mestrado (defendida em 2016), somente durante o período de doutorado foi possível extrair um produto em formato de artigo da dissertação. Esse artigo é um estudo semelhante ao segundo artigo desta tese, com a diferença de investigar uma liga de futebol existente na cidade de Pelotas. A outra produção é o capítulo de livro “A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX”, realizado em coautoria com meu orientador (RIGO, L. C.; MACKEDANZ, C. F. In: GUAZELLI *et al.*, 2021). O capítulo trata de ligas de futebol no começo do século XX nas cidades de Pelotas e Rio Grande, uma delimitação que, apesar de sua especificidade, tangencia tanto a minha dissertação de mestrado como esta tese de doutorado.

Projeto de Pesquisa

Nome: Christian Ferreira Mackedanz.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo.

Programa: Programa de Pós-graduação em Educação Física.

Linha: Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde.

Título: Discriminação racial e ascensão social: o negro no futebol pelotense e rio-grandino¹.

Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE):

25738619.1.0000.5313.

1 Introdução

A relação do futebol brasileiro com a população negra do país se desenvolveu cheia de ambiguidades. Apesar do protagonismo desempenhado pelos jogadores negros ao longo da história do futebol brasileiro, o ingresso desses atletas nos principais clubes brasileiros foi marcado por tensões e, na atualidade, muitos futebolistas negros ainda sofrem xingamentos racistas, principalmente das torcidas.

Pelotas e Rio Grande, localizadas no sul do Rio Grande do Sul, são cidades com uma expressiva população negra e com uma forte cultura futebolística. Apesar da profusão de pesquisas acadêmicas nas últimas décadas sobre o racismo no futebol, o sul do Rio Grande do Sul parece não ter recebido a devida atenção da área, com exceção do estudo de Mackedanz (2016) que analisou a Liga de Futebol José do Patrocínio, criada por clubes negros de futebol em 1919 na cidade de Pelotas.

Um dos objetivos deste estudo, portanto, será analisar um fenômeno semelhante ocorrido na cidade de Rio Grande e ainda não estudado: a criação da Liga Esportiva Rio Branco em 1926. Na tese de Loner (1999) sobre organizações operárias de Pelotas e Rio Grande, a autora se refere a esta liga como uma liga negra de futebol, questão que merece um estudo aprofundado, dada a relevância

¹ O título originalmente apresentado ao Comitê de Ética em 2019 era “‘Diferente, mas junto’: histórias orais de jogadores negros no futebol Pelotense e Rio-grandino”.

dos clubes e ligas negros de futebol para o processo de ingresso dos negros nos principais clubes do futebol brasileiro.

Infelizmente o racismo no futebol brasileiro não se restringe a um passado distante, visto que jogadores negros vêm sofrendo xingamentos racistas ao longo da história do futebol brasileiro, questão que começou a receber mais atenção da mídia e da sociedade nos últimos anos.

No entanto, essa atenção da mídia e da sociedade parece estar mais focada nos casos posteriores ao ano de 2014, quando vários casos de racismo no futebol chocaram o país que se preparava para sediar a copa do mundo, e nos clubes grandes, da primeira divisão do futebol nacional.

Frente a este contexto, o outro objetivo desta pesquisa foi perscrutar as memórias de ex-futebolistas negros que atuaram nos clubes profissionais de Pelotas e Rio Grande na segunda metade do século XX e início do século XXI, buscando entender como o racismo se manifestava num contexto anterior à contemporaneidade e em clubes de menor expressão.

Considerando que não tínhamos, inicialmente, dimensão de como a área da Educação Física estava trabalhando o tema do racismo no futebol, inclusive no que diz respeito a quantidade de estudos, subtemas abordados e metodologias utilizadas, julgamos necessário começar os estudos relacionados à tese fazendo um levantamento do que está sendo produzido na área a respeito do tema do racismo. Será realizada, portanto, uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro publicadas em periódicos científicos com escopo da Educação Física, classificados no extrato B2 ou superior no Qualis da área 21 da CAPES, no quadriênio 2013-2016.

2 Objetivo Geral

Problematizar como o racismo se manifestou em dois momentos distintos da história do futebol do interior do Rio Grande do Sul.

2.1 Objetivos Específicos

- Analisar as memórias de um grupo de ex-futebolistas negros que atuaram nos clubes profissionais de Pelotas e Rio Grande na segunda metade do século XX e no início do século XXI;

- Problematizar a emergência da Liga Esportiva Rio Branco em 1926 na cidade de Rio Grande e o seu papel junto ao futebol rio-grandino;

- Mapear e analisar as publicações que versam sobre o tema do negro no futebol brasileiro, nos principais periódicos nacionais de Educação Física.

3 Referencial Teórico/bibliográfico

3.1 O negro no futebol brasileiro

O futebol profissional brasileiro foi mudando suas características ao longo do tempo e, portanto, foi dividido em etapas ou fases de acordo com as características dos diferentes períodos. Levine (1982, p. 23) utiliza a seguinte periodização: a- primeira fase (1894-1904), b- fase amadora (1905-1933), c- fase do profissionalismo (1933-1950), d- fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol (1950-1970). Outra obra mais recente (LUZ et al., 2015) apresentou uma periodização atualizada: a- amadorismo (1894-1915); b- profissionalismo marrom (1915-1933); c- profissionalismo (1933-década de 1990); d- futebol espetáculo (1970-atual).

Essas fases não podem ser interpretadas como divisões rígidas/estanques. É fundamental entendermos que embora a profissionalização do futebol tenha sido oficializada em 1933, as cidades brasileiras vivenciaram a implementação da profissionalização do futebol em diferentes datas. Apesar disso, essas fases do futebol são úteis para ajudar a explicar os diferentes mecanismos racistas presentes na história do futebol brasileiro.

3.1.1 Racismo nas fases amadora e do profissionalismo marrom

O futebol chega ao Brasil no final do século XIX e se consolida como uma opção importante de lazer no início do século XX. Mesmo que os negros tenham se interessado pelo futebol logo nesses primeiros anos, eles tiveram que criar seus

próprios clubes e disputar ligas de futebol menores, pois os principais clubes e ligas do país estavam restritos às classes mais abastadas.

No caso da então capital federal do Brasil, Rio de Janeiro, a tese de Pereira (1998) mostra como o futebol se popularizou já na primeira década do século XX e como isso gerou uma reação dos clubes mais elitizados, que culminou na alteração dos estatutos da Liga Metropolitana de Sports Atléticos em 1907, que em maio do mesmo ano enviou ofício aos clubes associados comunicando que a diretoria “resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (Ibidem, p. 63), fato que levou o Bangu Athletic Club a se desligar da Liga, para não abandonar os jogadores negros que faziam parte do seu plantel, passando a disputar a Liga Suburbana.

Na década de 1920 novos atritos acontecem. O Clube de Regatas Vasco da Gama foi campeão do campeonato carioca de 1923 com um elenco repleto de jogadores pobres, vários deles negros, adotando uma espécie de semiprofissionalismo, com algumas contrapartidas financeiras aos jogadores. Em 1924 alguns clubes da cidade criam uma nova liga, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Entre as exigências que o Vasco teria que atender para ingressar nessa nova liga, estava a impossibilidade de inscrever como jogadores:

2- os que tiverem seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico; [...] 7- os que não saibam ler e escrever corretamente; [...] 10- os que exerçam profissão ou emprego subalterno, taes como de continuo, servente, engraxate e motorista; [...]; 12- as praças de pret [...] (JORNAL O IMPARCIAL, 29/03/1924, apud SANTOS, 2010).

Tais exigências implicariam no desligamento de doze jogadores do Vasco, sete deles do time titular, sendo vários deles negros. O Vasco acaba decidindo manter seus jogadores e não ingressar na AMEA. A tese de doutorado de Santos (2010) confirmou através de um estudo empírico com fontes escritas estes episódios envolvendo o Vasco, anteriormente relatados no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado em 1947 por Mário Rodrigues Filho (2010)². No entanto, Santos (2010)

² Sobre as críticas ao livro de Mario Filho, ver Soares (1998) e Helal e Teixeira (2011). Acreditamos serem exageradas as acusações de que o levantamento de fontes não seguiu rigores científicos, pois nas últimas décadas a concepção de fonte histórica foi bastante flexibilizada. Concordamos, no entanto, com a crítica de que o livro teve inspiração na ideologia da democracia racial elaborada em 1933 por Gilberto Freyre (2003), que indicou o fim do racismo no futebol, questão que retomaremos no próximo item.

observa que o principal conflito dos demais clubes com o Vasco era em função do semiprofissionalismo, sendo a questão racial apenas uma consequência. O autor também fez críticas importantes ao caráter “revolucionário” da inclusão de negros no Vasco de 1923. Segundo ele os jogadores negros foram explorados pela diretoria. Eles não podiam frequentar áreas mais nobres do clube, recebiam vantagens financeiras muito baixas em relação aos lucros gerados e normalmente não recebiam nenhuma assistência em casos de lesões graves. Santana (2013) estudou especificamente a trajetória do goleiro negro Nelson da Conceição, campeão pelo Vasco de 1923.

Buscando romper com uma tendência acadêmica de centrar as análises do futebol no eixo Rio–São Paulo, Santos (2020) fez um estudo comparado entre as cidades de Salvador e Porto Alegre do período de 1889 a 1912, relacionando o futebol e o racismo com o desenvolvimento econômico e social das cidades. Segundo ele, a experiência da Bahia se distingue porque, embora o futebol desenvolvido na cidade fosse imbuído dos mesmos valores modernistas de outras capitais, Salvador vivia uma profunda crise financeira e social à época. Já a Porto Alegre do referido período experimentava uma expansão e modernização semelhantes a São Paulo e Rio de Janeiro.

Ainda em relação a Salvador, a dissertação de Santos (2012) indica que na Bahia a inclusão dos negros no futebol também enfrentou barreiras. Segundo a Liga Bahiana de Sports Terrestres, até 1910 não se aceitava a participação de negros e populares nos clubes da cidade. Alguns clubes de futebol, como o Yankee e o Bahia, proibiam jogadores negros em seus regulamentos. O Fluminense, clube fundado por populares, inclusive negros, em 1904, em Salvador, solicitou ingresso na Liga Bahiana e não foi aceito; como resposta, convidou os clubes Vera Cruz e Sul América a criarem uma liga paralela, a Liga Nacional Sportiva, que infelizmente só teve uma edição concluída. Em 1913, novamente, o Fluminense propõe a criação de uma liga alternativa, a Liga Brasileira de Sports Terrestres. No primeiro campeonato participaram os clubes Fluminense, Sul América, Ideal e Internacional. Essa liga existiu até o final da década de 1910. Ao longo dos anos 1920 alguns clubes maiores começaram a aceitar jogadores negros em seus elencos.

No caso de Minas Gerais, a tese de Mayor (2017) analisa como a profissionalização impactou o futebol praticado na cidade de Belo Horizonte nas

décadas de 1930 e 1940. A autora observou que a profissionalização não significou a ascensão do futebolista negro a uma condição de igualdade em relação ao branco. Embora o número de jogadores negros tenha crescido, o elitista sistema de valores e significados sociais do amadorismo se manteve na gestão do profissionalismo e na cobertura da imprensa.

Abrahão e Soares (2011; 2012A) analisaram os jogos Preto x Branco ocorridos em São Paulo de 1927 a 1939 e identificaram, através da imprensa negra, que esses jogos foram idealizados para contestar o racismo existente no futebol paulista da época. Em outra publicação, Abrahão e Soares (2012B) analisam a importância da Associação Atlética São Geraldo, cujas vitórias eram noticiadas pela imprensa negra, acompanhadas de adjetivos positivos sobre a participação do negro no futebol. Domingues (2015) também estudou a relevância da A. A. São Geraldo para a comunidade negra paulista, mas destacou que existiam vários outros clubes negros, como o Sul Africano F. B. C., o 28 de Setembro F. C., a A. A. Sul-América, o Áurea F. C., o E. C. Onze Gallos Pretos, o União F. C., o Grêmio Barra Funda, o Club dos Cravos Vermelhos, os Marujos Paulistas, o C. A. Brasil, o Caveiras de Ouro, o C. E. Flor da Penha e o Vitória Paulista, porém nenhum deles adquiriu a projeção da A. A. São Geraldo, campeã da copa do Centenário da Independência do Brasil, nome dado ao campeonato paulista de 1922.

Em relação ao Estado do Paraná, Oliveira (2005) aborda a questão racial em Curitiba, mais precisamente no Coritiba F. C. É uma obra importante, embora em seus escritos haja um enfoque mais na questão do Nazismo do que especificamente na questão racial.

No Estado do Rio Grande do Sul chama a atenção um fenômeno semelhante ao contexto brasileiro, mas com uma característica marcante: a existência de Ligas alternativas, compostas majoritariamente por clubes negros. O trabalho de Mascarenhas (1999) fala sobre o negro no futebol porto-alegrense, destacando a existência de uma liga pejorativamente chamada de Liga da Canela Preta, composta por jogadores negros não aceitos nas principais, e elitistas, ligas das cidades.

Santos (2018) realizou uma extensa pesquisa empírica que revelou novas informações sobre as ligas e os clubes negros do futebol porto-alegrense. O autor destaca que não houve uma liga chamada Liga da Canela Preta composta por clubes negros nas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre, mas que os

clubes negros se inseriram em várias ligas. Alguns clubes negros como o Sport Club Rio Grandense e o Fuss-Ball 20 de setembro, após não terem sido aceitos na Liga Porto Alegrense de Foot-Ball em 1911, participaram da fundação da Liga de Foot-Ball Sul-Americana em 1913, que congregava clubes formados por operários brancos e/ou negros (SANTOS, 2018). Anos depois, em 1920, estes e outros clubes negros fundaram a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, esta sim uma liga composta somente por clubes negros. Depois dela, alguns desses clubes negros fizeram parte de outras duas ligas criadas ao longo da década de 1920, a Associação dos Amadores de Futebol e a Associação Sportiva de Futebol (Ibidem, p. 145).

Mackedanz (2016) e Mackedanz, Silva e Rigo (2021) pesquisaram o negro nas primeiras décadas do futebol em Pelotas (1900–1930), perscrutando as diferenças na composição étnica e econômica das ligas, e identificaram que a Liga de Futebol José do Patrocínio (1919–1936) foi uma liga composta exclusivamente por clubes negros que, além de organizar a prática do futebol da comunidade negra pelotense do período, participou de outras formas de sociabilidade negras do período e atuou na militância contra casos de racismo ocorridos na cidade.

3.1.2 Racismo nas fases profissional e do futebol espetáculo

Ao longo do século XX os jogadores negros foram ganhando espaço nos principais clubes do país e alguns inclusive se tornaram grandes ídolos, símbolos do futebol brasileiro, como Leônidas da Silva e Pelé (PEREIRA, 2019). A partir dos títulos das copas do mundo de 1958 e 1962 e do sucesso de Pelé, construiu-se um discurso de que o futebol brasileiro seria um exemplo de democracia racial (TONINI, 2020), com a contribuição importante de Mário Filho, que levantou a hipótese de que após Pelé o racismo no futebol estava superado (SOARES, 1998; SOUZA, 2019).

Estudos acadêmicos tem questionado essas ideias. Silva (2008) abordou a questão dos discursos raciais construídos no Brasil através do caso do jogador Pelé, analisando o paradoxo Pelé X Edson. Para a autora Pelé ficou preso nos discursos raciais brasileiros dos anos 1950, de que o Brasil era uma democracia racial. Por isso, a partir dos anos 1970, quando se consolidou o entendimento de que o país

ainda vivia uma significativa desigualdade racial, Pelé passou a ser cobrado por não assumir sua identidade negra.

O estudo de Florenzano (2019) ressaltou o racismo presente na ofensiva do governo militar e de parte da imprensa nacional contra Pelé quando ele decidiu se aposentar da seleção brasileira em 1974.

Nos últimos anos várias denúncias de racismo nos gramados brasileiros e internacionais ganharam destaque na imprensa, reforçando a desconstrução das premissas que advogavam que o futebol brasileiro seria um modelo de integração racial.

Tonini (2010) estudou as memórias de jogadores, treinadores e árbitros negros que atuaram no futebol brasileiro entre 1970 e 2010 e identificou vários momentos nos quais eles foram alvo de condutas ou manifestações racistas.

Giglio, Tonini e Rubio (2014), analisaram o caso de “Baiano”, jogador que atuava no Boca Juniors em 2005, quando ocorreu o episódio de discriminação do jogador Grafite e da prisão do argentino Desábato, em uma partida da Libertadores entre São Paulo e River Plate, realizada na capital paulista. Após o episódio, a própria torcida do Boca Juniors e os próprios colegas de equipe passaram a insultar Baiano com termos racistas sistematicamente, até ele decidir abandonar o clube e voltar ao Brasil.

Tonini (2016) utilizou a história oral de vida para analisar às dificuldades encontradas pelos futebolistas negros na adaptação ao futebol europeu, em ambientes majoritariamente brancos, investigando os caminhos percorridos pelos jogadores brasileiros negros que atuaram no futebol europeu e as alternativas encontradas por eles para “driblar” e enfrentar os casos de racismo.

Abrahão e Soares (2012C) pesquisaram a versão contemporânea do jogo preto x branco, que acontece desde a década de 1960 na periferia de São Paulo. O principal objetivo do jogo atual é a confraternização. Mas durante a observação participante dos autores, eles relataram que houve um momento no qual o jogo extrapolou esse caráter festivo e um jogador foi expulso da partida por fazer um xingamento racista a outro atleta. Mesmo assim, de modo geral o jogo foi entendido como uma tentativa de superação do racismo através do lazer e do humor.

Cavalcanti e Capraro (2009) analisaram o caso do jogador Grafite, pela Libertadores de 2005. Souza et al. (2015) abordaram vários casos nacionais como

do jogador Arouca e do árbitro Márcio Chagas da Silva, bem como casos internacionais como o do jogador Daniel Alves e do ex-jogador Roberto Carlos. Pimenta (2019) realizou uma análise linguística do discurso da mídia em relação ao caso de racismo sofrido pelo Daniel Alves. Bandeira e Seffner (2016) analisaram o caso do goleiro Aranha na Copa do Brasil de 2014. Lise et al. (2015) e Santos (2014) abordaram o caso do jogador Tinga na Libertadores 2014.

Com o objetivo de monitorar e combater a discriminação racial no futebol brasileiro foi criado o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, entidade que desde 2014 vem publicando Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol³. Nesse sentido, vários estudos têm se debruçado sobre episódios mais recentes de racismo ou injúria racial no futebol.

3.2 Pelotas e Rio Grande

Pelotas e Rio Grande foram escolhidas como principal recorte geográfico desta pesquisa porque são cidades com potencial para estudos que enfoquem a população negra. Pelotas é a cidade que possui a maior população negra do interior do Rio Grande do Sul⁴, isto porque muitas pessoas negras foram escravizadas, principalmente nas charqueadas⁵.

Gutierrez (1999) mostra o contraste existente em Pelotas, no período por ela estudado, entre os senhores endinheirados querendo mostrar, através das obras arquitetônicas, seu gosto refinado e seu poder econômico, e os escravos, obrigados a trabalhar na produção econômica escravista do charque e também nos canteiros de obras da área urbana.

Sobre o período seguinte, o pós-abolição, Loner (2010, p. 182) ressalta que:

³ Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 18 maio 2020.

⁴ Eram 35.049 pretos e 28.245 pardos, enquanto a população total era 328.275, de acordo com o CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: 18 maio 2020.

⁵ As charqueadas eram estabelecimentos onde se preparava a carne salgada e seus subprodutos. Diferentemente dos demais núcleos charqueadores da América do Sul, o Núcleo Charqueador Pelotense, situado no encontro do arroio Pelotas com o canal de São Gonçalo, constituía uma zona fabril, com mais de trinta saladeiros localizados lado a lado, sem os campos destinados à criação e onde perto de 2000 escravos labutavam. Caracterizava-se pela rudeza do trabalho e do tratamento dado à população escravizada, pelo mau cheiro, sujeira e pela presença de feras e animais peçonhentos e pestilentos (GUTIERREZ, 2017).

A população afrodescendente de Pelotas foi trazida à região para trabalhar, sob o regime da escravidão. Posteriormente à Abolição eles se radicaram aqui, trabalhando em todo o tipo de serviço [...]. Em 1890, formavam cerca de um terço da população urbana de Pelotas e sua grande concentração na cidade tornou-os um dos principais grupos de trabalhadores do município. Durante a maior parte do século XX, os negros sofreram muito com a segregação e o preconceito racial, que terminaram condicionando suas chances de ascensão social e de busca de emprego na cidade.

Além disso, Dornelles (1998, p. 108-112) comenta que a concorrência com os imigrantes era desleal, com relação à necessidade de seu trabalho, pois estes recebiam, tanto no campo como na cidade, um apoio muito maior da imprensa e das camadas dirigentes. Loner (1999) explica essas diferenças de oportunidades:

Era muito mais fácil, naquele momento de um capitalismo ainda incipiente, um artesão branco ascender socialmente do que um negro. Um branco, se imigrante, poderia ser beneficiado pela proteção de seus patrícios, com sorte poderia fazer um bom casamento, ou poderia associar-se a outro com dinheiro e abrir seu próprio negócio. A maior parte destas opções estava vedada aos negros, independente de sua cultura ou inteligência. (LONER, 1999, p. 240).

Na luta pela superação deste quadro excludente os negros tiveram que “tecer uma ampla rede de associações, clubes e jornais” (LONER, 1999, p. 260). Através dessas organizações, vários negros “se destacaram como sindicalistas e lutadores contra a discriminação racial. Todos enfrentaram dupla dificuldade em suas vidas: eram operários e negros” (IBIDEM, p. 280).

No caso das mulheres negras, as dificuldades eram triplas, pois além da discriminação étnica e de classe, havia a de gênero. Por isso, as mulheres negras das primeiras décadas do século XX também criaram associações próprias e integraram ativamente os clubes negros do período, que costumavam ter duas diretorias, uma de homens e uma de mulheres (IBIDEM, p. 243).

Os tensionamentos e conflitos desse contexto social reconfigurado, com a população negra não mais na condição de escravizada, mas em uma sociedade segregadora e racista, se manifestou também nas práticas futebolísticas.

Mackedanz (2016) analisou o futebol pelotense no período de 1901 a 1930 e observou a Liga Pelotense de Futebol foi criada com um viés elitista que excluía operários e negros. Como uma resistência a essa exclusão fundou-se a Liga de Futebol José do Patrocínio. Além das práticas futebolísticas essa liga unia-se a

outras associações para atuar contra o racismo na cidade (MACKEDANZ, 2016, p. 114)⁶.

Enquanto isso, os clubes de futebol, atualmente considerados os principais da cidade, integravam a Liga Pelotense de Futebol, apresentando resistência a presença de jogadores negros em seus plantéis. Sobre a presença negra no E. C. Pelotas, Rigo (2004, p. 153), coloca que o time

é lembrado como o clube que representava a elite da cidade e que mais resistência teve ao movimento de miscigenação racial que acontecia no futebol brasileiro e local. Alcides de Moraes⁷, ex-goleiro do Pelotas, se reportou a isso tecendo um paralelo com o ocorrido com a dupla Gre-Nal, na capital do estado: “No Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato”.

No caso do G. E. Brasil essa aceitação também não é imediata:

O G. S. Brasil, nascido de uma dissidência no time de empregados da cervejaria Haertel, depois ficará conhecido como time "de negros", mas no início isso não se configura em suas diretorias, em que apareciam nomes de indivíduos da pequena burguesia, muitos deles filhos de imigrantes. (LONER, 1999, p. 144)

Porém ao longo dos anos 1920 a presença de jogadores negros do G. E. Brasil vai aumentando e na década de 1930 ela se consolida. Mackedanz (2016, p. 79-88) explica como a localização geográfica dos clubes pode ter incentivado essa presença de jogadores negros no clube, dentre outros fatores. No caso do G. E. Farroupilha, fundado em 1926 com o nome de Grêmio Atlético 9º Regimento de Infantaria, o clube era composto predominantemente por militares, sendo aceitos jogadores negros, desde que fossem militares (RIGO, 2004, p. 154-155).

Nos anos 1930, os negros foram gradualmente sendo mais aceitos nas principais equipes de futebol de Pelotas, que disputavam a Liga Pelotense de Futebol, o que parece ter enfraquecido o papel desempenhado pela Liga José do Patrocínio, embora os clubes que a compunham continuassem existindo.

⁶ Outras considerações sobre a Liga José do Patrocínio em Mackedanz; Silva; Rigo (2021).

⁷ Entrevistado pelo autor citado em 1999.

No caso da cidade de Rio Grande, embora numericamente inferior à proporção de Pelotas, o número de negros residentes no município é expressivo⁸. Essa presença de negros na cidade também se deve, ao período escravista, no qual a cidade se destacou por ser, até 1985, um importante porto de chegada de africanos escravizados. A mão de obra escrava também foi utilizada na cidade, nas obras do centro da cidade, na plantação e venda de hortaliças, serviços domésticos, como amas de leite etc. (TORRES, 2008).

Após a abolição, os negros foram se inserindo nas indústrias da cidade como operários. Loner (1999, p. 176), destaca que o presidente e o primeiro secretário da Liga Operária de Rio Grande, formada em 1892, eram negros. Para ajudar a resistir as práticas racistas do pós-abolição a população negra rio-grandense desenvolve uma rede associativa própria, inclusive na esfera futebolística.

Loner (1999, p. 145-6), observa que a Liga Rio Grandense de futebol se difere da Liga Pelotense por não ter cisão entre clubes de elite e clubes operários, ao menos nos seus primeiros anos.

Essa menor rigidez, pode ser identificada no episódio que envolveu o Sport Club Colombo de Pelotas. Em 1916, o SC Colombo vence a Liga Cassiano do Nascimento, uma espécie de segunda divisão de Pelotas, essa conquista que lhe daria o direito de jogar na Liga Pelotense no ano seguinte. Porém em 1917 sua presença na referida liga é proibida. Assim, em maio de 1917, o clube comunica que fará parte da Liga de Rio Grande, porque nesta cidade poderá ser da primeira divisão (MACKEDANZ, 2016, p. 60-62). No entanto, em 1922 a Liga Rio Grandense passa a contar com apenas 5 clubes: Rio Grande, Gal. Osório, Luzitano, S. Pedro e União Brasil (O Rebate, 27/10/1922), o que pode indicar que o caráter inclusivo dos primeiros anos da Liga Rio Grandense estava se perdendo.

Loner (1999) pesquisou as organizações negras operárias de Rio Grande nas primeiras décadas do século XX e identificou que, de modo análogo aos casos já citados de Pelotas e Porto Alegre, na cidade de Rio Grande os negros também precisaram integrar uma liga paralela a principal liga da cidade, a Liga Esportiva Rio

⁸ Eram 16.834 pretos e 21.406 pardos, enquanto a população total era 197.228 pessoas, de acordo com o CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/panorama>>. Acesso em: 18 maio 2020.

Branco, que teria sido fundada em 04/08/1926 pelos clubes Rio Negro, Brasil, Bento Gonçalves, Democrata e Cruzeiro.

Pelotas e Rio Grande são duas cidades tradicionais da historiografia do futebol gaúcho e brasileiro. O Sport Club Rio Grande, além de ter sido campeão Estadual em 1936, é considerado o clube de futebol mais antigo do país em atividade (fundado em 19 de julho de 1990). O Grêmio Esportivo Brasil, da cidade de Pelotas, foi fundado em 1911 e conquistou o primeiro campeonato gaúcho da história, realizado em 1919. Os outros campeões estaduais de Pelotas foram o Esporte Clube Pelotas, fundado em 1908 e campeão em 1930, e o Grêmio Atlético Farroupilha, fundado em 1926 e campeão estadual em 1935. De Rio Grande os outros campeões estaduais foram o Sport Club São Paulo, fundado em 1908 e campeão em 1933, e o Football Club Riograndense, fundado em 1909 e campeão em 1939 (RIGO, 2004). Estes clubes mantêm-se em atividade e são conhecidos pela forte adesão de suas torcidas. E os confrontos entre eles se tornaram clássicos do futebol da zona sul.

3.3 Racismo no Brasil

Inicialmente, parece oportuno esclarecer o lugar de fala deste pesquisador e as implicações disso para esta pesquisa. Sou branco. Embora isso demande uma atenção especial na condução da pesquisa, não ser negro não deve ser entendido como uma barreira para pesquisar e discutir o tema do racismo. Ribeiro (2017) nos ensinou que todas as pessoas possuem lugares de fala e que indivíduos que integram lugares historicamente privilegiados podem e devem falar sobre as diferentes opressões sociais, desde que “consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2017, p. 48).

A história do racismo na sociedade ocidental remonta à idade moderna, quando o conceito de raça era usado apenas para destacar a “linhagem pura” de famílias nobres da realeza e dos bispos (HOFBAUER, 2006, p. 101). Esta vinculação da raça com a linhagem é importante, pois ao analisar as metamorfoses históricas do racismo, o mesmo autor observa, em relação ao Brasil escravocrata, que:

Uma vez que o controle social era tratado como uma questão primordialmente privada, isto é, a esfera privada imperava sobre a pública, a concepção do Estado assemelhava-se mais a uma espécie de 'núcleo familiar ampliado'. [...] Sabemos que os valores burgueses surgiram no contexto de uma história específica. A valorização do indivíduo e dos direitos civis deu-se como produto da luta da burguesia contra o Antigo Regime. [...] Trata-se de mudanças estruturais que não ocorreram no Brasil do século XIX. (HOFBAUER, 2006, p. 151)

Portanto, ao falar de racismo no Brasil, é preciso lembrar que o paternalismo dominava as relações políticas. Além do preconceito étnico, os negros eram excluídos também por não fazerem parte das famílias mais influentes.

Outro aspecto importante é que, mesmo no ambiente acadêmico, alguns desses discursos só foram superados nas últimas décadas. Hofbauer (2006, p. 217) aponta que “alguns cientistas começaram, a partir da década de 1930, a reivindicar o abandono do conceito de raça”. No entanto, apenas “depois da Segunda Guerra Mundial, e principalmente na década de 1950, que, no Brasil, o discurso intelectual – hegemônico – do branqueamento sofreu questionamentos sérios” (HOFBAUER, 2006, p. 261)⁹.

Como essa pesquisa abordará o tema do racismo em dois períodos históricos distintos, é importante observar, no caso do primeiro estudo, que nos anos de existência da Liga Esportiva Rio Branco (1926 – 1930), as concepções racialistas do século XIX, de que o negro possuía uma inferioridade biológica, ainda estavam vigentes. Além disso, a tese de que a miscigenação racial seria positiva para o Brasil só saiu vitoriosa através da argumentação de que a mistura racial faria prevalecer as características dos brancos, a chamada ideologia do branqueamento (ORTIZ, 1985; SCHWARCZ, 1995).

Alguns teóricos analisaram também a forma como a discriminação racial se manifesta no Brasil. O racismo brasileiro desenvolveu-se de forma diferenciada em relação a outros países que também se utilizaram da exploração do trabalho do escravo africano¹⁰. Segundo DaMatta (1981 e 1997) nos casos norte-americano e

⁹ Cabe salientar o impacto dos crimes raciais cometidos pelos nazistas para essa mudança de mentalidade, pois o holocausto chocou grande parte da humanidade, despertando o debate sobre os horrores que uma ideologia racista poderia ocasionar.

¹⁰ É importante observar que afirmar que o racismo brasileiro é diferente não significa de forma alguma que ele tenha sido mais ameno do que as tensões raciais de outros países. Esse tipo de interpretação, originada na década de 1930 e consolidada nas décadas de 1940 e 1950, começou a ser criticada pelas ciências sociais e humanas desde o final dos anos 1960 e foi superada a partir dos

sul-africano os brancos só conseguiram perpetuar a sua dominação sobre os negros através da criação de leis segregacionistas, pois se tratavam de sociedades bem mais competitivas, menos desiguais. A sociedade brasileira, ao contrário, já era desigual e hierarquizada, então não foi necessária, após a abolição, a realização de uma segregação amparada em leis, visto que os negros já estavam numa condição de subalternidade a partir da própria estrutura social. “Racismo à brasileira” é um dos termos utilizados para referir-se a essa especificidade do preconceito racial brasileiro. Enquanto nos EUA operou a lógica do “iguais, mas separados”, aqui o racismo se apresenta na lógica do “diferentes, mas juntos” (Idem, 1997, p. 18) e de “um lugar para cada coisa, de modo que cada coisa fique no seu lugar” (Idem, 1981, p. 83).

Atentar-se para essas particularidades apontadas por Damatta (1981; 1997) a respeito do racismo brasileiro, não significa que ele deva ser considerado mais brando do que o racismo de outros países. Adorno (1995) pesquisou os crimes violentos da cidade de São Paulo no ano de 1990 e constatou que brancos e negros cometeram crimes em iguais proporções, mas que os negros tenderam a ser mais perseguidos pela polícia, enfrentaram maiores obstáculos de acesso à justiça criminal e tiveram mais dificuldade de usufruir do direito de ampla defesa, sendo mais punidos, e com maior rigor, que os réus brancos. Hasenbalg (2005) realizou um estudo estatístico com 1314 pessoas de seis estados do Centro-Sul do Brasil que demonstrou que o efeito do racismo é percebido inclusive entre indivíduos negros e não-negros de uma mesma classe social. Na referida pesquisa, comparada a brancos com as mesmas condições socioeconômicas, a população negra apresentou menores possibilidades de ascensão social, de oportunidades educacionais e de remuneração.

Após a década de 1950 o conceito de raça, do ponto de visto biológico, foi completamente superado pela ciência. No entanto, isso não significou o fim do racismo. Os naturalistas, desde o século XVIII, não se limitaram a classificar os humanos somente a partir das características físicas, estabelecendo também uma escala de valores entre as raças, que colocava os brancos como superiores. Essa hierarquização das raças transformou-se numa teoria chamada raciologia que,

anos 1980, quando estudos empíricos, alguns inclusive estatísticos, deixaram evidente a desigualdade racial no Brasil (GUIMARÃES, 2004).

quando abandonada nos espaços intelectuais e acadêmicos, já havia se diluído na sociedade e foi recuperada por movimentos políticos nacionalistas como o nazismo. A raça se transformou, portanto, em um conceito ideológico e político e é através dessas “raças sociais” que o racismo se reproduz na população em geral (MUNANGA, 2004). Por isso a raça é um conceito utilizado pelos pesquisadores das ciências sociais, que “justificam o uso do conceito por ser uma realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão” (MUNANGA, 2004, p. 23).

A partir dos anos 1970, no entanto, ocorreu um processo de deslocamento do sentido biológico do conceito de raça para um sentido histórico-cultural:

Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam nossas representações e imaginários coletivos. Enquanto o racismo clássico se alimenta da noção de raça, o racismo novo se alimenta da noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um léxico mais aceitável que a raça (MUNANGA, 2004, p. 27).

Esse novo racismo se constrói a partir das diferenças culturais e identitárias, o que cria um paradoxo: racistas e antirracistas defendem o respeito as diferenças culturais. Usar o conceito de “etnia” ao invés de “raça” é apenas uma “fala politicamente correta” que não muda em nada a realidade do racismo. Munanga (2004) normalmente utiliza os conceitos de “negros” e “brancos” e de “população negra” e “população branca” no lugar dos conceitos de “raça negra” e “raça branca”.

Almeida (2019, p. 15) esclarece que o racismo não é um problema que se manifesta de forma momentânea e individual, mas está presente nas estruturas da sociedade brasileira:

O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. Em suma, [...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade.

A compreensão de que o racismo não é somente individual ou institucional, mas estrutural, demanda uma mudança de postura no seu enfrentamento. A

concepção de que o racismo é um problema individual, leva a estratégias de combate relacionadas à punição judicial dos indivíduos e ao investimento em campanhas de conscientização. Sem desmerecer ou diminuir essas medidas, entender que o racismo é parte da estrutura da sociedade demanda ações mais profundas, como a criação de políticas sociais afirmativas e mudanças estruturais de médio e longo prazo (ALMEIDA, 2019).

4 Caminhos Metodológicos

O primeiro artigo a ser produzido, realizará um mapeamento dos artigos publicados a respeito do tema do racismo no futebol em periódicos científicos com escopo na Educação Física que, no Qualis/Capes do quadriênio 2013-2016, foram classificados pela área 21 no extrato B2 ou superior. A metodologia deste estudo será a revisão sistemática qualitativa.

A revisão sistemática possibilita a interpretação de categorias representativas de uma realidade específica e/ou a identificação de temas que revelem a necessidade de evidências, auxiliando, assim, na orientação para investigações futuras (MULROW, 1994).

Na revisão sistemática qualitativa os resultados não são analisados através de uma meta-análise, estatística, mas sim de uma metassíntese (MEDINA; PAILAQUILÉN, 2010, p. 7).

O método completo de revisão seguirá as indicações de Gomes e Caminha (2014, p. 406), realizando os seguintes passos: 1- identificação da necessidade da revisão sistemática sobre o tema escolhido; 2- preparação de uma proposta para a revisão sistemática; 3- seleção das bases de dados, descritores e estudos; 4- 1ª reunião de consenso; 5- Avaliação da qualidade das pesquisas; 6- organização dos dados a serem incluídos; 7- 2ª reunião de consenso; 8- extração, síntese e interpretação dos dados (metassíntese) e 9- redação do texto final e recomendações.

Levando em conta o escopo das revistas, as selecionadas foram as seguintes: Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Motrivivência (Florianópolis); Motriz: Revista de Educação Física (Online); Movimento (UFRGS. Online); Pensar a Prática (Online); Revista Brasileira

de Ciências do Esporte (Online); Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e Revista da Educação Física (UEM. Online). A pesquisa ocorrerá nas ferramentas de buscas das próprias revistas pelo fato de as mesmas não estarem todas indexadas em bases de dados.

Em cada revista serão utilizados os descritores “Futebol”; “Racismo”; “Negro”, “Injúria racial” e “Preconceito” de forma combinada, ou seja: “futebol AND racismo”; “futebol AND negro”; “futebol AND preconceito” e “futebol AND injúria racial” para a busca de artigos publicados em inglês, português ou espanhol. Não foi considerado especificar ano para início da busca por se tratar de um assunto que faz parte da história do futebol. Serão realizadas três rodadas de leitura e exclusão de artigos, sendo mantidos aqueles com temáticas alinhadas aos objetivos do estudo.

Na primeira rodada serão lidos somente os títulos, na segunda os resumos e na terceira o artigo completo. Ao final desse processo, os artigos selecionados serão analisados, com foco principal nas temáticas abordadas, nas metodologias utilizadas e nos resultados encontrados.

No caso do segundo artigo produzido por esta pesquisa, sobre a Liga Esportiva Rio Branco, da cidade de Rio Grande, o corpus empírico da pesquisa serão jornais diários e semanais da cidade de Rio Grande. Ao trabalhar com periódicos, as considerações de Fraga (2004) são o ponto de partida, pois ele coloca que, ao ter contato com o jornal, “nos deparamos não com reproduções exatas, mas com interpretações do acontecido, interpretações estas carregadas da subjetividade de seus produtores” (FRAGA, 2004, p. 22). É importante assinalar que cada jornal, longe da ilusão da imparcialidade, expressa ideias e juízos do grupo que o comanda e mantém. Sobre essa questão, Espig (1998, p. 274) alerta que um dos maiores problemas do uso dos jornais como fontes históricas “é a ausência de uma crítica interna ao conteúdo jornalístico, e sua utilização como se este fosse uma fonte precisa, na qual a informação é válida por si mesma”.

Assim, as fontes escritas precisam ser tratadas com extremo cuidado, evitando equívocos que poderiam ser causados pela ideia de que elas correspondem à realidade objetiva.

Para o terceiro artigo da tese, a respeito das memórias dos ex-futebolistas negros, as principais fontes utilizadas na pesquisa serão as entrevistas, realizadas através da metodologia da História Oral, segundo a concebem os autores Thompson

(1988) e Meihy (1998). Mais especificamente, a coleta dos depoimentos seguirá os princípios da história oral temática, ou seja, o foco principal serão as memórias relacionadas ao racismo no futebol e não toda a trajetória de vida do entrevistado.

A escolha dos componentes da rede teve como critério comum de inclusão o fato de todos os narradores serem ex-futebolistas negros que atuaram em clubes profissionais das cidades de Rio Grande e Pelotas na segunda metade do século XX e no início do século XXI. As datas iniciais e finais exatas não foram escolhidas previamente e serão definidas a partir do início da carreira futebolística do ex-jogador mais velho entrevistado e do fim da carreira do jogador que se aposentou dos gramados mais recentemente.

Quanto ao número de ex-futebolistas entrevistados, cabe destacar que uma das principais características da história oral, de acordo com autores como Thompson (1988); Montenegro (2010); Portelli (2010), e Meihy (1998), é que a definição do número total de participantes da rede de depoentes, seja definida no decorrer do processo de coleta de dados, pois muitas vezes um depoente indica outro e assim a rede estende-se até começar a aparecer alguns “pontos de saturação”, ou seja, quando as entrevistas não trazem mais componentes novos para a pesquisa.

Além dos pontos de saturação das entrevistas, autores como Montenegro (2010) e Portelli (2010) consideram a partir de 5 entrevistados, um bom indicador quantitativo para orientar as pesquisas de História Oral com entrevistas temáticas, como é o caso dessa pesquisa. Como os campos "tamanho da amostra" e "número de indivíduos abordados" da Plataforma Brasil só permitem caracteres numéricos, optamos por colocar ali o provável número de entrevistados: 6. Todavia, o número final de entrevistados deverá estar entre 5 e 8 ex-futebolistas, conforme será avaliado no decorrer da coleta das entrevistas.

A História Oral pressupõe uma aproximação do conceito de memória. Uma primeira consideração necessária, ao se trabalhar com memória, é que, conforme CANDAU (2011, p. 65) “no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida”. Reafirmar isso, não é minimizar a importância de determinada fonte em relação a outras, mas, sobretudo, perceber que ela pode servir a objetivos diferentes. Essa

colocação sobre a forma como a memória opera, está intimamente ligada a uma das principais precauções a serem adotadas logo no início do trabalho com essa metodologia:

[...] uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pertinência da pergunta: “como os entrevistados viam e vêem o tema em questão?”. Ou: “O que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?”. (ALBERTI, 2005, p. 30)

Além disso, existem pesquisas que aplicam entrevistas apenas para preencher vazios documentais sobre determinados temas, embora isso seja aceito, a história oral pode/deve ter um papel maior, quando

[...] identificam-se casos de segmentos que não tiveram oportunidade de apresentar argumentos que são considerados diferentes. Essas narrativas interessam mais do que as eventuais informações que contenham. Por possuir os próprios argumentos ou versões subjetivas capazes de iluminar o contexto de outra maneira, são essas as razões da história oral. O que se propõe é que, antes de tudo, se busque formular suportes documentais que menos cuidem de informar e mais de produzir estratégias capazes de permitir o entendimento além das informações. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 31)

As coletas das entrevistas terão início somente após o parecer favorável dos comitês de ética reguladores das pesquisas com seres humanos da UFPel. O local de realização das entrevistas será acordado com cada um dos sujeitos entrevistados, cuidando para não comprometer a rotina de trabalho e outros compromissos dos mesmos. Os indivíduos que participarão da pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹¹. Pretende-se que as entrevistas ocorram individualmente com cada um dos sujeitos incluídos nessa pesquisa. As mesmas serão gravadas com gravador de voz e enviadas a cada entrevistado após a transcrição. Só será feito o uso das passagens após a autorização pelos participantes da pesquisa.

Antes de realizar a assinatura e receber o aceite dos indivíduos que irão participar da pesquisa, será realizada a leitura do TCLE. Este deverá ser rubricado na primeira folha pelo sujeito da pesquisa e assinado na segunda, em duas vias, assim, garantindo a participação do mesmo. Desse modo, uma via será entregue ao

¹¹ Anexo B.

participante e a outra armazenada na secretaria do PPGEF/UFPel, a qual, após o período de cinco anos será descartada pelo pesquisador de forma apropriada.

Aspectos Éticos

Riscos: Com relação à possibilidade de riscos decorrentes dessa pesquisa, estes são mínimos, podendo apenas alguma pergunta incluída na entrevista causar certo constrangimento aos sujeitos. Caso o pesquisador identifique essa situação, será oportunizado ao entrevistado suporte com psicólogo. Na ocorrência de algum problema de saúde mais grave, a SAMU 192 será imediatamente comunicada para proceder às devidas providências. Além disso, em qualquer momento os sujeitos poderão deixar de responder alguma pergunta ou até mesmo cessar o processo no momento em que desejarem.

Benefícios: A pesquisa visa contribuir com a produção de conhecimento sobre a discriminação racial no futebol brasileiro, modalidade esportiva que foi desenvolvida no Brasil com grande contribuição dos negros, mas que apesar disso continua sendo palco de manifestações racistas direcionadas a jogadores, proferidas principalmente pelas torcidas. O próprio entrevistado poderá se beneficiar pelo estudo na medida em que estaremos dando voz a ele, sobre um tema que era muito delicado nas décadas passadas, motivo pelo qual ele pode não ter se sentido instigado a falar sobre o assunto na época.

Explicitação das responsabilidades do pesquisador

O pesquisador responsabiliza-se por todos os procedimentos envolvidos na pesquisa. Mantendo compromisso com o anonimato ou não dos participantes, de acordo com a escolha do entrevistado, bem como assumindo a responsabilidade com o cumprimento integral da Resolução CNS nº 466/2012 que rege as pesquisas com seres humanos. O estudo só terá início mediante submissão e aprovação nos comitês reguladores Plataforma Brasil e Comitê de ética da UFPel.

Explicitação de critérios para suspender ou encerrar a pesquisa

A suspensão da pesquisa acontecerá frente à recusa da participação dos entrevistados. Cada entrevistado poderá comunicar ao pesquisador verbalmente, sua não concordância com a realização da pesquisa.

Declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos

Ao término deste estudo, serão divulgados os resultados da pesquisa através de artigos publicados em revistas e participações em eventos na forma de comunicação oral. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados produzidos exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Declaro, ainda, que não há conflitos de interesses entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto em questão.

Declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados produzidos

Declaro que durante a realização da pesquisa os dados (gravações, informações cadastrais e consentimentos) ficarão sob a confiança do pesquisador responsável para poder realizar a análise e comparação entre eles. Após, os mesmos serão arquivados em caixa lacradas por cinco anos, para que se assegure a validade do estudo. Serão armazenados na secretaria do PPGEF/UFPel.

Pretende-se finalizar a coleta de dados até dezembro de 2020 e a pesquisa propriamente até julho de 2021. Os resultados serão divulgados em eventos e publicados em periódicos científicos. Os resultados serão divulgados também junto aos ex-jogadores entrevistados.

Orçamento

Todas as despesas ficarão sob responsabilidade da proponente dessa pesquisa, conforme tabela a seguir.

6 Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2010.

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. G. Os jogos de futebol “preto x branco” e a dramatização da questão racial no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.4, 2011.

_____. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.1, p.47-61, 2012(A).

_____. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012(B).

_____. Futebol e lazer: uma análise sobre o “racismo à brasileira” através dos jogos “preto x branco”. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.3, 2012(C).

ADORNO, S. Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.43, 1995, pp.45–63.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: Vera Portocarrero e Guilherme Castelo Branco. (Org.). **Retratos de Foucault**. 1 ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000, v. , p. 117-137.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 985-998, 2016.

BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.741-748, 2009.

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, nº 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.

DOMINGUES, P. O “campeão do Centenário”: raça e nação no futebol paulista. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, set./dez., 2015.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, 1998.

FLORENZANO, J. P. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte). **Ludopédio**, São Paulo, v. 123, n. 5, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **A arqueologia do saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FRAGA, G. W. **Branços e Vermelhos**: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal *Correio do Povo* (1936-1939). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira**: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FREYRE, G. **Casa-grande y senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 48ª ed. São Paulo, Global, 2003.

GIGLIO, S. S.; TONINI, M. D.; RUBIO, K. “Do céu ao inferno”: a história de Baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, pp. 259-292, 2014.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre o manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014.

GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol.** [online], São Paulo, v. 47, n.1, p. 9-43, 2004.

_____. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. Charqueadas. In: LONER, B. A.; GILL, L. A. MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas** [recurso eletrônico]. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel [FAU - Fundação de Apoio Universitário], 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HASENBALG, C. “Mobilidade social, desigualdade de oportunidades e raça”. In: _____. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. pp. 207–232.

HELAL, R.; TEIXEIRA, J. P. V. O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. **Revista de ciências sociais**, Fortaleza, v.42, n.1, pp.77–88, jan./jun. 2011.

HOBSBAWM, E. **Mundos do trabalho**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LISE, R. S. et al. O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 821-833, 2015.

LONER, B. A. **Classe Operária – Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas, Ed. Da UFPel, 2010.

LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.; SILVA, F. T. e FORTES, A. (Orgs.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004, p. 121-163.

MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

MACKEDANZ, C. F.; SILVA, D. V. da; RIGO, L. C. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919–1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**, São Paulo, v. 70, pp. 235-260, jan./abr., 2021.

MASCARENHAS, G. **A bola nas Redes e o Enredo do Lugar**: por uma Geografia do Futebol e de Seu Advento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MEDINA, E. U.; PAILAQUILÉN, R. M. B. A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 4, p. 1- 8, jul./ago. 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEIHY, J.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, A. T. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MULROW, C. D. Systematic reviews: rationale for systematic reviews. **BMJ**, London, n. 309, p. 597-599, sept. 1994.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB UFF**, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense**: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942). Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

ORTIZ, R. “Memória coletiva e sincretismo: as teorias raciais do séc. XIX”. In: _____. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

_____. Leônidas da Silva: Um ídolo negro no Brasil de Getúlio Vargas. In: FERREIRA, J.; CARLONI, K. (Orgs.). **A República no Brasil**: trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura [livro eletrônico]. Niterói: Eduff, 2019.

PIMENTA, I. S. **O discurso midiático e o racismo no futebol**: uma abordagem sistêmico-funcional para a análise dos padrões de julgamento. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e verso, 2010.

RIAL, C. S. Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiro no Exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.14, n.30, pp.21–65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RIGO, L. C.; MACKEDANZ, C. F. A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX. In: GUAZELLI, C. A. B.; FRAGA, G. W.; STÉDILE, M. E. A.; QUINSANI, R. H. (Orgs.). **À Sombra das Chuteiras Meridionais**: uma história social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. pp. 43–60.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

SANTANA, W. P. **As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição**: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924). Monografia (Bacharelado em História), Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, H. S. dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, J. A. dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Editora UFPel, 2003.

_____. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado em História Econômica), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, J. R. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, R. P. dos. **História, conceitos e futebol**: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889–1912). Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, S. A. dos. Mídia e o “caso Tinga” no Peru: um novo paradigma de representação das relações raciais na televisão brasileira? **Revista da ABPN**, v.6, n.13, mar./jun. 2014, pp.273–299.

SCHWARCZ, L. K. M. Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil. In: VILLAS BOAS, G. & GONÇALVES, M. A. (org.). **O Brasil da virada do século**: o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SILVA, A. P. **Pelé e o complexo de vira-latas**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, S. R. da. **Tua imensa torcida é bem feliz...** da relação torcedor com o clube. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Departamento de Estudos de Lazer, Campinas, São Paulo, 2001.

SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOARES, A. J. G. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, D. A. de. Mário Filho e o messianismo de Pelé (1958–1966). **Ludopédio**, São Paulo, v. 123, n. 12, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/mario-filho-e-o-messianismo-de-pele-1958-19661a-parte/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SOUZA, M. T. O. S. et al. Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 230-240, 2015.

STÉDILE, M. E. A. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História oral. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

TONINI, M. D. **Dentro e fora de outros gramados**: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas de atuação no futebol brasileiro. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria da Unicamp, 2020.

TORRES, L. H. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **Biblos**, Rio Grande, v.22, n.1, pp.101-117, 2008.

VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

ANEXO A — ROTEIRO DA ENTREVISTA

Dados pessoais

Nome:

Nascimento e Naturalidade:

Raça:

É casado? Tem filhos?

Atualmente tem algum vínculo profissional?

Eixo Temático	Pergunta
Relação com o futebol	Como começou sua relação com o futebol (desde a infância)? Foi incentivado por algum familiar? Jogou no amador?
	Jogou profissionalmente por quanto tempo? Em quais clubes?
	Trabalhou em outra função após encerrar a carreira como jogador?
Discriminação Racial	A gente percebe ainda hoje casos de racismo no futebol. Você presenciou algum caso de racismo no futebol? Ao longo de sua carreira, você já enfrentou alguma situação em que você foi tratado de forma diferente por causa da cor da sua pele? Qual foi sua reação?
	Você acha que os casos de racismo no futebol na sua época eram um pouco diferentes dos casos atuais? E as reações das federações? Havia punições?
Diferentes atores do futebol	E os outros personagens do futebol, como árbitros, gandulas, jornalistas, torcida, jogadores etc.? Você já presenciou algum caso de discriminação realizado por parte desses indivíduos?
Clubes e Cidades	Você percebeu diferenças no ambiente dos diferentes clubes pelos quais você jogou? Em algum você sentiu que os jogadores negros tinham mais liberdade para opinar que em outro? E a questão salarial, era muito diferente dentro do elenco para negros e brancos?
	Algum clube que você jogou tinha um setor focado no combate à discriminação ou um profissional que pudesse dar suporte a jogadores que passassem por injúrias?
	Você percebeu diferenças no tratamento aos jogadores negros nas diferentes cidades nas quais seu time ia jogar? Os torcedores de um determinado time eram mais hostis?

Superação	Sabemos que o jogador é uma figura pública. O futebol já serviu em algum momento para você acessar espaços, na sua vida, que antes pareciam fechados para você? Quais? O que você acha que mudou, para que você passasse a ser bem recebido?
Livre	Sobre este tema, tem mais algum comentário que você gostaria de fazer?
Indicações	Você conhece outros ex-jogadores negros de Pelotas ou Rio Grande que eu possa entrevistar? Podes me conseguir o contato?

ANEXO B — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Dr. Luiz Carlos Rigo.

Pesquisador auxiliar: Me. Christian Ferreira Mackedanz.

Instituição: Universidade Federal de Pelotas.

Endereço: R. Luís de Camões, 625 - Três Vendas, Pelotas - RS, CEP 96055-630.

Telefone: (53) 98156-0484 / (53) 3273-2752.

Concordo em participar do estudo *“Discriminação racial e ascensão social: o negro no futebol pelotense e rio-grandino”*. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será *“Problematizar histórias de racismo e de resistência a ele, nas memórias futebolísticas das cidades de Pelotas e de Rio Grande”*, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá *“entrevistas, realizadas através da metodologia conhecida como História Oral Temática”*.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: *Com relação à possibilidade de riscos decorrentes dessa pesquisa, estes são mínimos, podendo apenas alguma pergunta incluída na entrevista causar certo constrangimento aos sujeitos. Caso o pesquisador identifique essa situação, será oportunizado ao entrevistado suporte com psicólogo. Na ocorrência de algum problema de saúde mais grave, a SAMU 192 será imediatamente comunicada para proceder às devidas providências. Além disso, em qualquer momento os sujeitos poderão deixar de responder alguma pergunta ou até mesmo cessar o processo no momento em que desejarem.*

BENEFÍCIOS: *A pesquisa visa contribuir com a produção de conhecimento sobre a discriminação racial no futebol brasileiro, modalidade esportiva que foi desenvolvida no Brasil com grande contribuição dos negros, mas que apesar disso continua sendo palco de manifestações racistas direcionadas a jogadores, proferidas principalmente pelas torcidas. O próprio entrevistado poderá se beneficiar pelo estudo na medida em que estaremos dando voz a ele, sobre um tema que era muito delicado nas décadas passadas, motivo pelo qual ele pode não ter se sentido instigado a falar sobre o assunto na época.*

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade poderá permanecer confidencial durante todas as etapas do estudo, pois a História Oral define que o participante deve escolher se seu nome deverá ser revelado ou não.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Essa autorização () inclui () não inclui a revelação da identidade do participante.

Nome do participante/representante legal: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / _____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone CEP (53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____

Relatório de Campo

Este relatório tem como objetivo explicitar os caminhos metodológicos trilhados ao longo da investigação. Considerando que cada um dos três artigos desta tese foi elaborado através da utilização de uma metodologia bastante específica, o relatório também foi elaborado de forma particionada.

1 Revisão Sistemática Qualitativa

No primeiro artigo da tese foi realizada uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro, publicadas em periódicos científicos com escopo na Educação Física que, no Qualis/Capes do quadriênio 2013-2016, foram classificadas pela área 21 no extrato B2 ou superior.

Dois pesquisadores, de forma independente, realizaram buscas de artigos nas revistas científicas selecionadas, conforme critérios e descritores explicitados no item “caminhos metodológicos” do “projeto de pesquisa”.

Dos 184 artigos encontrados inicialmente, restaram 120 após a exclusão dos títulos repetidos, chegando a 25 artigos selecionados após a conclusão da etapa da leitura dos títulos. Após a leitura dos resumos e dos títulos 11 foram excluídos, resultando em 14 artigos selecionados para a realização do estudo.

A análise se concentrou principalmente nas metodologias utilizadas, item que gerou um resultado descritivo, e nas temáticas abordadas, assunto que foi dividido em cinco grandes categorias que abrigavam todos os 14 artigos: a) Os jogos Preto X Branco; b) A imprensa negra paulista e o futebol no início do século XX; c) Caso Barbosa e a Copa de 1950; d) Estilo de jogo e a influência da miscigenação; e) Casos de racismo e/ou injúria racial. Portanto, as temáticas abordadas foram trabalhadas de forma qualitativa, através do debate a respeito dos resultados encontrados nos artigos e da percepção de lacunas, de temas que não vêm sendo abordados pela área.

2 Jornais

No segundo artigo da tese foi analisada a emergência da Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930) em Rio Grande e o papel que ela desempenhou na cultura

futebolística da cidade, através da realização de uma pesquisa histórica documental, com jornais diários e semanais que circulavam na cidade de Rio Grande no período da existência da Liga.

A Liga Esportiva Rio Branco era uma espécie de liga alternativa a Liga Riograndense de Amadores, mais famosa na cidade. Por isso, os jornais da cidade privilegiavam os jogos desta liga, em detrimento daquela. Atentos a isso, escolhemos os jornais Echo do Sul e o Tagarella como ponto de partida.

A escolha do Jornal Echo do Sul deu-se principalmente por este ser considerado um jornal de oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense — o qual governava o Estado do Rio Grande do Sul à época — e que destinava um espaço significativo às notícias do operariado organizado. Já o jornal O Tagarella foi selecionado por tratar-se de um periódico que, similar ao jornal A Alvorada da cidade vizinha, Pelotas, dedicava um significativo espaço para a cobertura de temas pertinentes à cultura negra, como bailes, blocos de carnaval, espetáculos teatrais, jogos da Liga Esportiva Rio Branco, registros fotográficos de pessoas negras da cidade etc.

A busca no jornal Echo do Sul começou em janeiro de 1926, ano de criação da Liga Esportiva Rio Branco, e continuou até não serem encontradas mais informações a seu respeito por um período de três anos (1930 – 1933). O jornal O Tagarella só tem exemplares disponíveis de 1929, ano de fundação, até 1933 e todos eles foram consultados. Ao longo da pesquisa, de acordo com as informações encontradas, exemplares avulsos de outros jornais da cidade de Rio Grande foram consultados. A lista completa de jornais utilizados está disponível no item “fontes primárias” no final do segundo artigo da tese.

A análise dos dados indicou os nomes dos clubes que participavam da liga. Foi realizada uma busca paralela por notícias a respeito de cada um dos clubes que participaram de pelo menos uma edição da liga e um item do artigo foi escrito exclusivamente a respeito das origens e das atividades realizadas pelos clubes. O restante da análise foi cronológica, acompanhando a Liga Esportiva Rio Branco dos meses anteriores a sua criação até o seu desaparecimento, e relacionando os achados com referências teóricas e bibliográficas a respeito do tema do racismo e da história da cidade e do futebol brasileiro.

3 História Oral Temática

O terceiro artigo da tese analisou, através da história oral temática, as memórias de ex-jogadores negros que atuaram em clubes de futebol das cidades de Pelotas e Rio Grande na segunda metade no século XX e no início do século XXI. O recorte temporal exato deu-se a partir das carreiras dos ex-futebolistas, sendo de 1957, ano que Oscar Conceição começou a jogar no SC São Paulo de Rio Grande, até 2017, ano em que o jogador Cirilo se aposentou no GE Brasil da cidade de Pelotas.

A rede começou pelo ponto zero, com um depoimento exploratório do futebolista Ubiraci Souza de Souza, conhecido como Bira, uma referência do futebol da Zona Sul na década de 1980, e englobou outros cinco ex-futebolistas.

Pela proximidade existente entre Pelotas e Rio Grande e pelo fato de os futebolistas “rodarem” (RIAL, 2008) por diferentes clubes e cidades optamos pela constituição de uma única rede de narradores, apesar da delimitação geográfica da pesquisa abarcar as cidades de Pelotas e Rio Grande. Utilizamos as cidades para definir os ex-jogadores a serem entrevistados, mas os relatos de casos ocorridos em estádios de futebol de outras cidades do interior do Rio Grande do Sul também fizeram parte do estudo.

Considerando as dificuldades impostas pela pandemia de covid19, algumas entrevistas foram realizadas presencialmente, com gravador de voz, e outras foram feitas remotamente, através de videoconferência gravada. Em ambos os casos, o resultado final foi o depoimento transcrito, que foi lido e aprovado pelo narrador. O entrevistado foi quem decidiu qual forma de encontro preferia, presencial ou virtual.

As categorias de análise na história oral temática costumam ser semelhantes aos eixos temáticos das perguntas elaboradas no roteiro da entrevista, mas com grande possibilidade de adaptação a partir dos relatos dos narradores. Um exemplo disso é que inicialmente a pesquisa seria focada somente nos episódios referentes às carreiras como futebolistas, mas já nas duas primeiras entrevistas emergiu a questão dos treinadores e dos dirigentes negros, a qual foi incorporada ao estudo.

Portanto, a partir da realização das entrevistas emergiram as seguintes categorias de análise: a) racismo dentro de campo e nas arquibancadas; b) treinadores negros e o racismo estrutural e c) o racismo extrapola os estádios. A

análise foi realizada através do cruzamento dos dados empíricos com as referências teóricas e bibliográficas a respeito do tema do racismo, do trabalho com memórias e da história das cidades e do futebol brasileiro.

Artigo 1

O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF

Resumo

A discussão sobre o racismo no Brasil é um tema relevante e atual, sendo enfrentado cotidianamente pelos afro-brasileiros. No cenário futebolístico não é diferente e este artigo ocupa-se a fazer uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro, publicadas em periódicos científicos com escopo na Educação Física que, no Qualis/Capes do quadriênio 2013-2016, foram classificadas pela área 21 no extrato B2 ou superior. Divididos em cinco temáticas, encontrou-se resultados específicos: os jogos Preto X Branco buscaram reforçar a integração racial; a imprensa negra atuava no combate ao racismo; a culpa do jogador negro, Barbosa, na derrota de 1950 não se deveu às análises esportivas à época; a cultura negra como atributo fundamental no estilo brasileiro de jogar; por fim, a discriminação racial no meio é uma prática recorrente e as autoridades pouco têm feito para combatê-lo.

Palavras-chave: Futebol. Racismo. Revisão Sistemática.

Black people in Brazilian football: a systematic review based on national PE journals

Abstract

Racism in Brazil is a relevant and current discussion, being faced daily by the Afro-Brazilians. As it also happens in the football scenario, this article engages a systematic qualitative review of the scientific productions concerning black people in Brazilian soccer published in academic journals focused on Physical Education, classified in area 21, stratum B2 or higher in Qualis/Capes four-year period 2013-2016. Five subjects compose the specific results found: first, the Black X White games sought to reinforce racial integration; second, the black press acted to fight racism; third, Barbosa's fault, a black player, in 1950's defeat was not due to sports analyses at the time. Fourth, black culture is a fundamental attribute to the Brazilian play style, and lastly, racial discrimination in this environment is an iterant practice, and authorities have done little to fight it.

Keywords: Football. Racism. Systematic Review.

Introdução

O Futebol Moderno trata-se de uma modalidade do Esporte Moderno (ELIAS e DUNNING, 1992), o qual emerge no contexto Inglês do século XIX e logo se dissemina para outros países e continentes, tornando-se, no século XX, o “Esporte das Multidões”

(GIULIANOTTI, 2002). Todavia, essa rápida proliferação do futebol moderno, em muitos territórios, iniciou-se a partir das relações que as elites desses países mantinham com as elites inglesas (LOPES, 2004, p. 125). No Brasil, no entanto, esta distinção social foi potencializada pela conjuntura histórica nacional, uma vez que o futebol chega a um país que completava apenas uma década do fim da escravidão, no qual as tensões raciais existentes no contexto da inclusão dos negros no mercado de trabalho assalariado eram intensas (DOMINGUES, 2009; LONER, 1999, p. 240-280).

Assim, apesar de a maior parte dos clubes de futebol fundados no Brasil no final do século XIX e no começo do século XX ter se inspirado ou influenciado pelo futebol inglês, registros históricos assinalam que, nessa mesma época, em diferentes regiões do país muitos operários e negros também passaram a se interessar pelo futebol (PEREIRA, 1998; RIGO, 2004; MASCARENHAS, 2014).

Este interesse pelo futebol de indivíduos de diferentes classes sociais e etnias produziu uma série de conflitos. Pereira (1998, p. 53-71) mostra a presença desses embates no futebol do Rio de Janeiro, no início do Século XX. Parte deles envolvia a Liga Metropolitana de Sports Atlético, hegemônica por agremiações mais elitizadas, e a Liga Suburbana, entidade na qual as agremiações constituídas por operários e negros eram aceitas. Um exemplo desses conflitos foi o episódio, ocorrido em 1907, no qual a Liga Metropolitana enviou ofício aos clubes comunicando que “resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (PEREIRA, 1998 p. 63). Essa deliberação fez com que o Bangu Athletic Club deixasse a Liga Metropolitana e aderisse à liga Suburbana.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, essa proliferação do futebol logo fez emergir em diferentes cidades brasileiras agremiações futebolísticas constituídas por operários e negros (MASCARENHAS, 1999; MACKEDANZ, 2016; SANTOS, 2018; SANTOS, 2010;

OLIVEIRA, 2005; RIGO, 2004). No Rio Grande do Sul, por exemplo, há registros de clubes e também de ligas futebolísticas que eram compostas por agremiações negras, como é o caso da Liga José do Patrocínio, fundada em 1919 na cidade de Pelotas (MACKEDANZ, 2016) e a Liga Nacional de Foot-Ball Porto-Alegrense, fundada em 1920 em Porto Alegre (MASCARENHAS, 1999; SANTOS, 2018).

O processo de profissionalização do futebol, reconhecido oficialmente em 1933, após duas décadas de amadorismo marrom¹, contribuiu para intensificar a popularização/democratização desta modalidade, favorecendo a entrada de jogadores pobres e negros, que antes acabavam não conseguindo se manter apenas como amadores, em um número maior de clubes futebolísticos (SANTOS, 2010²; RIGO, 2004, p. 130-141).

Fraga (2009, p. 173) adverte, porém, que a profissionalização não significou um fim ou mesmo uma atenuação nas tensões raciais do futebol de um país de passado escravista como o Brasil. Tal aceitação de jogadores negros nos clubes estaria condicionada à prévia abertura da equipe a não brancos, e à comprovação de que o atleta negro traria acréscimo incontestável à qualidade do elenco.

Os recorrentes casos contemporâneos de injúrias raciais contra jogadores de futebol, proferidas por jogadores adversários ou pelas torcidas rivais ou até do próprio clube, nos fazem refletir se, neste país que por muitos anos veiculou internacionalmente a imagem de uma democracia racial, o racismo no futebol realmente foi superado. Conforme Guimarães (2005, p. 67) acertadamente adverte, ainda que a distinção entre raças seja uma ideia biológica

¹ Um amadorismo de fachada, que fornecia “benefícios” aos jogadores. Variavam desde horários de trabalho “flexíveis”, mobílias, empregos melhores até gratificações em dinheiro.

² Santos (2010) faz algumas ressalvas sobre a narrativa construída a respeito do papel do Club de Regatas Vasco da Gama na democratização do futebol brasileiro, mostrando que muitos dos jogadores pobres e negros que integravam o time campeão carioca de 1923, foram tratados como “operários da bola”, os quais recebiam salários menores do que o lucro que geravam. O autor alerta também que alguns encerraram suas carreiras, precocemente, desamparados pelo clube. Todavia, apesar disso, o autor não contesta a ideia de que os acontecimentos ocorridos no CR Vasco da Gama, em 1923, representam uma ruptura no clube e, também, um marco para a historiografia do futebol brasileiro.

errônea, já ultrapassada, ela é socialmente eficaz para construir e manter privilégios, ou seja, se elas não existem no sentido científico, elas existem no mundo social e por isso o racismo é um fenômeno que precisa ser estudado.

Considerando a grande diversidade de temáticas de pesquisa sobre o racismo no futebol, faz-se necessário um balanço das publicações já realizadas, que apresente e discuta os principais temas que estão sendo tratados e, se possível, que aponte potenciais temáticas que não estejam recebendo a devida atenção dos pesquisadores.

Com esse objetivo, foi realizada uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro, desde temáticas ligadas à influência étnica dos afro-brasileiros no estilo nacional de jogar futebol até estudos sobre os episódios de racismo e injúria racial no referido esporte, publicados em periódicos científicos com escopo da Educação Física, classificados no extrato B2 ou superior no Qualis da área 21 da CAPES, no quadriênio 2013-2016.

Apesar do tema futebol e também do subtema futebol e racismo estarem longe de ser uma exclusividade de estudo do campo da Educação Física, neste artigo, de maneira estrita, delimitamos a busca em revistas com escopo na Educação Física por interessar-nos diagnosticar e analisar, especificamente, qual o trato que a área mencionada tem dado ao subtema futebol e racismo.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão sistemática qualitativa. A revisão sistemática possibilita a interpretação de categorias representativas de uma realidade específica e/ou a identificação de temas que revelem a necessidade de evidências, auxiliando, assim, na orientação para investigações futuras (MULROW, 1994). Na revisão sistemática

qualitativa os resultados não são analisados através de uma meta-análise, estatística, mas sim de uma metassíntese (MEDINA; PAILAQUILÉN, 2010, p. 7).

O método completo de revisão seguiu as indicações de Gomes e Caminha (2014, p. 406), realizando os seguintes passos: 1- identificação da necessidade da revisão sistemática sobre o tema escolhido; 2- preparação de uma proposta para a revisão sistemática; 3- seleção das bases de dados, descritores e estudos; 4- 1ª reunião de consenso; 5- Avaliação da qualidade das pesquisas; 6- organização dos dados a serem incluídos; 7- 2ª reunião de consenso; 8- extração, síntese e interpretação dos dados (metassíntese) e 9- redação do texto final e recomendações.

Dois pesquisadores, de forma independente, realizaram buscas nas revistas científicas brasileiras com escopo na Educação Física, classificadas na área 21 da CAPES, nos extratos B2 ou superior no WebQualis, no quadriênio 2013-2016³. São elas: Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Motrivivência (Florianópolis); Motriz: Revista de Educação Física (Online); Movimento (UFRGS. Online); Pensar a Prática (Online); Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Online); Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e Revista da Educação Física (UEM. Online). A pesquisa ocorreu nas ferramentas de buscas das próprias revistas pelo fato de as mesmas não estarem todas indexadas em bases de dados.

Todas as oito revistas brasileiras selecionadas possuem certa aderência à área das ciências humanas e sociais (conforme mostra o escopo das respectivas revistas, sistematizados na tabela 1), propiciando a publicação de estudos que tratam do Esporte e da Educação Física a partir da perspectiva das ciências humanas.

³Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Tabela 1 – Escopo dos periódicos analisados

Revista	Escopo
Licere	Está aberta para receber contribuições de profissionais das mais diferentes áreas de atuação e formação, desde que tenham o intuito de contribuir para o avançar da discussão sobre o Lazer em nosso contexto.
Motrivivência	Apresenta a cultura corporal na sua interface com as ciências humanas e sociais, abordagens socioculturais, filosóficas e pedagógicas na EF e áreas afins.
Motriz	Tem como missão a divulgação da produção científica em Ciências da Motricidade Humana e áreas correlatas, objetivando contribuir com a discussão e o desenvolvimento do conhecimento nestas áreas.
Movimento	Aborda temas relacionados ao campo da EF em interface com as Ciências Humanas e Sociais, em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais.
Pensar a Prática	Enfoca as questões referentes à cultura corporal e do movimento humano, proporcionando o debate do campo acadêmico e profissional da EF.
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Publica pesquisas originais sobre os diferentes temas que compõem a área de EF/Ciências do Esporte. Divulga a diversidade e variedade teórica, metodológica, disciplinar e interdisciplinar das pesquisas nacionais e internacionais.
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Discute temáticas que contribuam para o avanço do conhecimento nas áreas de EF, Esporte e afins.
Revista da Educação Física	Realiza uma política de inserção de temáticas abrangentes possibilitando a diversidade das subáreas da Educação Física e Esportes, contribuindo para o conhecimento das Ciências da Saúde/Humanas.

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Em cada revista foram utilizados os descritores “Futebol”; “Racismo”; “Negro”, “Injúria racial” e “Preconceito” de forma combinada, ou seja: “futebol AND racismo”; “futebol AND negro”; “futebol AND preconceito” e “futebol AND injúria racial” para a

busca de artigos publicados em inglês, português ou espanhol. Não foi considerado especificar ano para início da busca por se tratar de um assunto que faz parte da história do futebol. O levantamento foi realizado em 10 de setembro de 2019.

Na presente revisão, foram considerados como critérios de inclusão artigos que tratassem exclusivamente de casos, relatos e análises que abordassem como tema principal o racismo e/ou a influência negra no futebol brasileiro⁴. Os artigos incluídos foram avaliados utilizando como ordem para seleção o título, o objetivo, o resumo e, posteriormente, a metodologia utilizada, objetivando encontrar apenas os trabalhos realizados com a temática escolhida.

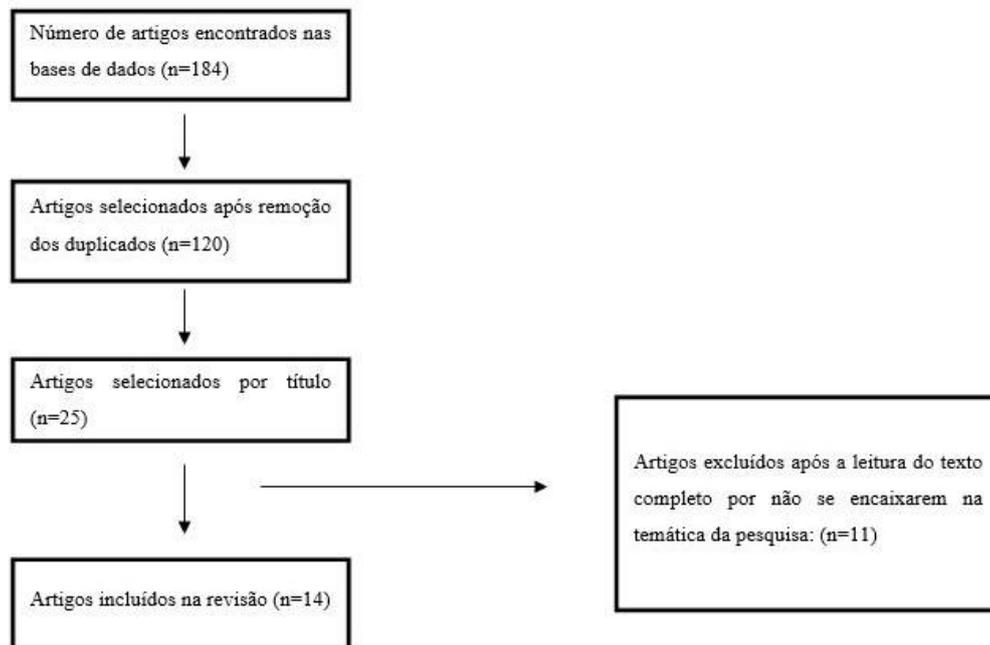
Após a leitura dos títulos, foram mantidos os artigos com temáticas alinhadas aos objetivos do estudo. De modo subsequente, foram analisados os resumos e as metodologias. Por fim, os dados foram extraídos dos artigos que cumprissem os critérios de inclusão acima indicados, ação realizada pelos autores do trabalho. Os dados dos artigos incluídos são apresentados na forma textual e tabular, considerando as variáveis de interesse.

Resultados e Discussão

A ilustração 1 apresenta o fluxo das buscas e das depurações. Dos 184 artigos encontrados inicialmente restaram 120 após a exclusão dos títulos repetidos, chegando a 25 após a conclusão da etapa de leitura de títulos. Através da leitura completa, 11 foram excluídos, resultando em 14 artigos para a realização do estudo.

⁴ Cabe destacar que não encontramos nenhum artigo sobre o racismo/discriminação racial no futebol na escola. No ambiente escolar, verificamos que os trabalhos que trataram do preconceito no futebol abordaram questões de gênero, apenas.

Ilustração 1: Fluxograma do processo de seleção dos artigos nas bases de dados



Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Todos os 14 artigos incluídos no levantamento utilizaram-se de metodologias do campo das pesquisas qualitativas. Cinco (CAVALCANTI e CAPRARO, 2009; ABRAHÃO e SOARES, 2011A; ABRAHÃO e SOARES, 2012A; ABRAHÃO e SOARES, 2012B; ABRAHÃO e SOARES, 2017) fizeram uso exclusivamente fontes documentais (jornais, imprensa digital, revistas etc.). Dois (SANTOS *et al.*, 2010; LISE *et al.*, 2015) associaram fontes documentais à análise de discurso.

Souza *et al.* (2015) aliaram fontes documentais à história do tempo presente. Bandeira e Seffner (2016) combinaram fontes documentais e observação participante. Abrahão e Soares (2012C) uniram análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Abrahão *et al.* (2011) utilizaram entrevistas semiestruturadas. Abrahão e Soares (2009) produziram um artigo conceitual. Anjos (2007) realizou um estudo de caso sobre o ex-

futebolista Tesourinha. Em alguns estudos, as metodologias são mais explícitas e, em outros, menos.

Os artigos incluídos nesta revisão foram divididos em cinco categorias conforme os temas por eles priorizados: a) Os jogos Preto X Branco; b) A imprensa negra paulista e o futebol no início do século XX; c) Caso Barbosa e a Copa de 1950; d) Estilo de jogo e a influência da miscigenação; e) Casos de racismo e/ou injúria racial.

Os jogos Preto X Branco

Considerando o volume de artigos encontrados e a especificidade do tema, uma categoria foi destinada exclusivamente às pesquisas sobre os jogos Preto X Branco. Em um dos trabalhos, Abrahão e Soares (2012A) analisaram o significado dos jogos de futebol entre jogadores pretos e brancos que ocorreram em São Paulo, no dia 13 de maio (1927 até 1939), data comemorativa do fim da escravidão. Essas partidas promoviam a suspensão por alguns momentos da hierarquização social daquela época e a equiparação das condições através das regras do esporte. Os autores concluíram que, além de não deixar esquecer de que houve escravidão no Brasil, outro objetivo era mostrar também que o país poderia ser modelo em relação à questão étnico/racial. Os autores finalizaram com as algumas indagações:

Poderíamos questionar, se é que não existia conflito ou tensão: por que os jogos não eram realizados com brancos e pretos atuando em uma mesma equipe? A resposta pode estar no fato de que um jogo com essas características não teria nada de especial. O diferencial desses jogos era colocar pretos e brancos, socialmente desiguais, em lados opostos, para jogarem em igualdade de condições. (ABRAHÃO; SOARES, 2012A, p. 59)

No segundo artigo, foi feita uma pesquisa mais detalhada sobre a versão contemporânea do jogo Preto X Branco, com análise de publicações da imprensa, entrevistas semiestruturadas e observação participante na partida de 2009. Os autores encontraram relatos de situações que fugiam do discurso de confraternização e iam para situações graves em que

jogadores chamaram rivais negros de “macaco”, com alguns atletas sendo até expulsos dos jogos por condutas discriminatórias. Mas esses foram relatos excepcionais. A grande maioria dos achados confirmou a principal característica dos jogos, a integração racial:

A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos”, ainda que reproduza representações pejorativas do negro no espaço carnavalizado do jogo, é uma tentativa de superação do racismo via o humor e a pilhéria do debate racial. (ABRAHÃO; SOARES, 2012C, p. 23)

No terceiro artigo, Abrahão e Soares (2011B) buscaram comparar os jogos das décadas de 1920 e 1930 com os atuais. A respeito do surgimento dos jogos, a diferença apontada foi que o jogo das décadas de 1920/1930 surgiu a partir da insatisfação de alguns clubes com a política do futebol paulista e buscava celebrar o fim da escravidão e emancipação política dos negros, enquanto o jogo atual surgiu espontaneamente através dos moradores da periferia de São Paulo e buscava celebrar a amizade entre eles.

A conclusão do referido estudo aponta que os dois jogos, do passado e do presente, convergem para o mesmo objetivo: destacar a integração entre brancos e negros e lembrar-nos de que o racismo no país da miscigenação fere um dos valores da brasilidade.

Em sua tese de doutorado, Abrahão (2010) observa, ainda, como essas disputas refletem as ambiguidades do próprio “racismo à brasileira”, ou seja, por um lado é percebida a presença subjacente de um racismo não assumido, dissimulado e, por outro, quando a manifestação racista é explícita, imediatamente a postura antirracista é declarada.

Alguns indícios apontam que os jogos Preto X Branco, ocorridos em São Paulo entre os anos de 1927 a 1939, tiveram ressonância e repetiram-se também em outras cidades do país. Mackedanz (2016, p. 69-70), destaca a realização de um jogo organizado pelo Club Atlético Bancário, entre “o selecionado de jogadores da raça branca e o selecionado de cor”, ocorrido em Pelotas/RS, no final de outubro de 1927.

A imprensa negra paulista e o futebol no início do século XX

Em outros dois artigos, Abrahão e Soares abordaram como a imprensa paulista repercutia as atuações dos jogadores negros. No primeiro (ABRAHÃO; SOARES, 2017), os autores investigaram como a imprensa divulgou as vitórias dos Pretos, nos Jogos Preto X Branco de 1927 a 1931. Os autores destacaram o caráter ambíguo do enaltecimento das habilidades dos futebolistas negros. E alertaram que, se por um lado os elogios aos futebolistas negros produziam estereótipos positivos a respeito dessa população, por outro lado, eles reforçavam certa vocação “inata” dos negros para atividades corporais e artísticas, fortalecendo uma ideia preconceituosa de que apenas esses são os papéis sociais que a população negra é capaz de desempenhar com êxito.

No segundo estudo (ABRAHÃO; SOARES, 2012B), os autores buscaram observar as publicações da imprensa negra paulista a respeito da participação do negro no futebol da cidade. Ao longo do processo, perceberam a importância de alguns clubes negros, especialmente da Associação Atlética São Geraldo⁵ — agremiação mais citada pela imprensa negra, que noticiava suas vitórias nos campos de futebol acompanhada de adjetivos positivos sobre a participação do negro no futebol. As conclusões indicaram que os objetivos dessas publicações eram contestar as representações negativas sobre o negro presentes na sociedade e a construção de representações positivas sobre os negros tanto no campo de futebol, quanto em relação a outras demandas morais da época, como disciplina, higiene e ordem.

Os resultados encontrados, principalmente no segundo estudo, vão ao encontro de outros trabalhos (SANTOS, 2003; SANTOS, 2007) que se debruçaram sobre o tema. Assim como identificado em São Paulo, em outros estados também existiam órgãos de imprensa que

⁵ Embora não tenha sido o tema central do segundo estudo, cabem algumas considerações sobre a A. A. São Geraldo. Trata-se de uma agremiação esportiva negra, cujas apresentações e títulos contribuíram significativamente no combate à discriminação racial no futebol paulista do período. Em outras cidades brasileiras, também foram encontrados clubes de futebol com essas características, como o Sport Club Rio Grandense, fundado em Porto Alegre/RS em 1907 (SANTOS, 2018) e Sport Club Juvenil, fundado em Pelotas/RS em 1908 (MACKEDANZ, 2016; RIGO, 2004).

trabalhavam com intuito de combater a discriminação racial. No Rio Grande do Sul houve uma série de jornais produzidos por negros, como: O Exemplo (Porto Alegre, 1892-1930), A Cruzada (Pelotas, 1905), A Alvorada (Pelotas, 1907-1965), A Revolta (Bagé, 1925), A Navalha (Santana do Livramento, 1931), O Tição (Porto Alegre, 1978), o Folhetim do Zaire (Porto Alegre, 1982-2005).

De acordo com Ferrara (1986), os primeiros jornais negros do Brasil datam do final do século XIX e estão vinculados ao contexto imediato do pós-abolição em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gérias, Pernambuco e Rio Grande do Sul e reúnem um grande número de temáticas, com especial atenção à educação, à moralização dos costumes e o combate ao preconceito racial.

Caso Barbosa e a Copa de 1950

Em dois artigos selecionados (ABRAHÃO; SOARES, 2009; SANTOS *et al.*, 2010) o tema abordado remete a relação entre a Copa do Mundo de 1950 realizada no Brasil com o gol sofrido pelo goleiro Barbosa na final daquela competição. Tal gol deu o título mundial ao selecionado Uruguaio frente ao Brasileiro em um Maracanã lotado de espectadores locais famintos pelo título que já era dado como certo por todos, imprensa e torcida.

De acordo com o primeiro artigo (ABRAHÃO; SOARES, 2009), na época, a campanha brasileira na competição criou em todo o país um sentimento de que o título era questão de tempo; em determinados momentos do artigo, fala-se em previsões de goleada brasileira na final, como se o jogo já estivesse jogado. Nada nem ninguém impediria que o pomposo Maracanã, construído para mostrar a força e a competência tupiniquim, fosse palco do primeiro título mundial brasileiro.

Porém, o gol no canto esquerdo, entre Barbosa e a trave, mudou tudo. Nesse momento, o jornalista e escritor Mário Filho reconhece o racismo no futebol brasileiro, pois enxerga que

foi um instante em que toda uma nação, mesmo que mestiça em sua maioria, aponta o dedo para o culpado, fazendo com que Barbosa e outros dois atletas, todos negros, tornassem-se responsáveis pela derrota. Também nesse momento ocorre o retorno de ideologias racistas na sociedade brasileira, e determinantes como “goleiro negro não serve” e “ELES não aceitam pressão” são instaladas e perduram até os dias de hoje, de modo a traçar um destino falho dos goleiros negros em momentos cruciais, como se as capacidades cognitivas e comportamentais fossem explicadas pelo tom de pele do atleta; concepções ultrapassadas, mas que insistem em retornar ao ambiente do futebol (ABRAHÃO; SOARES, 2009).

No outro artigo que abordou a temática, Santos *et al.* (2010) compararam as crônicas escritas por Mário Filho e as publicações da imprensa esportiva dos dias seguintes à final da copa de 1950. Os autores não encontraram, nas notícias da época, nenhum indício explícito de discriminação racial nas matérias futebolísticas por eles analisadas. Para os autores, elas atentaram, predominantemente, para aspectos técnicos do futebol. A explicação, portanto, para que tais ideias denunciadas por Mário Filho tenham se difundido e perdurem até hoje, na opinião dos autores, dá-se pela grande fatia populacional que apreciava o futebol por meio dos jornais e pela significativa popularidade do referido cronista.

A aparente discordância nos resultados dos dois artigos encontrados na revisão não se sustenta ao trazermos outros estudos para o debate. Fraga (2009) observa que o fato de o referido jornalista ter denunciado que estavam sendo feitas críticas racistas ao goleiro e boa parte da sociedade da época ter incorporado essa explicação para a derrota pode ser proveniente do complexo de vira-lata, expressão criada por Nelson Rodrigues, para explicar essa sensação presente no imaginário brasileiro, de que a mestiçagem era algo negativo e que impedia este país de triunfar. Assim, após a derrota inesperada em casa com o estádio lotado e o país paralisado para acompanhar o jogo, mesmo que a imprensa da época não tenha

atribuído a falha à cor da pele do goleiro, boa parte da sociedade utilizou essa explicação, a qual, infelizmente, acabou se difundindo (FRAGA, 2009, p. 374-9).

Estilo de jogo e a influência da miscigenação

Um dos periódicos analisados focou na influência do negro no estilo de jogo do futebol brasileiro. Abrahão *et al.* (2011) buscaram analisar as representações socialmente construídas sobre a raça negra e a sua contribuição para a elaboração identitária do estilo brasileiro de jogar futebol. Os autores entrevistaram diversos treinadores de categorias de base de clubes do país e até da equipe principal do Cruzeiro de Minas Gerais.

Muitos entrevistados sugeriram que a dicotomia entre o futebol gaúcho, mais pautado pela força, e o futebol brasileiro, que dá maior ênfase à habilidade e ao drible, justifica-se pelas diferenças culturais das regiões do Brasil, enfatizando que boa parte da população do Rio Grande do Sul tem descendência europeia. Nesta mesma lógica de explicação étnica, os entrevistados acreditam que o estilo brasileiro de jogar futebol é uma herança dos afrodescendentes, que teriam incorporado a esta prática desportiva movimentos corporais de outras manifestações culturais, como o samba, o carnaval e a capoeira. Além disso, alguns evocaram também uma explicação biológica, afirmando que os jogadores negros têm uma “corporalidade” específica, uma vantagem de ter ao mesmo tempo “força” e “ginga”.

O estudo também demonstra que, apesar dessa visão amplamente difundida de que o futebol brasileiro tem uma forma de jogar que enfatiza a habilidade, na prática, outras regiões do país também possuem particularidades no estilo de jogo, não somente o Rio Grande do Sul. Assim, enquanto no Rio de Janeiro o futebol praticado estaria mais próximo desse estilo nacional, no Nordeste o futebol tem ênfase maior na velocidade enquanto em São Paulo a modalidade ganha em quesitos táticos. Os autores não aprofundam, no entanto, nas explicações acerca dessas outras variações estaduais citadas.

Retomando a discussão principal do artigo, os autores assinalam que no imaginário nacional a herança étnica dos negros é considerada importante para o estilo de jogo do futebol brasileiro. Sobre a memória coletiva acerca da contribuição do negro para o futebol nacional, os autores observam que:

as supostas aptidões corporais da ‘raça negra’ para o futebol parecem ter servido para a construção positiva da identidade nacional. A partir das marcas distintivas da ginga, da alegria, da habilidade e sensualidade corporal, o negro teria transmitido ao futebol do País a representação do seu estilo de uso do corpo. (ABRAHÃO *et al.*, 2011, p. 206)

Concluindo, eles argumentam que apesar dessas concepções que consideram diferente a forma de jogar futebol do Rio Grande do Sul do estilo do resto do Brasil, “o jogador Ronaldinho Gaúcho, com seu jogo de corpo e ginga, é a expressão que nossas construções e representações alimentam as demandas normativas da identidade” (ABRAHÃO; PAOLI; SOARES, 2011, p. 201).

Ao encontro das concepções presentes no artigo analisado, de que essa identidade futebolística nacional foi construída em algum momento, outros trabalhos trazem contribuições interessantes. Franco Junior (2007, p. 77) explica que na década de 1930 os uruguaios e argentinos se consideravam donos de um estilo particular, o *fútbol criollo*, instintivo e inventivo, que seguia os movimentos do tango e em reação a isso é que os brasileiros começaram a buscar sua própria identidade futebolística nacional, a qual acabou sendo encontrada ao incorporar manifestações culturais negras, criando um estilo de jogo de criatividade e habilidade.

Casos de racismo e/ou injúria racial

Alguns dos artigos analisados concentraram suas pesquisas em casos de racismo e/ou injúria racial⁶ sofridos por jogadores negros. Anjos (2007) faz algumas considerações a respeito das alternativas da população negra da cidade de Porto Alegre (RS) para a prática do futebol. Segundo o autor, em 1920 havia três ligas no futebol porto-alegrense:

havia a “liga do sabonete”, composta por elementos da elite, que entravam em campo impecáveis; a intermediária, denominada de “liga do sabão”, composta por pequenos comerciários e clubes pequenos comerciários e clubes de etnias minoritárias; e, por fim, a “liga das canelas pretas”, constituída de times formados exclusivamente por jogadores negros, que não eram aceitos pelas outras equipes. (ANJOS, 2007, p. 40-41)⁷

Após essas considerações sobre as primeiras décadas do futebol em Porto Alegre, o referido autor discute o caso do jogador Tesourinha, que, segundo ele, foi o primeiro negro a vestir a camisa do Grêmio, em 1952, e a romper com a tradição de segregação presente em parte da torcida do referido clube, à época. Tesourinha havia jogado no Internacional⁸ do final da década de 1930 até 1949, quando se transferiu para o Vasco da Gama. Em 1952 retornou ao Rio Grande do Sul para defender o Grêmio. A representação que Tesourinha carregava em sua imagem de jogador, homem negro, precursor dos valores e da cultura afro, tornou a contratação do jogador pelo clube impactante: “associados do clube protestaram diante da admissão de um jogador que trazia para o clube toda uma representação sociocultural” (ANJOS, 2007, p. 43). Como jogador, essa representação era mais latente, tanto que a

⁶ Enquanto a injúria racial consiste em ofender a honra de alguém valendo-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem, o crime de racismo atinge uma coletividade indeterminada de indivíduos, discriminando toda a integralidade de uma raça (Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/79571-conheca-a-diferenca-entre-racismo-e-injuria-racial>>. Acesso em: 23 out. 2017).

⁷ Santos (2018) realizou uma pesquisa aprofundada em jornais da cidade de Porto Alegre e encontrou resultados diferentes. Identificou a existência da Liga Sul Americana de Football fundada em 1913 por clubes operários e por clubes negros e analisou o histórico de fundação da Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, pejorativamente chamada de Liga das Canelas Pretas, fundada em 1920 e das outras associações desportivas que a sucederam, a Associação Esportiva de Football e a Associação de Amadores de Football, fundadas no início da década de 1920.

⁸ Clube que, segundo o autor, possuía jogadores negros em seu plantel a partir dos anos 1930.

imprensa e o mundo futebolístico do Sul admitiam que Tesourinha possuía uma característica distinta de jogar, com beleza e plasticidade. O autor conclui que a ruptura desencadeada pela aceitação de Tesourinha no Grêmio, em 1952, não foi uma ruptura apenas contra a aceitação de um jogador: “a aceitação de Tesourinha consistiu na aceitação e na entrada de uma nova síntese coletiva que poderia criar e recriar novas relações sociais, permitindo extensas rupturas sociais” (ANJOS, 2007, p. 47).

No estudo realizado por Souza *et al.* (2015), foram abordados casos de injúria racial no futebol brasileiro e alguns casos internacionais. Os autores analisaram como a imprensa e as autoridades do meio futebolístico reagiram ante o exposto. Casos ainda frescos em nossas memórias, como os dos jogadores Arouca, Daniel Alves, Tinga e Roberto Carlos, bem como do árbitro gaúcho Márcio Chagas da Silva mostram que, embora a imprensa dê relativo destaque a questão, as penas atribuídas aos envolvidos têm sido muito brandas.

No caso analisado por Bandeira e Seffner (2016), que faz alusão a uma partida de Grêmio contra o Santos, onde o goleiro Aranha (Santos) foi chamado de macaco por um grupo de torcedores, diversos argumentos foram colocados para justificar a não punição ao clube. O ex-dirigente do Grêmio Luis Carlos Silveira Martins apropriou-se da rivalidade do Grêmio com o Internacional e expôs como argumento os xingamentos utilizados como se fazendo parte do folclore. A equipe do Grêmio foi a julgamento no dia 3 de setembro de 2014, acabou excluído da Copa do Brasil, além de ter sido multado em 54 mil reais.

Outro caso de racismo, agora mostrado por Cavalcanti e Capraro (2009), ocorreu a partir do próprio colega de profissão, no jogo realizado no Brasil entre São Paulo e a equipe argentina do Quilmes. O zagueiro argentino do Quilmes, Leandro Desábato, supostamente teria xingado o brasileiro Grafite de “negro de merda, filho da puta, negrinho” (TINOCO, Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E2). O jogador argentino recebeu ordem de prisão do delegado logo após o término da partida e, ainda dentro de campo, saiu algemado do estádio

Morumbi. Ele permaneceu quase 37 horas na delegacia; por meio de um *hábeas corpus* e após o pagamento de uma multa, foi concedido o alvará de soltura e o acusado assinou um termo de compromisso assumindo a responsabilidade de voltar ao território brasileiro quando for requisitado pela justiça.

Entretanto, os desfechos desses dois últimos casos foram diferentes entre os clubes. O Grêmio acabou sendo eliminado da competição que participava e o jogador argentino recebeu uma semana de folga de sua equipe para se recuperar do estresse vivido no Brasil.

No estudo de Lise *et al.* (2015) foram analisados os discursos que cercaram o caso de racismo ocorrido na partida de futebol entre Asociación Civil Real Atlético Garcilaso (Peru) e Cruzeiro Esporte Clube (Brasil), contra o atleta do clube brasileiro Paulo Cesar Tinga. Os autores mostraram dois tipos de discursos que se desdobraram do caso, um amenizando e tentando contornar a situação e outro tendo um tom de reprovação ao ato de racismo. O argentino José Luis Meiszner (Secretário-geral da CONMEBOL) procurou amenizar os atos protagonizados pela torcida da equipe peruana justificando por meio de uma simples má-educação das pessoas. Já o presidente do Peru, Ollanta Humala Tasso, condenou as expressões proferidas pela torcida na partida de futebol e afirmou que elas deveriam causar indignação e impulsionar a luta contra todo tipo de discriminação.

Levando a discussão para análise sobre raça negra e estereótipos, Abrahão e Soares (2011A) procuram analisar os conceitos dos estereótipos que têm surgido sobre a "raça negra" através do futebol. O artigo reportou que durante 2005 e 2011, no cenário futebolístico mundial, ocorriam manifestações para os negros e mestiços comparando-os aos "macacos". Essa comparação remete a uma suposta ancestralidade símia. Comparados em relação à raça branca, os negros seriam atrasados no ponto de vista intelectual. Portanto, o uso desse termo é muito grave, pois remete às teorias racialistas, as quais, ainda no início do século XX, eram usadas para justificar a discriminação racial e que, posteriormente, foram totalmente refutadas

pelo campo científico (ORTIZ, 1985, p. 7-21). Contudo, nos tempos atuais, elas continuam sendo usadas como forma de discriminação.

Os representantes do clube Peruano, entretanto, justificaram os xingamentos usando a expressão “macaco” dizendo que se trata de um problema de viés cultural, relacionando-o a má-educação: “[...] nós, os sul-americanos, não somos racistas. Somos sim, o povo mais mal-educado do mundo. Nos falta até mesmo cultura para, filosoficamente falando, provocarmos discriminação racial” (MEISZNER, 2014, apud LISE *et al.*, 2015, pp. 827-828).

Abrahão e Soares (2011A) sinalizaram que o fato dessas representações terem emergido em um momento de conflito proporcionado pelo ritual esportivo revela que "raça" é uma moeda acionada para desigualar aqueles que são iguais no plano das leis, sejam elas civis ou esportivas, lembrando que a democracia racial brasileira é uma falácia e que o racismo está inscrito na memória coletiva brasileira.

Os artigos que tratam de casos de racismo no futebol no século XXI ressaltam que a discriminação racial no futebol é tema recorrente, não superado. Nessa perspectiva, Abrahão e Soares (2011A) relacionam essa não superação a dimensões conjunturais e estruturais da sociedade brasileira. Bandeira e Seffner, (2016); Cavalcanti e Capraro, (2009); Lise *et al.*, (2015); Souza *et al.*, (2015) apontam para a frágil atuação das autoridades futebolísticas brasileiras no combate ao racismo. E alertam que, em consonância com a imprensa, as autoridades tendem a classificar os episódios de racismo no futebol brasileiro como casos esporádicos, sem pautar as causas e as consequências dessas condutas racistas. Diferente disso, os crescentes casos de injúria racial mostram que também no futebol brasileiro o racismo é recorrente e deveria ser enfrentado e combatido com maior ênfase.

Conclusão

A partir das produções analisadas nesta pesquisa, nota-se que o racismo no futebol é um fenômeno que se manifesta ao longo da história do futebol brasileiro. Alguns trabalhos analisaram os jogos Preto X Branco de São Paulo. Outros, trouxeram estratégias da imprensa negra em oposição ao racismo no futebol paulista no período de 1920 a 1930.

A respeito da reação da imprensa à derrota na Copa de 1950, um dos estudos pontuou que os meios de comunicação esportivos, à época, não definiram os culpados pela derrota a partir da cor da pele, mas ambos convergem para o fato de que mesmo assim, na sociedade brasileira, difundiu-se a ideia de que a miscigenação era algo negativo e que impedia o Brasil de triunfar, inclusive no futebol — ideário que evidencia que sobre a sociedade brasileira ainda pairavam ideologias discriminatórias.

Sobre o estilo de jogo brasileiro, um dos artigos observou que, no meio futebolístico, existe uma explicação étnica para as diferentes formas de jogar, a qual defende-se que o Sul — de colonização europeia — prioriza a força e a marcação, enquanto o estilo brasileiro de jogar prioriza o drible, sendo esta uma contribuição que teria sido incorporada pelos negros a partir de práticas culturais como a capoeira e o carnaval.

Quanto aos casos contemporâneos de racismo e injúria racial, os autores demonstraram que esse fenômeno é recorrente nos gramados brasileiros, mostrando que a discriminação ainda se manifesta no futebol e, por fim, observaram que as tentativas das autoridades futebolísticas de minimizá-lo estão sendo inadequadas e não têm contribuído substancialmente para a superação desta situação.

Novos estudos podem realizar levantamentos das produções a respeito do tema do negro no futebol realizadas por outras áreas do conhecimento, como História, Antropologia, Sociologia etc., o que deve descortinar novos objetos de estudo dentro dessa importante temática.

Foram observadas, também, algumas lacunas ao longo da revisão. Os estudos parecem concentrar-se nas primeiras décadas do século XX, quando as diferenças entre brancos e negros no futebol operavam de forma mais evidente, e na copa de 1950, devido à atribuição da culpa da derrota a alguns jogadores negros. Após a copa de 1950, ocorre um salto e encontramos artigos sobre os casos de injúria racial no futebol atual. Esse hiato de cinquenta anos é ainda mais estranho por ser neste período que o Brasil conquista várias copas do mundo, com a contribuição fundamental de jogadores negros como Didi, Garrincha, Pelé etc. Isso pode indicar que os pesquisadores têm abordado apenas as situações ou casos de discriminação racial mais contundentes, e esquecido de realizar análises de momentos de ascensão e protagonismo dos jogadores negros e daqueles momentos nos quais a discriminação é mais sutil e dissimulada.

Por fim, destacamos duas ausências identificadas a partir da sistematização feita. A primeira refere-se às questões de gênero. Nenhum dos estudos analisados tratou do racismo no futebol de mulheres. Mesmo considerando que esta revisão incluiu um número limitado de revistas, a revisão sistemática sobre o futebol feminino de Teixeira e Caminha (2013) também não encontrou nenhum estudo referente ao racismo.

A segunda ausência diz respeito à infância e/ou à adolescência. Nenhum dos artigos incluídos nesta revisão abordou o tema do racismo no futebol escolar, nas escolinhas e nas categorias de base. Ou seja, ao menos nas principais revistas brasileiras da área da Educação Física, quando se pesquisa o racismo no futebol, há uma ausência das crianças, dos adolescentes e das mulheres.

Essas ausências, assim como os poucos artigos incluídos nesta revisão⁹, de certa forma, indicam que o racismo no futebol não é um tema prioritário de pesquisa no âmbito da

⁹ Isso torna-se mais evidente se observarmos que dos 14 artigos encontrados 8 são do mesmo autor.

Pós-Graduação Strictu Sensu da Educação Física brasileira nem da área 21 da Capes, área de proveniência das revistas incluídas nesta revisão.

Bibliografia

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2010.

ABRAHÃO, B. O. de L.; PAOLI, P. B.; SOARES, A. J. G. Identidades "Raciais" e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do "Estilo Brasileiro de Jogar Futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 195-210, 2011.

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. G. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.

_____. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 265-280, 2011(A).

_____. Os jogos de futebol “preto x branco” e a dramatização da questão racial no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.4, 2011(B).

_____. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.1, p.47-61, 2012(A).

_____. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012(B).

_____. Futebol e lazer: uma análise sobre o “racismo à brasileira” através dos jogos “preto x branco”. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.3, 2012(C).

_____. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 183-190, 2017.

ANJOS, J. L. dos. Futebol no sul: história da organização e resistência étnica. **Pensar a Prática**, Goiania, v. 10, n. 1, p. 33-50, 2007.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 985-998, 2016.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.741-748, 2009.

DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, 2009.

ELIAS, N.:DUNNING, E.A **Buscada Excitação**. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.

FERRARA, M. N. **A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FRAGA, G. W. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: **Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950**. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014.

GUIMARAES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

JOB, I.; MATTOS, A. M.; TRINDADE, A. Processo de revisão pelos pares: por que são rejeitados os manuscritos submetidos a um periódico científico? **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, p. 35-56, 2009.

LISE, R. S. *et al.* O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 821-833, 2015.

LONER, B. A. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 1, 1999.

LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.; SILVA, F. T. e FORTES, A. (Orgs). **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Unicamp, p. 121-163, 2004.

MACKEDANZ, C. F. **Racismo "nas quatro linhas": os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras: a conquistado do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

_____. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MEDINA, E. U.; PAILAQUILÉN, R. M. B. A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 4, p. 1- 8, jul./ago. 2010.

MULROW, C. D. Systematic reviews: rationale for systematic reviews. **BMJ**, London, n. 309, p. 597-599, sept. 1994.

OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p.37-50, set./dez. 2006.

SANTOS, J. A. **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

SANTOS, J. A. dos. **Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2003.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, N.; CAPRARO, A.; LISE, R. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 191-208, 2010.

SANTOS, R. **Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre: jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2007.

SIMÕES, R. *et al.* A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 183-98, 2016.

SOUZA, M. T. O. S. *et al.* Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivência**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 230-240, 2015.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. de O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.

Artigo 2

“Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: Notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930)

“Racism in the Brazilian style” in Rio Grande football: notes on Rio Branco Sports League (1926–1930)

Resumo: Este estudo objetivou analisar a emergência da Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930) em Rio Grande e problematizar o papel que ela desempenhou na cultura futebolística da cidade. Trata-se de uma pesquisa histórica documental, cujo *corpus* empírico constitui-se de jornais diários e semanais que circulavam na cidade de Rio Grande no período da existência da Liga. Os resultados indicam que a Liga Esportiva Rio Branco se constituiu predominantemente por agremiações esportivas que não eram aceitas na Liga Rio-Grandense. O estudo também assinalou a existência do Sport Club Rio Negro, agremiação esportiva fundada em 1919 que teve papel de destaque no futebol e em outras atividades culturais da população negra rio-grandina da época. Concluiu-se que, além de ser um *locus* que congregou clubes operários, clubes de bairro e clubes afrodescendentes, a Liga Esportiva Rio Branco representou uma possibilidade para os futebolistas negros e operários consolidarem-se no futebol rio-grandino.

Palavras-chave: Futebol; Racismo; Pesquisa Histórica; Jornais.

Abstract: This study aimed to analyze the Rio Branco Sports League (1926–1930) arising in the city of Rio Grande and discuss its role toward the city’s football culture. The empirical corpus of this historical documentary research was composed of daily and weekly newspapers circulating in Rio Grande City during the existence of the League. The results indicate the sports associations not admitted in the Rio-Grandense League predominantly composed the Rio Branco Sports League. The study also pointed to the existence of Sport Club Rio Negro, a sports association founded in 1919, which played a prominent role in soccer and other cultural activities of the Rio Grande black population at that time. In conclusion, besides being a locus that brought together workers' clubs, neighborhood clubs and Afro-descendant clubs, Rio Branco Sports League also represented a possibility for black football players and workers to consolidate their presence in the Rio Grande football.

Keywords: Football; Racism; Historical Research; Newspapers.

Introdução

Rio Grande é um município localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. Nos últimos anos a principal atividade econômica da cidade esteve centrada no porto, atingindo o quarto lugar no ranking de movimentação de contêineres do Brasil em 2016 (ANTAQ; FIESP; CIESP, 2017). No futebol profissional, atualmente a cidade conta com três clubes em atividade: o Sport Club São Paulo, o Football Club Riograndense e o Sport Club Rio Grande. Em 2021 o Sport Club São Paulo está na Divisão de Acesso do campeonato estadual, enquanto os outros dois disputam a Segunda Divisão do futebol gaúcho¹.

A cidade é reconhecida pelo pioneirismo e pela longevidade de seus prédios, instituições, clubes etc. Ela ostenta o prédio mais antigo ainda em utilização do Rio Grande do Sul, a Igreja de São Pedro, fundada em 1755 (TORRES, 2006). Durante as duas primeiras décadas do século XX Rio Grande também foi uma referência industrial do estado, principalmente no ramo têxtil com as Fábricas Rheingantz de tecidos (LONER, 1999).

Esse protagonismo industrial contribuiu também para um pioneirismo futebolístico, exemplificado pelo Sport Club Rio Grande, o clube de futebol em atividade mais antigo do Brasil. Fundado em 19 de julho de 1900, o Sport Club Rio Grande ajudou a difundir o futebol no Rio Grande do Sul, sendo protagonista da primeira partida de futebol da cidade de Pelotas, em 1901, de Bagé, em 1902, e em 1903 realizou um jogo demonstrativo na cidade de Porto Alegre que contribuiu para a criação do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (RIGO, 2004).²

O pioneirismo do futebol rio-grandino não ficou restrito apenas ao Sport Club Rio Grande. Correia *et al.* (2020) evidenciaram que já nas primeiras décadas do século XX Rio Grande vivia uma efervescência futebolística. Em um estudo feito a partir do Jornal Echo do Sul os autores localizaram um total de 47 agremiações futebolísticas da cidade de diferentes proveniências citadas ao menos uma vez nesse jornal entre os anos de 1900 e 1916.³ Entretanto, muitas dessas agremiações futebolísticas, principalmente aquelas constituídas

¹ Em comparação ao Campeonato Brasileiro de Futebol, a Divisão de Acesso corresponde à Série B e a Segunda Divisão à Série C.

² Há tempos a cidade cultua esse pioneirismo futebolístico, como ilustra uma passagem feita em um jornal da cidade no ano de 1933, noticiando que: “a relação dos clubes mais antigos do Brasil é: 1893 – S. Paulo Athetico (SP); 1897 – Rio Cricket Association (RJ); 1898 – Mackenzie (SP); 1899 – Internacional (SP) e Germania (SP); 1900 – Paulistano (SP) e Rio Grande (RS). [...] Não existindo mais os 6 clubes que figuram nos primeiros lugares, verifica-se que o nosso ‘veterano’ é o clube mais antigo” (Jornal Rio Grande Esportivo, 19/06/1933, p. 2).

³ Um exemplo dessa cultura futebolística presente no município no início do século XX é o Esporte Clube Esperança, um clube amador localizado no distrito de Povo Novo, cerca de 25 Km distante do centro da cidade, fundado em 1913 e que permanece em atividade hoje em dia (MACKEDANZ; RIGO, 2015).

predominantemente por pobres e/ou negros, não eram aceitas na principal liga da cidade, a Liga Rio-Grandense de Futebol, algo que se assemelha ao ocorrido no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (PEREIRA, 1998; SANTOS, 2018).

Pereira (1998, p. 60-61), ao tratar das condições que clubes deveriam atender para pertencer à Liga Metropolitana de Foot-Ball (fundada em 1906 na então capital do Brasil, Rio de Janeiro), salienta que era necessário: a) Pagar 50\$000 (50 mil réis) anuais e 30\$000 de mensalidade; b) Possuir campo com dimensões regulamentares; c) Ter seu nome proposto por dois clubes já filiados; e d) Ser admitido pela diretoria. Em 1907 são alterados o estatuto dessa liga, transformando-a em Liga Metropolitana de Sports Atlético e criando restrição à participação de esportistas profissionais e apostas. Em maio do mesmo ano é enviado um ofício aos clubes associados comunicando que a diretoria “resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (Ibidem, p. 63; SANTOS, 2010, pp. 50–51).⁴

Em Porto Alegre registros apontam para uma postura similar ao que ocorria no Rio de Janeiro. Ao acessar os regulamentos da Liga Porto Alegrense de Futebol, Santos (2018) assinala que no ano de 1911 as exigências requeridas para os clubes ingressarem na Liga eram: a) Pagar 220\$ (220 réis) para inscrição e 60\$ (60 réis) anuais como mensalidade; b) Possuir campo com dimensões legais; c) Ter amplas comodidades para os times visitantes (SANTOS, 2018, pp. 87–91).

Todavia, o estado do Rio Grande do Sul singulariza-se e chama a atenção também pela existência de ligas de futebol constituídas predominantemente por agremiações formadas por futebolistas negros, como a Liga Nacional de Foot-Ball Porto-Alegrense, fundada em 1920 em Porto Alegre (MASCARENHAS, 1999; SANTOS, 2018)⁵, e a Liga José do Patrocínio, fundada em 1919 na cidade de Pelotas (MACKEDANZ, 2016).

⁴ Em outros estados brasileiros o racismo também esteve presente nos primeiros anos do futebol. Na cidade de São Paulo vários clubes negros de futebol foram criados com o objetivo de combater o racismo no futebol e mostrar as qualidades futebolísticas dos negros, sendo a Associação Atlética São Geraldo a mais representativa, principalmente por ter sido campeã do campeonato paulista de 1922 (DOMINGUES, 2015; ABRAHÃO; SOARES, 2012). Na Bahia a Liga Bahiana de Sports Terrestres também restringia a participação de clubes menores e a presença de jogadores negros e pobres, o que ocasionou a criação da Liga Brasileira de Sports Atlético em 1913, organizada por clubes populares (SANTOS, 2012).

⁵ Santos realizou uma extensa pesquisa empírica que revelou novas informações sobre as ligas e os clubes negros do futebol porto-alegrense. Não houve apenas uma liga composta por clubes negros nas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre, mas várias. Alguns clubes negros como o Sport Club Rio Grandense e o Fuss-Ball 20 de setembro, após não terem sido aceitos na Liga Porto Alegrense de Futebol em 1911, participaram da fundação da Liga de Foot-Ball Sul-Americana, que congregava clubes formados por operários e/ou negros. Anos depois, em 1920, esses e outros clubes negros fundaram a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense. Depois dela, outras duas ligas ainda foram criadas ao longo da década de 1920 com a participação de

Na cidade de Rio Grande também há indícios da existência de uma liga alternativa, a Liga Esportiva Rio Branco, todavia, os estudos que tratam da historiografia do futebol da cidade de Rio Grande (RAMOS, 2000; CESAR, 2012; LIMA, 2014) não fazem menção a ela⁶. A única menção direta à Liga Esportiva Rio Branco encontrada em pesquisas acadêmicas foi na tese de doutorado de Loner (1999), que se trata de uma pesquisa sobre as organizações dos operários e/ou dos negros nas cidades de Pelotas e Rio Grande e não sobre futebol especificamente.

A exclusão dos futebolistas negros dos principais clubes e ligas de futebol no começo do século XX, bem como a resistência desses futebolistas ao constituírem clubes e ligas alternativas, representa os efeitos das ideologias racistas da sociedade brasileira naquele momento histórico. Hofbauer (2006, p. 261) aponta que foi somente “depois da Segunda Guerra Mundial, e principalmente na década de 1950, que, no Brasil, o discurso intelectual — hegemônico — do branqueamento sofreu questionamentos sérios”. Antes disso estavam muito presentes na sociedade os discursos racialistas do século XIX, os quais enfatizavam uma inferioridade biológica dos afrodescendentes (ORTIZ, 1985; SCHWARCZ, 1995).

Se compararmos o Brasil com outros países que também se utilizaram da exploração do trabalho escravo é possível notar certas peculiaridades do caso brasileiro. DaMatta (1981; 1997) salienta, por exemplo, que no Brasil não foram criadas leis segregacionistas no período pós-abolição como nos casos estadunidense e sul-africano porque, no Brasil, a população afrodescendente já estava em uma posição inferior na sociedade a partir da própria estrutura social.

“Racismo à brasileira” é o termo utilizado por Damatta (1997) para conceituar algumas especificidades do racismo no Brasil. O autor pontua que enquanto nos EUA operou a lógica de “iguais, mas separados”, aqui a lógica do “diferentes, mas juntos” era mais comum, assim como a de “um lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar” (DAMATTA, 1981, p. 83).

Essa correlação entre racismo e desigualdade social, guardadas as devidas especificidades, esteve presente no processo de exclusão dos jogadores negros dos principais clubes de cada cidade, especialmente na era do amadorismo, pois esses futebolistas não

vários desses clubes negros, a Associação dos Amadores de Futebol e a Associação Sportiva de Futebol (SANTOS, 2018).

⁶ Apesar do estudo de Correia *et al.* (2020) seguir uma perspectiva histórica diferente dos demais, principalmente por não estar focado no protagonismo dos clubes profissionais da cidade, a delimitação temporal do estudo (1900 a 1916) não abarcou a fundação da Liga Rio Branco (1926).

tinham condições de arcar com as demandas econômico-futebolísticas para atuar nesses clubes. A desigualdade social também foi utilizada para legitimar a exclusão dos clubes majoritariamente de negros das ligas principais de cada cidade, pois estes não conseguiam atender às exigências estruturais e econômicas dessas ligas.

Atentar-se para essas particularidades apontadas por Damatta (1981; 1997) a respeito do racismo brasileiro, não significa que ele deva ser considerado mais brando do que o racismo de outros países. Adorno (1995), Guimarães (2004) e Hasenbalg (2005) são alguns autores que ressaltam a extensão e a intensidade do racismo no Brasil. Assim, não é possível tratar episódios de discriminação racial como casos isolados, pois “[...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade” (ALMEIDA, 2019, p. 15).

Nessa perspectiva o objetivo principal deste estudo foi analisar a emergência da Liga Esportiva Rio Branco em Rio Grande no ano de 1926 e problematizar o papel que ela desempenhou ao longo da sua existência (1926–1930) na cultura futebolística da cidade.

Considerando as especificidades do estudo, sobretudo a sua delimitação temporal, realizou-se uma pesquisa histórico-documental que teve como suporte empírico jornais rio-grandinos e pelotenses. A utilização de jornais pressupõe que a investigação lida com uma fonte histórica que traz consigo “interpretações do acontecido” (FRAGA, 2004, p. 22), desse modo, o jornal estabelece “uma relação circular com o real: ao mesmo tempo que dá exteriorização a um determinado discurso criador de significados, também se encontra atrelado ao que é possível dizer” (ESPIG, 1998, p. 277). Assim, recomenda-se que o uso dessa fonte seja feito de maneira “meticulosa”, “exaustiva” e até mesmo “enfadonha” (ELMIR, 1995, p. 21).

Os clubes que constituíram a Liga Esportiva Rio Branco tinham em comum o fato de serem clubes pouco famosos (infames)⁷ no cenário do futebol rio-grandino da época, o que fez com que os acontecimentos futebolísticos da liga fossem de pouco interesse para alguns jornais da cidade. Atento a isso, o *corpus* empírico da pesquisa centrou-se nos jornais rio-grandinos Echo do Sul e O Tagarella.

⁷ Em *A Vida dos Homens Infames* (2009), Foucault utiliza o conceito de infames para referir-se a criminosos não famosos, indivíduos desconhecidos sobre os quais havia escassos registros e cujas vidas costumavam ser contadas em poucas linhas. Apropriamo-nos desse conceito foucaultiano para nos referirmos aos clubes de futebol que tiveram sua existência ignorada pela historiografia futebolística rio-grandina.

A escolha pelo Jornal Echo do Sul deu-se principalmente por este ser considerado um jornal de oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense — o qual governava o Estado do Rio Grande do Sul à época — e que destinava um espaço significativo às notícias do operariado organizado (LONER, 1999). Já o jornal O Tagarella foi selecionado por tratar-se de um periódico que, similar ao jornal A Alvorada da cidade vizinha, Pelotas, dedicava um significativo espaço para a cobertura de temas pertinentes à cultura afrodescendente, como bailes, blocos de carnaval, espetáculos teatrais, jogos da Liga Esportiva Rio Branco⁸, registros fotográficos de pessoas negras da cidade etc. (SANTOS, 2003).⁹

A busca no jornal Echo do Sul compreendeu o período de janeiro de 1926 a dezembro de 1931, abarcando todos os anos de existência da Liga Rio Branco, e a no O Tagarella abrangeu todos os exemplares de 1929 a 1933 disponibilizados para consulta pública. Também foram consultados e utilizados na pesquisa exemplares avulsos dos jornais A Lucta, O Tempo e Rio Grande Esportivo, todos da cidade de Rio Grande.¹⁰

Cria-se a Liga Rio-Grandense de Amadores e a Liga Esportiva Rio Branco

O último censo (IBGE, 2011) apontou que em Rio Grande havia 16.834 pretos e 21.406 pardos de um total de 197.228 habitantes, e parte dessa presença da população afrodescendente é uma herança do período escravagista, visto que Rio Grande recebeu escravos até o ano de 1850. A mão de obra escrava foi utilizada principalmente em obras urbanas, na plantação e venda de hortaliças e nos serviços domésticos, como amas de leite etc. (TORRES, 2008) e após a abolição os negros foram inserindo-se nas indústrias da cidade como operários. A população afrodescendente também desenvolveu suas próprias práticas de sociabilidade e alguns ocuparam cargos em Ligas Operárias (LONER, 1999).

Algumas agremiações futebolísticas pioneiras da cidade Rio Grande estavam vinculadas à população branca de classe média, média-alta e da elite da cidade — como foi o caso do Sport Club Rio Grande —, mas nos anos seguintes começam a surgir outros clubes

⁸ A ampla cobertura que o jornal O Tagarella dedicava ao futebol da Liga Esportiva Rio Branco é mais um indício dos fortes vínculos dessa liga com a população negra da cidade.

⁹ Alguns indícios de uma afinidade étnico-racial desse jornal com a população negra da cidade são o seu estilo editorial e gráfico, o layout da capa e os subtítulos que se assemelham ao jornal A Alvorada de Pelotas. Além disso, o diretor-fundador, Coriolano Benício, e o gerente, Tobias Xavier, eram negros (O TAGARELLA, 03/05/1931, p. 1 e p. 8).

¹⁰ A relação dos semestres e/ou das edições pesquisadas está disponível no item “fontes primárias” das referências deste artigo.

representativos da população negra e da classe operária. Havia também agremiações híbridas que entrecruzavam mais de um componente de representatividade. Em 1916 algumas dessas agremiações — identificadas com as elites, a classe média, os imigrantes e/ou os operários — fundaram a Liga Rio-Grandense de Futebol¹¹, a primeira liga de futebol da cidade (LONER, 1999; CORREIA, 2014; CORREIA *et al.*, 2020).

Semelhante ao ocorrido em outros centros futebolísticos dessa época, a Liga Rio-Grandense de Futebol também foi palco de vários tensionamentos político-futebolísticos, entre os quais um ocorreu já no ano de sua criação, em fevereiro de 1916. Na ocasião, o Sport Club Rio Grande abandonou o cargo de secretário da Liga Rio-Grandense de Futebol por discordar de alguns itens do estatuto (ECHO DO SUL, 02/02/1916), os quais foram alterados após a diretoria da liga ceder às exigências do referido clube¹². Em protesto a essa decisão, o Sport Club União Fabril e o Sport Club Cruzeiro anunciaram o seu desligamento da entidade (ECHO DO SUL, 21 e 22/02/1916)¹³, todavia, passado algum tempo, os dois clubes voltaram a fazer parte da liga.¹⁴

Portanto, em 1916 faziam parte da Liga Rio-Grandense de Futebol as seguintes agremiações: na primeira divisão, Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo, Sport Club União Fabril, Sport Club Internacional, Sport Club São Pedro e Football Club Riograndense; na segunda divisão, Sport Progresso, Sport Club Nacional, Sport Club União Brasil e Sport Club Cruzeiro do Sul¹⁵ (CORREIA, 2014).

Novos atritos aconteceram durante o campeonato de 1916 quando um recurso do Sport Club Rio Grande relativo à escalação de um jogador irregular pelo Football Club Riograndense foi aceito pela Liga Rio-Grandense de Futebol, resultando na perda de pontos do confronto. O fato levou a outras reclamações por parte de alguns clubes e à decisão do Sport Club Cruzeiro do Sul de desligar-se novamente da liga (ECHO DO SUL, 08/07/1916).

¹¹ Era comum que os jornais se referissem à liga com a palavra “futebol” em inglês, ou seja, “Liga Rio Grandense de Foot-ball”.

¹² Infelizmente os jornais não explicam o teor do referido artigo.

¹³ Essa informação é importante porque o Sport Club Cruzeiro será um dos fundadores da Liga Esportiva Rio Branco, como veremos a seguir.

¹⁴ Apesar dos tensionamentos político-futebolísticos da época estarem presentes na Liga Rio-Grandense de Futebol, alguns indícios assinalam que, ao menos em seus primeiros anos, ela foi uma liga menos excludente que a Liga Pelotense de Futebol (LPF), da cidade vizinha Pelotas, como ilustra o acontecimento de 1916 com o Sport Club Colombo, da cidade de Pelotas, que em um gesto de protesto retirou-se da LPF e disputou o campeonato de 1917 pela Liga Rio-Grandense (MACKEDANZ, 2016).

¹⁵ Apesar de o Sport Club São Pedro, o Sport Club União Brasil e o Sport Club Cruzeiro do Sul estarem disputando competições organizadas pela Liga Rio-Grandense de Futebol em 1916, essas agremiações são as únicas que não estão representadas na mesa diretora daquele ano.

Os recorrentes tensionamentos político-futebolísticos ocasionaram uma gradual diminuição do número de clubes na Liga. Assim, em 1922 somente cinco agremiações — Sport Club Rio Grande, Gal. Osório, Luzitano, S. Pedro e União Brasil (O REBATE, 27/10/1922) — continuavam na Liga. Posteriormente, em 10 de abril de 1925, alguns clubes que faziam parte da Liga Rio-Grandense de Futebol mudaram seu nome para Liga Rio-Grandense de Amadores. Constam como clubes fundadores dessa Liga: Foot-Ball Club General Osório, Sport Club Rio Grande, Football Club Riograndense e Sport Club São Paulo. A ata de criação da entidade faz alusão aos já mencionados tensionamentos existentes na época:

O Sr. Presidente declarou que em virtude da desorientação entre os clubes filiados, no ano passado a efusão das Ligas não pode realizar o fim a que estava destinada, ficando a Liga sem o domínio moral para efetuar o campeonato devido as dificuldades surgidas entre os clubes, e nesta data sendo desejo dos quatro clubes principais desta cidade intensificar novamente o Foot Ball local, de acordo entre os mesmos fica definitivamente reorganizada a efusão das mesmas com a denominação de “Liga Rio Grandense de Amadores”. (O TEMPO, 13/08/1950)

O Torneio Início¹⁶ da Liga Rio-Grandense de Amadores de 1926 incluiu seus quatro clubes fundadores mais o Foot Ball Club Padeiral e o Sport Club União Fabril (ECHO DO SUL, 23/04/1926, p. 2).

No dia 29 de julho há uma notícia referente à expulsão de três jogadores do Football Club Riograndense da Liga Rio-Grandense de Amadores (A LUCTA, 29/07/1926, p. 2)¹⁷.

No dia seguinte o jornal A Lucta noticiou a realização de uma reunião para organizar uma competição para clubes não filiados à Liga Rio-Grandense de Amadores (A LUCTA, 30/07/1926, p. 2). Embora a reunião tenha ocorrido no dia 1º de agosto de 1926, a notícia sobre a fundação da Liga Esportiva Rio Branco¹⁸ circulou nos jornais da cidade somente

¹⁶ Nos jornais, a grafia usada na época era “Torneio Initium”, no texto optamos por atualizar a grafia para “torneio início”. Trata-se de um formato de competição muito utilizado na época e que atualmente ainda é realizado no futebol amador. Consiste em um torneio realizado em um único dia, no sistema eliminatório, com a participação de todos os clubes do campeonato e que precede o campeonato anual, de pontos corridos.

¹⁷ Os jornais não comentaram os motivos da expulsão dos jogadores da liga. Entretanto, procede destacar que a expulsão e a não aceitação de alguns jogadores era uma prática utilizada por determinadas ligas. No Rio de Janeiro dois episódios ganharam maior visibilidade: um envolveu o Bangú Athletic Club, que em 1907 abandonou a Liga Metropolitana de Sports Atlético após esta deliberar que não aceitaria jogadores negros (PEREIRA, 1998, p. 63-70); o outro ocorreu em 1924 e envolveu o Club de Regatas Vasco da Gama, que se retirou da Associação Metropolitana de Esportes Atlético após esta vetar doze de seus jogadores pelo fato de eles não cumprirem exigências relacionadas ao amadorismo, às condições socioeconômicas e à alfabetização dos futebolistas (SANTOS, 2010, p. 319-331; HELAL E TEIXEIRA, 2011).

¹⁸ Era comum nos jornais a referência às ligas com a palavra “esportiva” em uma grafia aproximada do termo em inglês, ou seja, “Liga Sportiva Rio Branco”, por exemplo.

dezesesseis dias depois, destacando que faziam parte da recém-criada liga: “Cruzeiro, Bangú, Democrata, Rio Negro, Andarahy e L. Verde” (RIO GRANDE, 17/08/1926, p. 02). No dia 22 de agosto a Liga Esportiva Rio Branco começou suas atividades com um torneio no campo do General Osório (ECHO DO SUL, 21/08/1926, p. 1)¹⁹.

No domingo seguinte, 29 de agosto, começaram os jogos da primeira competição organizada pela Liga Esportiva Rio Branco: “[...] no campo do Minas Geraes, os clubes Democrata e Cruzeiro. No campo do Rio Negro, este e o Lomba Verde”²⁰ (ECHO DO SUL, 28/08/1926, p. 2).

Parte do significado político da Liga Esportiva Rio Branco está expresso no seu próprio nome, uma referência ao Barão de Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, que gozava de considerável prestígio na cidade, como ilustra a estátua de bronze erguida na Praça 7 de Setembro em sua homenagem (O TEMPO, 10/02/1925). O Barão de Rio Branco, depois conhecido como Visconde de Rio Branco, foi quem sancionou a Lei do Ventre Livre (1871), que concedia liberdade para os filhos de escravas que nascessem a partir da sua promulgação. A atuação do Barão de Rio Branco em favor da lei foi tão significativa que ela ficou conhecida como Lei Rio Branco (CARNEIRO, 1980)²¹.

Os Clubes

A partir das notícias futebolísticas publicadas no Jornal Echo do Sul é possível concluir que a primeira edição do campeonato organizado pela Liga Esportiva Rio Branco, em 1926, contou com dez agremiações: Sport Club Andarahy, Sport Club Bangú, Sport Club Bento Gonçalves, Sport Club Brasil, Sport Club Cruzeiro, Sport Club Democrata, Lomba Verde Foot Ball Club, Grêmio Sportivo Minas Geraes, Sport Club Progresso, Sport Club Rio Negro (ECHO DO SUL, 05/10/1926, p. 2; 09/11/1926, p. 1).

No ano de 1927 saíram do campeonato o Sport Club Bento Gonçalves e o Grêmio Sportivo Minas Geraes e ingressaram o Sport Club Internacional e o Grêmio Sportivo 15 de Novembro (ECHO DO SUL, 02/04/1927, p. 03; 20/06/1927, p. 5; 24/08/1927, p. 5). No ano

¹⁹ Também noticiado no jornal A Lucta (17/08/1926, p. 2; 18/08/1926, p. 3; 21/08/1926, p. 2) e, de forma bem mais tímida, no jornal Rio Grande (21/08/1926, p. 2).

²⁰ Segundo o jornal Rio Grande (28/08/1926, p. 03), o jogo entre Lomba Verde e Rio Negro aconteceria, na verdade, no campo do Lusitano.

²¹ Como uma alusão a esse episódio algumas instituições vinculadas à comunidade negra também passaram a denominar-se Rio Branco. Na cidade de Santa Maria, por exemplo, em 1924 existia um clube negro de futebol chamado Rio Branco (SANTOS, 2018, p. 173).

de 1928 saíram o Sport Club Andarahy, o Lomba Verde Foot Ball Club e o Grêmio Sportivo 15 de Novembro, mas o Sport Club Bento Gonçalves retornou (ECHO DO SUL, 20/04/1928, p. 2). Assim, o campeonato de 1928 contou com oito agremiações, número que se manteve em 1929 e 1930, com a singularidade de que em 1929 o Sport Club Bangú não participou, mas houve o retorno do Sport Club Andarahy. Em 1930 afastou-se o Sport Club Bento Gonçalves, mas incluiu-se o Fortaleza Foot Ball Club (O TAGARELLA, 12/05/1929, p. 2; 16/06/1929, p. 2; 23/06/1929, p. 3; 07/07/1929, p. 3; 30/04/1930, p. 2; 13/07/1930, p. 2). A seguir faremos algumas considerações sobre cada uma dessas agremiações.

O Sport Club Andarahy tratava-se de uma agremiação cujo nome foi inspirado no Andarahy Athletico Club da cidade do Rio de Janeiro, o qual ficou conhecido pelos fortes vínculos que tinha com o futebol fabril e por acolher jogadores negros. Essas marcas clubistas também acompanharam a fundação de outras agremiações em outros lugares, com esse mesmo nome, como foi o caso do Sport Club Andarahy de Rio Grande²².

Indícios assinalam que o Sport Club Andarahy foi fundado em outubro de 1923, pois no dia 12 de outubro de 1928 o Jornal Echo do Sul noticiou que em comemoração à passagem do quinto aniversário da sua fundação o Andarahy jogou contra o Sport Club Vasco da Gama (ECHO DO SUL, 13/10/1928, p. 4). O Sport Club Vasco da Gama não participou de nenhum campeonato organizado pela Liga Rio Branco, mas em 1926, antes da fundação da Liga Rio Branco, o Sport Club Vasco da Gama disputou dois amistosos contra o Combinado Rio Branco, um selecionado constituído por jogadores dos diferentes clubes que, nos meses seguintes, viriam a criar a Liga Esportiva Rio Branco (ECHO DO SUL, 04/05/1926, p. 6; 18/05/1926, p. 4)²³.

O Bangú Foot-Ball Club, de Rio Grande, também parece ter o nome inspirado em um time do Rio de Janeiro, o qual foi fundado em 1904 junto a uma fábrica de tecidos. Na historiografia do futebol brasileiro, o Bangu Athletic Club do Rio de Janeiro é reconhecido como um dos primeiros clubes brasileiros a ter jogadores negros e operários no seu plantel

²² A imprensa rio-grandina mantinha relações com a imprensa carioca e os acontecimentos futebolísticos do Rio de Janeiro eram reproduzidos em Rio Grande, como ilustra a passagem do Jornal Echo do Sul de 07/04/1926 (p. 4): “Caso de ‘preconceito de cor’ no Rio de Janeiro. A AMEA estaria vetando o clube Andarahy por ter atletas negros”.

²³ Indícios assinalam que o Sport Club Vasco da Gama foi um clube vinculado aos portugueses da cidade, que aceitava futebolistas negros. Seu nome provavelmente fora inspirado no Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio Janeiro, agremiação que em 1923 venceu o campeonato do Rio de Janeiro com uma equipe que incluía futebolistas pobres e negros. Mesmo que existam algumas controvérsias sobre o caráter mais ou menos progressista das posições assumidas pelo Vasco da Gama em 1923 (SANTOS, 2010), o episódio constitui-se como uma marca na historiografia do futebol brasileiro.

(ANTUNES, 1994; PEREIRA, 1998). A escolha do nome Bangú para o clube rio-grandino provavelmente se deu por alguma afinidade às marcas sócio-históricas do clube carioca, como apontam alguns vestígios, como a viagem que o clube fez à cidade de Pelotas em 1940 para jogar amistosamente contra o Foot-Ball Club Vencedor (O TAGARELLA, 07/03/1940, p. 3), agremiação constituída predominantemente por operários negros e que disputava a Liga José do Patrocínio (MACKEDANZ, 2016); meses depois os dois clubes voltaram a se enfrentar em Rio Grande, ocasião em que o Bangú Foot Ball Club organizou um baile para recepcionar o clube pelotense coirmão (O TAGARELLA, 18/06/1940, p. 2).

Poucas foram as matérias encontradas que fizeram alguma referência ao Sport Club Brasil. Em 1927 e em 1929 ele é mencionado nos jornais com o nome de Sport Club Brasil (ECHO DO SUL, 10/05/1927, p. 2; O TAGARELLA, 01/05/1929, p. 3), no entanto, em 1926 é citado como Grêmio Sportivo Brasil (ECHO DO SUL, 26/08/1926, p. 2). A utilização dessa última nomenclatura aponta para a possibilidade de ter sido um clube que se inspirou no time da cidade de Pelotas, Grêmio Esportivo Brasil, fundado em 1911, que fazia parte da Liga Pelotense de Futebol e em 1919 sagrou-se o vencedor do Primeiro Campeonato Estadual do Rio Grande do Sul (RIGO, 2004).²⁴

No caso do Sport Club Cruzeiro, os indícios jornalísticos encontrados assinalam que este parece se tratar do mesmo Cruzeiro do Sul citado anteriormente por integrar a Segunda Divisão da Liga Rio-Grandense de Futebol desde a primeira edição do Campeonato Citadino, em 1916. Entretanto, a presença do Sport Club Cruzeiro na Liga Rio-Grandense nunca foi tranquila, visto que desde o começo da liga o clube protagonizou vários atritos com outras agremiações, retirando-se da competição mais de uma vez.

Correia *et al.* (2020, p. 4) identificaram que o Sport Club Cruzeiro foi fundado em 1913. Em fevereiro de 1926 ele jogou um amistoso contra o Sport Club Rio Grande, clube da Liga Rio-Grandense de Amadores (ECHO DO SUL, 22/03/1926, p. 1) e nos meses de maio e junho desse mesmo ano jogou outros dois amistosos, um contra o Sport Club União Democrata e outro contra o Sport Club Andarahy, clubes que integrariam a futura Liga Esportiva Rio Branco (ECHO DO SUL, 11/05/1926, p. 5; ECHO DO SUL, 12/06/1926, p.

²⁴ O G. E. Brasil ficou conhecido pela incorporação relativamente precoce de futebolistas negros em seu plantel: Babá em 1917, Gradim e Ivo em 1925 e Fruto em 1929. Esse pioneirismo fez com que, nas décadas de 1920 e 1930, ele fosse apelidado de “Clube dos Negrinhos da Estação” por sua incorporação de futebolistas negros e por seu estádio localizar-se, na época, ao lado da estação férrea da cidade (MACKEDANZ; GILL; RIGO, 2015). Nos últimos anos o G. E. Brasil tem disputado a série B do Campeonato Brasileiro e a Primeira Divisão do Campeonato Estadual.

2)²⁵. Ou seja: o Sport Club Cruzeiro (do Sul)²⁶ foi uma agremiação que participou das duas ligas (Rio-Grandense e Rio Branco) e manteve relações futebolísticas com agremiações de ambas.

O Sport Club Democrata, que também é citado em alguns jornais da cidade como Sport Club União Democrata, foi fundado em 1912 por indivíduos de classe média (CORREIA *et al.*, 2020) e antes da criação da Liga Esportiva Rio Branco disputava amistosos com outras agremiações como o Grêmio Sportivo Minas Geraes (ECHO DO SUL, 04/05/1926) e o Sport Club Cruzeiro (ECHO DO SUL, 11/05/1926, p. 5). No encerramento do campeonato de 1927 o jornal Echo do Sul (22/10/1927, p. 1) fez referência ao clube como Sport Club Democrata, mas o jornal A Lucta (24/10/1927, p. 2), ao noticiar o mesmo episódio, refere-se ao clube como Sport Club União Democrata²⁷.

A única informação encontrada nos jornais consultados assinala que o Grêmio Sportivo 15 de Novembro se tratava de uma agremiação localizada na Vila Fronteira, no município de São José do Norte (ECHO DO SUL, 08/01/1926, p. 5; 30/01/1926, p. 2). A saber, São José do Norte é um município localizado entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, há apenas cinco quilômetros de Rio Grande em uma travessia de balsa²⁸.

O Sport Club Internacional foi outro clube que fez parte da Liga Rio-Grandense (A LUCTA, 17/04/1924). Correia *et al.* (2020) identificaram tratar-se de uma agremiação multiétnica, fundada em 1912 por imigrantes descendentes de alemães, ingleses e portugueses. Provavelmente as mudanças que ocorreram nos Regimentos da Liga Rio-Grandense a partir de 1925 forçaram a exclusão do clube dessa liga, aproximando-o da Liga Rio Branco. Em 1926, um ano antes de filiar-se à Liga Rio Branco, o clube cedeu o seu campo para a realização de jogos dessa competição, um indicador da aproximação que havia entre o clube e a Liga Rio Branco (ECHO DO SUL, 19/07/1926, p. 2).

O Lomba Verde Foot Ball Club, segundo os indícios encontrados, seria uma agremiação de bairro. Antes de ingressar na Liga Rio Branco, o clube aparece noticiado nos jornais da cidade como Villa Verde Foot Ball Club, como ocorreu, por exemplo, na notícia

²⁵ Como curiosidade, tem-se o registro de que existia na cidade de Novo Hamburgo/RS, vizinha à cidade de Porto Alegre, outro clube com este mesmo nome, Sport Club Cruzeiro do Sul, fundado em 1922, constituído por futebolistas negros e com sede situada em um bairro que se chamava “África” (SANTOS, 2018, p. 177).

²⁶ Há nos jornais rio-grandinos anúncios frequentes do serviço de transportes da Sociedade de Navegação Cruzeiro do Sul Limitada (ECHO DO SUL, 30/01/1928, p. 3). Assim, provavelmente o Sport Club Cruzeiro (do Sul) tenha sido uma agremiação vinculada aos trabalhadores da Sociedade de Navegação Cruzeiro do Sul.

²⁷ As buscas feitas nos jornais não nos possibilitaram identificar qual a nomenclatura correta da agremiação nem se em algum determinado momento ocorreu uma mudança no nome do clube ou algo similar.

²⁸ Maiores considerações sobre São José do Norte, ver: MACHADO; RIVERA (1992).

referente ao amistoso contra o Democrata em julho de 1926 (ECHO DO SUL, 06/07/1926, p. 5).²⁹

Fundado em 1910, o Sport Club Progresso teve a comemoração dos seus 18 anos noticiada no jornal Echo do Sul em outubro de 1928 (ECHO DO SUL, 15/10/1928, p. 5). Correia *et al.* (2020) identificaram tratar-se de uma agremiação vinculada a proprietários do comércio. Assim como o Sport Club Cruzeiro, o Sport Club Progresso também fez parte das primeiras edições da Segunda Divisão da Liga Rio-Grandense de Futebol (CORREIA, 2014, p. 68-74) e também mantinha relações futebolísticas com agremiações pertencentes às duas ligas. Certos eventos culturais organizados pelo Sport Club Progresso eram noticiados no Jornal O Tagarella (01/05/1930, p. 3), um indício de afinidade e aproximação com a comunidade negra da cidade.

O Sport Club Rio Negro foi fundado em 1919, como indica o baile comemorativo de seu 13º aniversário realizado em 14 de janeiro de 1933 (O TAGARELLA, 31/12/1932, p. 1).

Em 1922 foi anunciada a eleição de nova diretoria do clube, sendo Romualdo da Silva Santos o primeiro secretário e Carlos da Silva Santos o representante do clube. A família de Carlos Santos era de Pelotas e seu avô, Manuel da Conceição da Silva Santos, foi um dos fundadores do jornal abolicionista A Voz do Escravo, em 1883. Carlos Santos (1904–1989) foi líder operário e posteriormente tornou-se deputado estadual e federal. Ele também é considerado o primeiro governador negro do estado, ainda que tenha assumido este cargo apenas interinamente (SANTOS, 2018).

A presença de um importante líder negro na diretoria do clube e a divulgação da ata de eleição da diretoria do clube de 1922 no jornal de imprensa negra O Exemplo, da cidade de Porto Alegre (SANTOS, 2018, p. 180-181), evidenciam um alto grau de pertencimento étnico-futebolístico do Sport Club Rio Negro em relação à população afrodescendente.

O Sport Club Rio Negro realizou várias excursões para participar de jogos amistosos em outras cidades com clubes também identificados com a comunidade afrodescendente. Em 1930 ele viajou à cidade de Bagé (há aproximadamente 250 quilômetros de Rio Grande) para jogar contra o Sport Club Juvenil no dia 27 de julho de 1930, como anunciado antecipadamente pelo jornal O Tagarella (13/07/1930, p. 4) e no ano seguinte, em 1931, ele viajou à cidade de Pelotas (há aproximadamente 60 quilômetros de Rio Grande) para

²⁹ Atualmente tem-se registro da existência de um outro clube de futebol denominado Esporte Clube Vila Verde, situado na Ilha dos Marinheiros (Disponível em: <https://timesdors.blogspot.com/2017/11/vila-verde-de-rio-grandens.html>. Acesso em: 12 mar. 2020).

enfrentar o Sport Club Universal e o Sport Club Juvenil (O TAGARELLA, 12/04/1931, p. 3)³⁰.

A presença de lideranças políticas negras na diretoria, as excursões futebolísticas para jogar contra clubes de outras cidades também vinculados à população afrodescendente e o simbolismo do próprio nome evidenciam que o Sport Club Rio Negro foi um dos clubes representativos da população afrodescendente rio-grandina de maior expressão do período.

Nessa época alguns jogos de futebol faziam parte de uma festa ou tarde esportiva e cultural que envolvia várias outras atrações além do futebol. Um exemplo da importância cultural das tardes esportivas organizadas pela Liga Esportiva Rio Branco está expresso na divulgação do encerramento do campeonato de 1927, quando um anúncio no jornal *Echo do Sul* destacou que: “para o local correrá bondes de 15 em 15 minutos e a entrada custará 1\$000, sendo facultada ao belo sexo” (22/10/1927, p. 1).

O Sport Club Rio Negro também realizava ações em parceria com associações recreativas bailantes, teatrais e carnavalescas existentes na época e que eram vinculadas à população negra (LONER, 1999). Por exemplo, em 1929 o Sport Club Rio Negro organizou um sarau teatral baseado em textos do escritor José de Alencar que foi apresentado pelo Grêmio Lírico Dramático Filhos do Trabalho³¹ (O TAGARELLA, 07/07/1929, p. 2), no ano seguinte promoveu um concurso entre os cordões carnavalescos³² da cidade, vencido pelo Clube Cultural Estrela do Oriente³³ (O TAGARELLA, 01/05/1930, p. 3), e o clube também realizava bailes nas sedes/salões do Clube Cultural Estrela do Oriente (O TAGARELLA, 31/10/1939, p. 2) e do Rancho Carnavalesco Braço é Braço³⁴ (O TAGARELLA, 07/09/1930, p. 2).

³⁰ O Sport Club Universal e o Sport Club Juvenil eram duas agremiações pertencentes à comunidade negra da cidade de Pelotas e ambos tiveram uma atuação destacada junto à Liga de Futebol José do Patrocínio. Índícios apontam que Sport Club Juvenil — provavelmente o clube negro de maior tradição do futebol pelotense — foi fundado em 1908 (MACKEDANZ, 2016; RIGO 2004), desse modo, há possibilidade de o Sport Club Juvenil de Bagé ter se inspirado no Sport Club Juvenil de Pelotas.

³¹ Agremiação teatral negra que se manteve em atividade entre 1919 e 1939 (LONER, 1999).

³² Além do Sport Club Rio Negro, outros clubes também mantinham relações com os cordões carnavalescos, como é o caso do Sport Club Progresso (O TAGARELLA, 01/05/1930, p. 5). Aliás, essa aproximação com o carnaval parece ter sido uma marca da Liga Rio Branco, como evidencia a participação da banda do Clube Cultural Estrela do Oriente na tarde desportiva que comemorou o aniversário de dois anos da liga (ECHO DO SUL, 04/08/1928, p. 3).

³³ Clube carnavalesco negro fundado em julho de 1926 (LONER, 1999, p. 126-128).

³⁴ Associação carnavalesca criada em 1920 por negros carvoeiros e foguistas da Marinha Mercante. Há registro de sua existência até 2007. (Disponível em <https://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/index.php/noticias/detalhes+70d06,,braco-e-braco-e-patrimonio-historico-e-cultural-do-rio-grande.html#.YFvDIK9KjIV>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Não foram encontradas informações suficientes nos jornais consultados para tecer maiores considerações sobre as agremiações Bento Gonçalves³⁵, Minas Geraes e Fortaleza. As notícias que faziam alguma referência direta a essas três agremiações costumavam somente referir-se a datas, aos adversários e, às vezes, aos resultados dos jogos da Liga Esportiva Rio Branco.

Os Campeonatos

As competições organizadas pela Liga Esportiva Rio Branco seguiram uma estrutura padrão: o Torneio Início, que acontecia em um único dia no formato eliminatório, e um campeonato de pontos corridos no qual todas as agremiações enfrentavam-se e no final havia novamente um torneio no formato eliminatório para definir o campeão.

Na primeira edição da Liga Esportiva Rio Branco, em 1926, o Sport Club Andarahy foi o vencedor do Torneio Início (ECHO DO SUL, 26/08/1926, p. 2) e o Sport Club Cruzeiro venceu o campeonato (ECHO DO SUL, 21/01/1927, p. 2). Em 1927 o Sport Club Democrata venceu o Torneio Início e o campeonato (ECHO DO SUL, 19/04/1927, p. 1; A LUCTA, 24/10/1927, p. 2; ECHO DO SUL, 22/10/1927, p. 1). Em 1928 o Sport Club Internacional venceu as duas competições (ECHO DO SUL, 16/04/1928, p. 1; ECHO DO SUL, 10/09/1928, p. 5) e em 1929 foi a vez do Sport Club Rio Negro conquistar o Torneio Início e o campeonato (O TAGARELLA, 10/11/1929, p. 1).

O campeonato de 1930 foi marcado por um triste acontecimento. No dia 6 de julho desse ano, no jogo entre o Sport Club Internacional e Sport Club Cruzeiro, aos 20 minutos do primeiro tempo dois torcedores discutiram e um acabou sendo assassinado com uma facada (ECHO DO SUL, 07/07/1930, p. 3; 08/07/1930, p. 4). Na semana seguinte o jornal Echo do Sul divulgou na íntegra o mandado de prisão referente a esse acontecimento (ECHO DO SUL, 19/07/1930, p. 4).

Após esse trágico episódio não foram encontrados nos jornais da cidade mais registros da continuação do campeonato de 1930, nem de novas edições nos anos seguintes, deixando a

³⁵ Em Porto Alegre também havia um clube de futebol vinculado à comunidade negra, o qual se chamava Sport Club Bento Gonçalves. Em 1922 o clube contratou o jogador Bastinhos (João de Araújo Bastos) do Sport Club Juvenil, clube negro pelotense e no mesmo ano excursionou para Cachoeira do Sul e, em 1924, para Pelotas e Rio Grande a fim de realizar amistosos com clubes da comunidade negra dessas três cidades (SANTOS, 2018, p. 175-176). Assim, há a possibilidade de que o clube Bento Gonçalves de Rio Grande tenha sido fundado inspirado no Sport Club Bento Gonçalves de Porto Alegre.

impressão de que o episódio do assassinato pode ter contribuído para o término do campeonato organizado pela Liga Esportiva Rio Branco.

Três anos depois, em 16 de março de 1933, funda-se na cidade a Liga Sportiva João Pessoa. Nota-se que entre as agremiações fundadoras dessa liga estão o Fortaleza Foot Ball Club, o Sport Club Rio Negro e o Sport Club Progresso, três agremiações que pertenciam à Liga Rio Branco. Além dessas três, também faziam parte da nova liga o Grêmio Sportivo General Portinho, o Aliança Futebol Club e o São Raphael (RIO GRANDE ESPORTIVO, 27/03/1933, p. 4; 08/05/1933, p. 2). Todavia, a Liga Sportiva João Pessoa³⁶ parece ter sido um liga efêmera, pois nos anos seguintes não foram encontrados nos jornais da cidade outros registros referentes a ela³⁷.

Considerações Finais

Os aportes teóricos feitos por DaMatta (1981; 1994; 1997) e Guimarães (2005) contribuem para a compreensão das práticas racistas discursivas e não discursivas presentes em diferentes cidades brasileiras em distintos momentos históricos e, nesta pesquisa, funcionaram também como uma ferramenta teórica que ajudou a problematizar as estratégias de resistência ao racismo nas práticas futebolísticas e culturais utilizadas pela população afrodescendente da cidade de Rio Grande nas primeiras décadas do século XX.

Especificamente no caso do futebol rio-grandino, foi possível notar que de forma velada (através de exigências infraestruturais ou por meio dos altos valores das taxas cobradas), a Liga Rio-Grandense da Futebol, fundada em 1916, excluía uma série de agremiações futebolísticas da cidade, parte das quais, portanto, acabou criando a Liga Esportiva Rio Branco. Assim, de 1926 a 1930, a Liga Rio Branco aglutinou uma série de agremiações que, apesar de não terem as mesmas proveniências e pertencimentos, tinham em comum o fato de não serem aceitas na Liga Rio-Grandense de Amadores.

³⁶ Além da presença de agremiações oriundas da Liga Rio Branco, não foi possível identificar se havia ou não outras afinidades político-futebolísticas entre a extinta Liga Rio Branco e a nova Liga Sportiva João Pessoa, cujo nome provavelmente seja uma referência ao paraibano João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, eleito presidente (equivalente ao atual cargo de governador) da Paraíba em 1928 e assassinado em 1930. Esse acontecimento é considerado uma das causas da Revolução de 1930, a qual levou Getúlio Vargas à presidência do Brasil (ALEPE – Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. 2009. Disponível em <https://web.archive.org/web/20090804102835/http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/links/JoaoPessoa.html>. Acesso em: 21 set. 2020).

³⁷ Em 1941 há registro da existência de um clube de futebol denominado Sport Club João Pessoa (O TAGARELLA, 26/01/1941, p. 3).

Desse modo, guardadas as devidas singularidades de cada liga, é possível dizer que a Liga Esportiva Rio Branco representou para o futebol rio-grandino algo similar ao que representaram outras ligas alternativas em outras cidades, como foi o caso, por exemplo, da Liga de Foot-Ball José do Patrocínio para o futebol pelotense (MACKEDANZ, 2016), da Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense para o futebol porto-alegrense (SANTOS, 2018) e também as Ligas Suburbanas de Futebol para o futebol carioca (PEREIRA, 1998).

Todavia, esta pesquisa nos possibilitou concluir que a Liga Rio Branco não se constituiu como uma liga exclusiva de clubes de futebolistas negros, como parece ter sido a Liga José do Patrocínio e a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense. A Liga Esportiva Rio Branco incorporou agremiações que possuíam um forte vínculo com a população afrodescendente e que se caracterizavam como os típicos clubes de negros da época, como parece ter sido o caso, principalmente, do Sport Club Rio Negro e do Bangú Foot Ball Club, mas incluiu também agremiações que possuíam outros componentes indenitários, como os clubes de operários do futebol fabril e os clubes de bairro.

Por último, especificamente sobre a resistência ao racismo nas práticas futebolísticas da época, além da atuação da Liga Esportiva Rio Branco chama-nos a atenção a existência de alguns clubes que deram consistência futebolística à liga, como foi o caso, principalmente, do Sport Club Rio Negro e do Bangú Foot Ball Club. Essas duas agremiações assemelhavam-se a clubes negros de futebol que existiam em outras cidades do Rio Grande do Sul, como o Sport Club Juvenil de Pelotas (MACKEDANZ, 2016) e o Sport Club Rio-Grandense de Porto Alegre (SANTOS, 2018). Além de participarem das disputas locais, esses clubes desenvolveram fortes afinidades com clubes negros de outras cidades gaúchas e com frequência realizavam excursões futebolísticas para jogar amistosos contra eles.

O Sport Club Rio Negro, especialmente, destaca-se por ser uma agremiação que não restringia sua atuação às práticas futebolísticas. Em parcerias com outras associações culturais negras da cidade existentes na época, o Sport Club Rio Negro promovia e ajudava a organizar bailes, saraus teatrais e atividades carnavalescas, atuação que extrapolou o futebol, tornando-o uma instituição importante para a história das práticas culturais afrodescendentes na cidade.

Referências Bibliográficas

ADORNO, S. Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.43, 1995, pp.45–63.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS (ANTAQ); FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP); CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (CIESP). **Anuário Estatístico Aquaviário**. 2017. p.33. Disponível em: <http://portal.antaq.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Apresentação-do-Anuário-Estatístico-2016.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (Orgs.). **Retratos de Foucault**. 1.ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000. pp.117–137.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n.22, pp.102–109, 1994.

CARNEIRO, E. A Lei do Ventre-Livre. **Afro-Ásia**, Salvador, n.13, pp.13–25, 1980.

CESAR, W. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (Corag), 2012.

CORREIA, J. M. **Os Vínculos Clubísticos e as Lógicas do Jogo: um Estudo sobre a Emergência e o Processo de (des)elitização do Futebol na Cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CORREIA, J. M.; FREITAS, D. da S.; KNUTH, A. G.; RIGO, L. C. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v.42, n.1, 2020.

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n.22, pp.10–17, jun./jul./ago. 1994.

DOMINGUES, P. O “campeão do Centenário”: raça e nação no futebol paulista. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, set./dez., 2015.

ELMIR, C. P. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n.13, 1995.

ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIV, n.2, dez. 1998.

- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 7.ed. Lisboa: Nova veja, 2009.
- FRAGA, G. W. **Branços e Vermelhos: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal *Correio do Povo* (1936-1939).** 2004. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FRAGA, G. W. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950.** 2009. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol. [online]**, São Paulo, v.47, n.1, pp.09–43, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 abr. 2021.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- HASENBALG, C. “Mobilidade social, desigualdade de oportunidades e raça”. In: HASENBALG, C. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. pp.207–232.
- HELAL, R.; TEIXEIRA, J. P. V. O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. **Revista de ciências sociais**, Fortaleza, v.42, n.1, pp.77–88, jan./jun. 2011.
- HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- LIMA, F. G. **Singularidade do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), Pelotas, 2014.
- LONER, B. A. **Classe Operária – Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937.** 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Orgs). **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas: Unicamp, 2004. pp.121–163.

MACHADO, M. E. S.; RIVERA, M. R. P. (Orgs.). **São José do Norte**: terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.

MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). 2016. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

MACKEDANZ, C. F.; RIGO, L. C. Memórias do Futebol Comunitário: o caso do E. C. Esperança do Povo Novo. **Revista Didática Sistêmica**, v. esp., pp.257–263, 2015.

MACKEDANZ, C. F.; GILL, L. A.; RIGO, L. C. Os afrodescendentes e o futebol pelotense no pós-abolição (1925-1938). **Estudios Históricos (Rivera)**, v.15, pp.01–16, 2015.

MASCARENHAS, G. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**, Porto Alegre, v.11, pp.144–161, 1999.

OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense**: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942). Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

ORTIZ, R. “Memória coletiva e sincretismo: as teorias raciais do séc. XIX”. In: ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (doutorado) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RAMOS, M. G. **Sport Club Rio Grande**: centenário do futebol brasileiro. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora UFPel, 2004.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

SANTOS, H. S. dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, J. A. dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Editora UFPel, 2003.

SANTOS, J. A. dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHWARCZ, L. K. M. Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil. In: VILLAS BOAS, G.; GONÇALVES, M. A. (Orgs.). **O Brasil da virada do século: o debate dos cientistas sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

STÉDILE, M. E. A. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TORRES, Luiz Henrique. A Catedral de São Pedro. **Biblos**, Rio Grande, v.18, pp.55-64, 2006.

TORRES, L. H. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **Biblos**, Rio Grande, v.22, n.1, pp.101–117, 2008.

Arquivos Pesquisados

Biblioteca Rio-Grandense (BRG)

Centro de Documentação Histórica Hugo Pereira das Neves, FURG (CDH)

Fontes Primárias (Jornais)

A Lucta, 2º semestre 1926, 2º semestre 1927 (BRG); números (1924-1935) 25, 115, 174, 247, 843, 892, 893, 894, 896, 902, 917, 1367, 1569, 2271, 2283, 3004 (CDH).

Echo do Sul, 1º e 2º semestre 1926, 1º e 2º semestre 1927, 1º, 2º semestre 1928, 2º semestre 1930 (BRG).

Rio Grande, 2º semestre 1926 (BRG).

Rio Grande Esportivo, 1932 (outubro a dezembro), 1933, 1934, 1935 e 1936, 1939, 1940 e jan/mar/1941 (BRG).

O Tagarella, anos 1929-1933 (Ano I: 1 – 26; 31 – 32; Ano II : 1 – 21; Ano III: 1 – 3; 6; Ano IV : 1 – 3; Ano XII : 60); 1938 (1 – 5); 1939 (6 – 38); 1940 (39 – 67); 1941 (64 – 66; 68) (CDH).

O Tempo, 2º semestre 1926 (BRG); números 39. 48, 50, 51 (1909), 105 (1913), 183 (1919), 24; 217 (1920), 43 (1926), 61 (1934), 222, 232; 266; 274 (1935), 183 (1936), 59; 249 (1937), 18; 23; 38; 135; 145 (1938), 24; 246 (1939), 41; 44; 45; 46; 47; 49 (1940), 40; 193 (1941), 198 (1944), 211 (1945), 157; 167; 232 (1946), 76; 127 (1947), 77; 243 (1948), 297; 434 (1949), 658; 725; 736 (1950), 64; 89 (1952), 197 (1954), 24; 161; 291; 308 (1955), 2; 86; 112; 144; 167; 425 (1956), 13; 65; 161; 167 (1957), 32; 110; 117 (1958), 14; 205; 254; 256; 292; 299; 312; 324; 353; 360 (1959), 31; 101; 181; 182 (1960) (CDH).

Artigo 3

“‘Nego’ era ‘barato’ perto do que eles diziam”: memórias de ex-futebolistas negros que atuaram no interior do Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XX

Resumo: O futebol brasileiro é comumente considerado um exemplo de democracia racial e de ascensão social de futebolistas negros. Todavia, os inúmeros casos de denúncias raciais que atualmente vêm ganhando maior visibilidade mostram que o racismo no futebol brasileiro está longe de desaparecer. Nesse sentido, esta pesquisa procurou analisar, através da história oral temática, as memórias de ex-futebolistas negros que atuaram em clubes das cidades de Pelotas e Rio Grande a partir da segunda metade do século XX. Os resultados indicaram que o racismo se manifestou de duas formas: uma explícita, com xingamentos das torcidas, que ocorriam em qualquer região do Estado, mas que eram mais intensas em regiões de forte imigração europeia; e outra mais sutil e dissimulada, identificada pelas poucas oportunidades que os ex-futebolistas negros recebem nas áreas técnica e executiva. Concluiu-se que o futebol não é uma área imune às tensões raciais presentes na sociedade brasileira, mas um espaço no qual coexistem movimentos de inclusão e de exclusão dos afro-brasileiros.

Palavras-Chave: Futebol. Racismo. História Oral.

"The N-word was nothing when compared to what they used to say": memories of former Brazilian football players of African heritage who played in the interior of Rio Grande do Sul from the second half of the 20th century

Abstract: Brazilian football is commonly considered an example of racial democracy and the social rise of black football players. However, the crescent number of reports on racial discrimination, which are gaining more visibility nowadays, show us that racism in Brazilian football is far from reaching its end. In this sense, this research sought to analyze, through thematic oral history, the memories of former Brazilian football players of African heritage who worked for football clubs based in the cities of Pelotas and the Rio Grande from the second half of the 20th century. The results indicated that racism manifested itself in two ways: one explicit, with cursing from the fans, which occurred in any region of the state, but which were more intense in regions with strong European immigration; and another more subtle and underhanded, identified by the few opportunities that former Brazilian football players of African heritage receive in the technical and executive areas. The conclusion points out that football is not an area immune to racial tensions present in Brazilian society, but it is a space in which movements of inclusion and exclusion of Afro-Brazilians coexist.

Keywords: Football. Racism. Oral History.

Introdução

O futebol brasileiro estabeleceu uma relação ambígua com a população negra. Ainda que muitos craques brasileiros sejam negros, nas primeiras décadas do século XX os futebolistas negros brasileiros enfrentaram uma série de barreiras e/ou constrangimentos e muitos foram excluídos dos grandes clubes nacionais (PEREIRA, 1998; SANTOS, 2018).

Posteriormente, em parte devido ao protagonismo de alguns futebolistas negros nas conquistas das Copas do Mundo, construiu-se um discurso de que o futebol brasileiro era um exemplo de inclusão racial (SOUZA, 2019; TONINI, 2020). Essa ideia foi adaptada da ideologia da democracia racial formulada por Gilberto Freyre (2003) em 1933. Essa ideologia defendia que a colonização portuguesa teria resultado num tipo de escravidão mais branda que, por consequência, teria tornado o Brasil do pós-abolição uma sociedade na qual não haveria discriminação racial. Alguns pesquisadores estadunidenses nas décadas seguintes fizeram estudos sobre o racismo no Brasil e, ao não encontrarem o mesmo tipo de ódio racial presente nos EUA, corroboraram as ideias de Freyre (GUIMARÃES, 2004).

A partir dos anos 1950 a democracia racial foi criticada e superada por Fernandes (1965), para o qual a democracia racial era um mito, e Nogueira (2006), que em 1955 ressaltou que se nos EUA existia um racismo de origem, enquanto no Brasil ele era de “marca”. Dentre as várias diferenças apontadas pelo autor, destaca-se que o preconceito de marca atua através da preterição e usa o fenótipo ou a aparência social como critério para definir quem é do grupo discriminado, enquanto o preconceito de origem atua através da exclusão dos membros do grupo e utiliza a origem como critério de definição. Ou seja, mesmo um mestiço, seja qual for sua aparência, será discriminado. Posteriormente, em 1979, Hasenbalg (2005) resalta a tese de que a raça é um elemento de discriminação, que antecede e extrapola a classe social do indivíduo.

No decorrer do século XXI essa ideia de que o futebol brasileiro seria um espaço de democracia racial foi abalada pelos recorrentes casos de racismo. A partir da repercussão desses episódios, vários trabalhos acadêmicos foram realizados a respeito do racismo no futebol brasileiro (ABRAHÃO, 2010; BANDEIRA; SEFFNER, 2016; CAVALCANTI; CAPRARO, 2009; SOUZA *et al.*, 2015) e no âmbito

internacional (GIGLIO *et al.*, 2014; LISE *et al.*, 2015; SANTOS, 2014)¹, mas o número de estudos dedicados a investigar o racismo no futebol brasileiro ainda é modesto² e muito focado nos clubes da primeira divisão do futebol nacional, principalmente se levarmos em conta a representatividade política e cultural que o futebol possui junto à cultura brasileira.

Nesse sentido, esta pesquisa procurou analisar as memórias de ex-jogadores negros que atuaram no futebol pelotense e rio-grandino na segunda metade do século XX e no início do século XXI.

A escolha da delimitação geográfica (Pelotas e Rio Grande) deu-se por estas serem duas cidades com uma significativa presença negra³, relação que começou no período da escravidão (TORRES, 2008; GUTIERREZ, 1999). Após a abolição essa população criou, nessas duas cidades, uma rede própria de associações, jornais e clubes, inclusive de futebol⁴, formando uma rede de sociabilidade específica que a ajudou a resistir ao racismo do pós-abolição (MACKEDANZ, 2016; LONER, 1999).

As duas cidades também têm em comum a forte tradição no futebol. O Sport Club Rio Grande, além de ter sido campeão Estadual em 1936, é considerado o clube de futebol mais antigo do país em atividade (fundado em 19 de julho de 1900). O Grêmio Esportivo Brasil da cidade de Pelotas (fundado em 1911) conquistou o primeiro campeonato gaúcho da história em 1919. Os outros campeões estaduais de Pelotas foram o Esporte Clube Pelotas (fundado em 1908), campeão em 1930, e o

¹ Com o objetivo de monitorar e combater a discriminação racial no futebol brasileiro foi criado o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, entidade que desde 2014 vem publicando Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

² Exceções importantes são os trabalhos de Tonini (2010), que analisou as memórias de jogadores, treinadores e árbitros negros que atuaram no futebol brasileiro entre 1970 e 2010 e que em vários momentos foram alvo de condutas ou manifestações racistas, e de Florenzano (2019), que pesquisou o racismo presente na ofensiva do governo militar e de parte da imprensa nacional contra Pelé quando ele decidiu se aposentar da seleção brasileira em 1974.

³ No ano de 2010 Pelotas possuía uma população total de 328.275, sendo que 35.049 eram pretos e 28.245 eram pardos, e Rio Grande possuía uma população de 197.228, com 16.834 pretos e 21.406 pardos (IBGE, 2012).

⁴ O protagonismo da população negra no futebol na época possibilitou a criação da Liga José do Patrocínio na cidade de Pelotas, uma liga específica para clubes de futebolistas negros que vigorou de 1919 até a década de 1930 (MACKEDANZ; SILVA; RIGO, 2021), ocorrendo algo similar em Rio Grande com a fundação de agremiações futebolísticas negras como o Sport Club Rio Negro e do Sport Club Bangú (MACKEDANZ; RIGO, 2021).

Grêmio Atlético Farroupilha⁵ (fundado em 1926), campeão estadual em 1935; e os de Rio Grande foram o Sport Club São Paulo (fundado em 1908), campeão em 1933, e o Football Club Riograndense (fundado em 1909), campeão em 1939 (RIGO, 2004).

Considerações Metodológicas

Este estudo utilizou-se da história oral, a qual é entendida como um método de pesquisa “que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto estudado” (ALBERTI, 2013, p. 24). Mais especificamente, a escolha metodológica desta pesquisa foi a história oral temática, ou seja, as entrevistas centram-se nas experiências futebolísticas dos narradores, mais especificamente, no tema do racismo no futebol (MEIHY; HOLANDA, 2013, pp. 38–40).

Essa opção metodológica se justificaria somente pela quase inexistência de outras fontes históricas que tratam desses futebolistas negros infames⁶, mas ao tomar as narrativas dos entrevistados como fontes legítimas (MONTENEGRO, 1997) almejamos “produzir estratégias capazes de permitir o entendimento além das informações” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 31). Contudo, “[...] a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAU, 2011, p. 65), ou seja: as memórias dos entrevistados não são a realidade em si, mas as suas representações dessa realidade (MONTENEGRO, 1997; 2010), com a singularidade de que essa realidade é parte direta de suas experiências.

A pesquisa observou as etapas e procedimentos previstos por Meihy e Holanda (2013). Pela proximidade existente entre Pelotas e Rio Grande e pelo fato de os futebolistas “rodarem” (RIAL, 2008) por diferentes clubes e cidades optamos pela constituição de uma única rede de narradores.

⁵ Na época o clube se chamava Grêmio Atlético 9º Regimento de Infantaria.

⁶ Em *A Vida dos Homens Infames* (2009), Foucault utiliza o conceito de “infames” para tratar de criminosos não famosos, indivíduos desconhecidos cujas vidas costumavam ser contadas em poucas linhas e sobre os quais havia escassos registros. Adaptamos tal termo aqui para esses futebolistas que muitas vezes têm suas carreiras ignoradas pelos grandes noticiários esportivos, mais interessados nos clubes da primeira divisão.

A escolha dos componentes da rede teve como critério comum de inclusão o fato de todos os narradores serem ex-futebolistas negros que atuaram em clubes profissionais das cidades de Rio Grande e Pelotas. A rede começou pelo ponto zero, com uma entrevista exploratória com o ex-futebolista Ubiraci Souza de Souza, conhecido como Bira, uma referência do futebol da Zona Sul na década de 1980, e englobou outros cinco ex-futebolistas.

Inicialmente a pesquisa seria focada somente nos episódios referentes à carreira de futebolistas, mas já nas duas primeiras entrevistas emergiu a questão dos treinadores e de dirigentes negros, a qual foi incorporada ao estudo, principalmente porque quatro dos nossos seis entrevistados exerceram essas funções. Semelhante ao que sugerem Meihy e Holanda (2013), foi solicitado que cada um dos entrevistados indicasse outros indivíduos que pudessem enriquecer a pesquisa. O ponto de saturação da rede deu-se ao diagnosticarmos que as narrativas começavam a se repetir e paravam de trazer componentes originais ao estudo (MEIHY, 1998). No Quadro 1 e nas respectivas notas de rodapé de cada entrevistado apresentamos alguns componentes das biografias dos nossos seis narradores.⁷

⁷ Apesar de a história oral não ter uma grande tradição na historiografia do futebol brasileiro, alguns estudos fizeram uso dela, como foi o caso, por exemplo, dos estudos de Rigo (2004), em que o autor trata sobre a importância da história oral para a historiografia do futebol brasileiro, e de Holanda (2017), que destaca a existência de duas pesquisas, “Futebol, memória e patrimônio” e “Territórios do Torcer”, ambas protagonizadas pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

Quadro 1 — Alguns componentes biográficos dos narradores

Nome do narrador	Tempo de carreira como futebolista	Clubes Profissionais de Pelotas	Clubes Profissionais de Rio Grande	Outras funções
Oscar ⁸	1957 a 1968	—	SC São Paulo FBC Riograndense	Treinador e Presidente
Bira ⁹	1983 a 1998	GE Brasil (1983–1985; 1995) GA Farroupilha (1998)	—	—
PC ¹⁰	1986 a 2008	GA Farroupilha (2003–2005)	SC São Paulo (1989; 1995) SC Rio Grande (2008)	Treinador
Miro ¹¹	1998 a 2013	GE Brasil (1998–1999; 2001–2002) GA Farroupilha (2000; 2004–2006; 2013)	SC São Paulo (2003) SC Rio Grande (2011–2012)	—

⁸ Oscar Conceição, natural de Florianópolis (SC), começou a jogar no juvenil do Figueirense FC (SC) e disputou algumas partidas profissionais por esse clube e pelo Bocaiúva FC (SC). Após, ingressou na Marinha do Brasil, concluiu sua formação e foi designado para trabalhar na cidade de Rio Grande (RS), onde jogou no SC São Paulo (RS) e no FBC Riograndense (RS), clube no qual também exerceu as funções de treinador e de presidente. A entrevista com Oscar durou aproximadamente 40 minutos e foi realizada de forma presencial no dia 14 de janeiro de 2021 (CONCEIÇÃO, 2021).

⁹ Ubiraci Souza de Souza (Bira), natural de Pelotas (RS), começou sua carreira no GE Brasil (RS). Fora de Pelotas, jogou no Grêmio FBPA (RS), no EC Vitória (BA), no AA Inter de Limeira (SP), no SC Beira Mar e no Caldas SC, esses dois últimos sendo de Portugal. Bira conquistou uma grande popularidade na cidade de Pelotas, principalmente por ter sido o autor de um dos gols do GE Brasil na vitória por 2 a 0 contra o CR Flamengo (RJ) em 1985, a qual levou o GE Brasil a conquistar o inédito 3º lugar no campeonato brasileiro de 1985. A entrevista durou aproximadamente 75 minutos e foi realizada de forma presencial no dia 12 de maio de 2020 (SOUZA, 2020).

¹⁰ Paulo Cesar de Freitas Leal (PC) é natural de Rosário do Sul/RS e começou sua carreira de futebolista na A. Rosário F. (RS). Como futebolista profissional ele rodou por vários clubes do interior do RS como: SC São Paulo, EC Inter SM, EC Cruzeiro de POA, GE São José, EC São Gabriel e GA Farroupilha. Em 2009 foi treinador do GA Farroupilha e do GE Sapucaense, em 2010 foi auxiliar técnico do Goiás EC e atualmente trabalha na Secretaria de Esportes de Rosário do Sul. A entrevista durou aproximadamente 68 minutos e foi realizada por videochamada no dia 23 de outubro de 2020 (LEAL, 2020).

¹¹ Claudiomiro Vargas Coelho (Miro) é natural de Pelotas (RS) e começou sua carreira em 1998 no GE Brasil (RS). Jogou também nos seguintes clubes do interior do RS: SC São Paulo, FBC Riograndense, Três Passos AC e SC Rio Grande. Fora do estado jogou nos clubes: Iguazu Agex FC (PR), Nacional FC (AM) e A. Rio Negro C. (AM). Além de clubes da Austrália e da Guatemala. A entrevista durou aproximadamente 48 minutos e foi realizada por videochamada no dia 12 de novembro de 2020 (COELHOS, 2020).

Cirilo ¹²	2000 a 2017	GE Brasil (2000–2002; 2012–2017) GA Farroupilha (2003) SC Pelotas (2009)	SC São Paulo (2011–2012)	Auxiliar Técnico e Treinador
Ney Gaúcho ¹³	2004 a 2014	SC Pelotas (2004) GA Farroupilha (2006; 2010)	—	Treinador

Fonte: elaborada pelos autores, 2021.

Racismo dentro de campo e nas arquibancadas

Os principais discursos e práticas racistas lembrados pelos nossos narradores, independentemente da época em que jogaram, aconteceram durante disputas futebolísticas. Oscar Conceição contou que lá pelos anos de 1960:

[...] fui buscar a bola pra bater o lateral. Aí um garoto, moço já, disse assim: “Aí nego não sei o quê”. Entendesse? Então vou te chamar de branco. “E aí branco?”. Pronto, chamei ele de branco e saí. O que que eu vou fazer, vou pular a tela e brigar com o cara? Não. Aquela torcida chamava de tudo. “Nego” era barato perto do que eles diziam. Mas o que que eu ia fazer? Tinha, sempre teve. (CONCEIÇÃO, 2021)

Episódios similares foram narrados pelos outros futebolistas que atuaram nos anos de 1980, 1990 e 2000, como foi o caso de Claudiomiro Vargas Coelho, que relatou que: “[...] acontece muito isso sim, já aconteceu bastante nos clubes aqui do interior, nos estádios do interior também, bastante, comigo e com outros atletas

¹² Jeferson Cirilo Mesquita Martha (Cirilo) é natural de Pelotas (RS) e começou sua carreira profissional no GE Brasil (RS) em 2000. Jogou também em vários outros clubes do RS, como: GA Farroupilha, EC Inter SM, GE Sapucaense, SC Pelotas, Novo Hamburgo FC, GE Glória, SC São Paulo, entre outros. Em 2012 retornou ao GE Brasil e participou de toda a histórica campanha de 2013–2016 do clube, quando a equipe saiu da 2ª divisão do Campeonato Gaúcho e da 4ª Divisão do Campeonato Brasileiro (Série D) e chegou até a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro (série B), na qual se mantém até hoje. Em 2017 ele encerrou sua carreira como jogador no GE Brasil e se tornou treinador das categorias de base do clube e em 2018 foi promovido a auxiliar técnico do elenco profissional. Cirilo já assumiu a função de técnico interino mais de uma vez. A entrevista durou aproximadamente 52 minutos e foi realizada por videochamada no dia 06 de novembro de 2020 (MARTHA, 2020).

¹³ Gilnei dos Santos Gomes (Ney Gaúcho) é natural de Rosário do Sul (RS) e iniciou sua carreira como futebolista profissional no SC Pelotas (RS) em 2004, após fazer parte das categorias de base do Grêmio FBPA (RS) e do Cruzeiro (RS). Também jogou em outros clubes, como: GA Farroupilha (RS), Luverdense EC (MT), Tubarão (SC) e Rio Branco (AC). Fora do país ele circulou pelo futebol chinês, alemão, turco e tailandês. Em 2014 Ney Gaúcho encerrou sua carreira de futebolista no Rio Branco (AC) e se tornou treinador desse clube, conquistando o Campeonato Estadual do Amazonas de 2015. No momento da entrevista exercia a função de treinador do Maracaju AC (MS). A entrevista durou aproximadamente 80 minutos e foi realizada por videochamada no dia 05 de junho 2020 (GOMES, 2020).

também” (COELHO, 2020). Jeferson Cirilo Mesquita Martha, que atuou nas décadas de 2000 e 2010, fez um paralelo com o momento atual e ressaltou que não são os casos de racismo que estão aumentando, mas sim o questionamento a esses atos: “Eu escutei muito, escutei muito! [...] Infelizmente injúrias raciais e racismo sempre existiram. Não é que agora está mais forte, agora a voz contra isso está maior, está mais forte. Essa que é a realidade” (MARTHA, 2020).

Gilnei dos Santos Gomes, conhecido como Ney Gaúcho, por sua vez, destacou um caso de ofensa racista que ele sofreu de torcedores do próprio clube, quando defendia o Farroupilha, da cidade de Pelotas: “estávamos perdendo o jogo para o Guarani de Bagé, no primeiro tempo, e o pessoal que estava ali atrás do gol estava eufórico. Estavam xingando: ‘vamo, negão sem vergonha, tu tá me roubando, vamo macaco, tira essa bola’” (GOMES, 2020). E, assim como Martha, Gomes relatou também que o racismo não era menor nas décadas passadas. Ao contrário, para ele as ofensas raciais eram mais frequentes e explícitas: “Infelizmente no nosso estado, nas décadas de 1990, 2000, era comum. Racismo não era considerado crime. Então tu ir no estádio e chamar o cara de ‘macaco’, ‘criolo’, ‘negão’ era a coisa mais natural” (GOMES, 2000).

Essas narrativas de diferentes momentos históricos somadas às denúncias atuais de racismo no futebol brasileiro evidenciam que o nosso futebol nunca foi um locus apenas de injúrias raciais dissimuladas, característico do racismo à brasileira (DAMATTA, 1981; 1990). O universo do futebol brasileiro também foi e ainda é palco do racismo explícito e violento que atualmente é tipificado como crime.

No entanto, há uma tendência no meio futebolístico de minimizar as injúrias e ofensas raciais, tratando-as como expressões momentâneas, que seriam desencadeadas pela emoção e pelo “calor do jogo”, o que não ajuda o combate ao racismo que se perpetua em nosso futebol. Pelo contrário, essa postura de tentar amenizar os episódios de racismo traz para o futebol um discurso, que circula pela sociedade em geral, de não se levar adiante a denúncia do racismo, de “deixar de lado” (SCHWARCZ, 2001, p. 56). Aliadas a isso, as penas irrisórias e a cultura futebolística de que “tudo que acontece dentro de campo deve ficar em campo” (TONINI, 2020, p. 746) têm feito com que pouco se avance no combate ao racismo no futebol brasileiro.

A importância de não minimizar os casos de racismo no futebol apelando-se para o argumento do “calor do jogo” ganha uma importância ainda maior se considerarmos a tese de Elias e Dunning (1992) de que o Esporte Moderno pode representar uma possibilidade ímpar para melhor lidarmos com as nossas emoções, pois se o futebol é um campo privilegiado para a análise da sociedade brasileira (DAMATTA, 1982) e se ele revela um pouco daquilo que somos (VOGEL, 1982), o racismo que emerge no calor das emoções futebolísticas é uma evidência lastimável de que a sociedade brasileira ainda é racista. Afinal, como lembrou Santos (1984, p. 41), “o preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, em um momento de competição”.

As memórias dos narradores revelaram um vocabulário variado de ofensas raciais. Uma das expressões mais utilizadas pelos torcedores foi a palavra “macaco”, cujo uso na nossa linguagem e cultura remete às concepções racialistas presentes no Brasil até 1930, as quais advogavam que a raça negra se comparada à raça branca possuía uma inferioridade biológica (ORTIZ, 1985; SCHWARCZ, 1995). Apesar de essas teses terem sido totalmente superadas nos campos científico e acadêmico desde os anos de 1950 (HOFBAUER, 2006), o uso da expressão “macaco” remete a este ideário extremamente racista.

Nossos entrevistados lembraram que presenciaram o uso de outros termos racistas. Martha salientou que “um que eles gostavam muito de chamar, anos atrás, era ‘Lafond’. ‘A, Lafond, Lafond’” (MARTHA, 2020). O uso pejorativo do nome de Lafond, recordado pelo ex-futebolista, refere-se ao ator Jorge Lafond, que na década de 1990 ganhou popularidade ao interpretar uma personagem negra transexual chamada Vera Verão¹⁴ no programa A Praça É Nossa, no canal de TV SBT¹⁵.

Ofender um futebolista negro com um termo que se refere a uma personagem transexual negra traz em si uma discriminação concomitante de raça e de gênero, o que alerta para a importância de estudos que abordem também outros marcadores

¹⁴ JORGE LAFOND. **Museu da TV**. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/jorge-lafond/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

¹⁵ Essa tendência do universo do futebol, de associar o uso de termos racistas com termos homofóbicos, continua presente nos dias atuais. Bandeira e Seffner (2016), ao analisarem os jogos do Grêmio e do Santos que ocorreram após o episódio de discriminação racial do goleiro Aranha, identificaram que alguns torcedores do Grêmio constantemente utilizaram de maneira pejorativa a expressão “viado” para desqualificar o goleiro. Ou seja, se ofensas racistas geraram punições ao clube, a estratégia passou a ser ofensas homofóbicas, ainda sem legislações mais restritivas.

sociais de discriminação, como gênero e classe social. Uma possibilidade teórica para estudos dessa natureza é a perspectiva das interseccionalidades¹⁶.

Os descendentes de imigrantes europeus possuem uma presença marcante na constituição do estado do Rio Grande do Sul, mas ela é mais intensa em algumas regiões ou cidades do estado que em outras. Alguns dos nossos entrevistados destacaram que nessas regiões e cidades de maior presença de descendentes de imigrantes havia uma possibilidade maior de ocorrerem casos de racismo no futebol. Claudiomiro Vargas Coelho lembrou de quando ele foi jogar por um clube de uma cidade com esse perfil:

Quando eu fui para Três Passos eles falavam: “negro, veio roubar nosso dinheiro?” [...] Logo que eu cheguei na cidade eu fui hostilizado, eu e meus companheiros, me chamando de negro, de “schwarz” como eles falam lá em Alemão. [...] O próprio torcedor mesmo, às vezes, ao invés de incentivar a equipe ofendia o próprio atleta da sua equipe. (COELHO, 2020).

Três Passos está situada no noroeste do Rio Grande do Sul e tem uma presença significativa de imigrantes alemães. Além dessa cidade, dois outros narradores (Martha e Coelho) citaram a serra gaúcha, região com forte presença de imigrantes alemães e italianos, como uma região do estado em que eles mais se lembram de serem ofendidos com xingamentos raciais.

Parte da herança racista específica dessas regiões, remonta-se a história da colonização no estado durante o Período do Império. Nessa época a valorização da chegada dos imigrantes deu-se acompanhada de uma ideologia racista que visava ao branqueamento populacional, na época concebido como uma estratégia necessária para o desenvolvimento do país (ORTIZ, 1985; GUIMARÃES, 2004).

Ao tratar do caso específico da população negra em Santa Catarina, Leite (1992) analisa como a imigração, principalmente de alemães, italianos e poloneses, criou um ambiente de invisibilização da população negra nesse estado.

Ainda que a figura idealizada do Gaúcho da Campanha, ligado ao cavalo e à lida do gado, seja mais forte para a identidade gaúcha que a figura do imigrante europeu (OLIVEN, 1992), o Rio Grande do Sul realizou um processo similar ao de

¹⁶ Principalmente a partir dos anos 1990, parte dos estudos de discriminação racial ressaltam a importância da perspectiva da interseccionalidades, conceito que enfatiza articulação de distintas categorias discriminatórias como, gênero, raça e classe social. Dentro dessa perspectiva, destaca-se a abordagem construcionista (PISCITELLI, 2008).

Santa Catarina de invisibilização da cultura negra nas memórias e principalmente na historiografia oficial do estado, em parte através de um apagamento do trabalho do negro, seja durante a escravidão ou após a liberdade, e de uma exaltação exagerada do trabalho do imigrante europeu (MAESTRI, 1994).¹⁷

Treinadores Negros e o Racismo Estrutural

O racismo no futebol brasileiro é sistemático e ultrapassa as ofensas racistas. Apesar de haver um número significativo de futebolistas negros no futebol brasileiro, o mesmo não ocorre com as funções de treinador e de dirigente. Em outubro de 2019, dos vinte clubes da Série A do Campeonato Brasileiro apenas dois tinham treinadores negros (Roger Machado, no Esporte Clube Bahia, e Marcão, no Fluminense Football Club). Na função de dirigente a participação de negros também continua sendo exceções. Em 2019, por exemplo, nenhum dos presidentes dos vinte clubes da Série A do Campeonato Brasileiro ou das vinte e sete federações vinculadas à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) eram negros (PIRES, 2019).

Ao abordarmos essa situação os entrevistados disseram tratar-se de uma questão complexa e acrescentaram que poucos são os futebolistas negros que optam por exercer uma função profissional no futebol após encerrarem a carreira de jogadores. Um dos quatros entrevistados que exerceram essas funções ressaltou que os negros que decidem seguir a carreira de treinador enfrentam mais barreiras que os brancos:

Nós temos que ter um pouquinho a mais, algo a mais. Se você fizer um cálculo, quantas equipes têm no campeonato brasileiro e quantos treinadores negros têm? Pouco né? Eu acho que hoje atuando no campeonato brasileiro acho que não tem nenhum. [...] o Roger¹⁸ caiu. As

¹⁷ Um exemplo atual dessa discussão foi a manifestação dos cinco vereadores negros de Porto Alegre, que no dia de suas posses, em janeiro de 2021, permaneceram sentados durante a execução do Hino do Estado do Rio Grande do Sul, como sinal de protesto a um de seus versos que diz “povo que não tem virtude acaba por ser escravo”, considerado profundamente racista por vincular a escravidão a uma ausência de virtudes do escravizado. Mais de 590 historiadores do estado publicaram um manifesto apoiando a atitude dos vereadores. Para mais detalhes sobre o episódio e sobre a manifestação de apoio dos historiadores, ver: <http://andesufrgs.org.br/2021/01/04/frase-racista-do-hino-rio-grandense-gera-manifestacao-na-camara-de-vereadores-da-capital/> e <https://historiadorxscontraracismors.org/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

¹⁸ O Roger citado pelo narrador é o ex-futebolista Roger Machado Marques, que atualmente segue a carreira de treinador. Em outubro de 2019, na coletiva de imprensa após a partida entre Bahia e Fluminense, únicos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro treinados por negros naquele

oportunidades são diferentes. [...] Nós que convivemos sabemos que é diferente. É muito difícil um treinador negro entrar no mercado. Porque é isso que eu te falei: nós temos que provar todos os dias, “matar um leão por dia”, como a gente fala na gíria do futebol. [...] E a gente torce muito para que um dia a gente consiga ter o mesmo espaço que o treinador branco. Qualidade a gente já provou que tem, mas falta oportunidade. Porque é aquilo né, o olhar é diferente: “como é que eu vou botar esse pretinho que saiu lá de baixo pra comandar o meu time?”. O nome tem que ser muito maior. Então para o treinador negro pegar um status, é complicado. (LEAL, 2020)

Na sociedade brasileira geralmente tem-se a ideia de que só existe racismo quando há um confronto ou uma discriminação explícita. Todavia, essa posição não considera que o racismo também é mantido e reproduzido pelos condicionantes estruturais da nossa sociedade, pois ele também “[...] é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares” (ALMEIDA, 2019, p. 33).

O racismo estrutural provavelmente é uma das causas da discriminação dos negros nas funções de treinador e de dirigente, e essa situação não será superada somente com a denúncia e a judicialização de casos explícitos de discriminação, pois “não se pode fazer leis para lutar contra um preconceito. Fazem-se as leis para lutar contra os comportamentos discriminatórios concretos. Isto significa que o subsolo infernal do preconceito racial escapa, por princípios, ao tipo jurídico da ação antirracista” (MUNANGA, 1998, p. 48).

Ao tratar do racismo na sociedade brasileira, Sansone (2007) propôs a existência de “áreas duras, ou pesadas”, com alta intensidade de racismo, e “áreas leves, ou moles”, com um racismo mais ameno. Entre as áreas duras estariam, por exemplo, o casamento, o trabalho e a interação com a polícia, e entre as áreas leves o carnaval, as torcidas de futebol e os clubes esportivos.

Nessa mesma linha, Helal e Gordon Júnior (1999) pontuaram que o futebol brasileiro, especificamente ao longo do século XX, teria se deslocado do campo das “áreas duras” para as “áreas moles”. Todavia, essa premissa do futebol estar situado em uma zona de racismo menos intenso foi contestada por Tonini (2010), que entrevistou vários treinadores negros e identificou várias barreiras para o ingresso e a permanência dos afro-brasileiros nessa área de atuação.

momento, Roger fez uma importante fala sobre o racismo estrutural no futebol brasileiro. No momento da entrevista (outubro de 2020) ele estava sem clube, por ter sido demitido do Bahia no mês anterior, mas em março de 2021 foi contratado para ser treinador do Fluminense FC.

Abrahão (2020) também identificou a complexidade da relação entre os negros e o futebol brasileiro. Segundo o autor coexistem dois movimentos contraditórios nessa área: a inclusão, expressa pela significativa presença e protagonismo dos negros nos elencos dos principais clubes de futebol do país, e a exclusão, que se manifesta através das ofensas raciais proferidas nos momentos de conflito dentro de campo e, principalmente, por meio da concepção de que exista um lugar destinado ao negro no futebol brasileiro, o de jogador. Dentro dessa lógica, a superioridade do negro para as funções corporais indicaria perversamente uma suposta inferioridade para as funções racionais, e esse pensamento racista é que estaria ocasionando a prática por parte das diretorias dos clubes de conferir poucas oportunidades a treinadores e dirigentes negros.

Nesse contexto, sem pretendermos esgotar essa questão, é possível pressupor que o racismo estrutural se manifesta de diferentes formas de acordo com os papéis ou funções que compõem o atual sistema futebolístico¹⁹, ou seja: é provável que o racismo que vigora dentro de campo seja distinto do racismo existente nas funções de treinador, de dirigente, de diretor e de presidente de clubes, as quais parecem estar mais sucessíveis a um racismo silencioso e dissimulado, só identificado a partir das poucas oportunidades oferecidas aos negros nessas funções. Essas especificidades do racismo na área técnica e executiva demandam estratégias diferentes para combatê-lo. Políticas de ações afirmativas, como as que vêm sendo realizadas pelas ligas de futebol profissionais da Inglaterra, parecem ser um caminho possível para reduzir essa desigualdade²⁰.

Ao comentar sobre a pouca presença dos negros nesses outros lugares do futebol, Conceição (2020) salientou a influência da posição socioeconômica do indivíduo: “O cara hoje para ser presidente de um clube tem que roer, tem que ter um poder aquisitivo”, então, prosseguiu ele, “um presidente negro você pode encontrar nesses clubes menores, mas nesses clubes mais ricos já não vão pegar” (CONCEIÇÃO, 2020).

¹⁹ Rial utiliza o conceito de sistema futebolístico para definir um campo amplo que engloba o “campo futebolístico”, propriamente, o “campo jornalístico” e o “campo econômico” (RIAL, 2008).

²⁰ GOUSSINSKY, E. Futebol inglês cria 'cota' para incluir técnicos negros e de minorias. R7. 1º jul. 2020. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/futebol-ingles-cria-cota-para-incluir-tecnicos-negros-e-de-minorias-01072020>. Acesso em: 8 jun. 2021

Ainda sobre alguns efeitos produzidos pela condição socioeconômica de cada indivíduo, Leal (2020) fez referência às possíveis diferenças salariais que ainda existem entre futebolistas brancos e negros, principalmente no começo de carreira:

Como o jogador branco já tem um histórico familiar melhor, ele tem a oportunidade de pedir coisas melhores. E para o cara que não tem, o pouco está bom. Eles pensam: “o negrão está aqui, está parado, eu preciso dele, mas está parado, então vou oferecer 3 mil e ele vai vir”. Daí o branco diz: “não, por 3 mil eu não vou”. Porque ele tem condições de se manter. O preto pensou: “por 3 mil vou ir, é melhor pegar 3 do que não pegar nada”. Essa é a diferença. (LEAL, 2020)

Ao salientar a interferência da condição socioeconômica dos indivíduos, essas narrativas reforçam a premissa de que classe e raça são dois componentes presentes nas práticas de exclusão da sociedade brasileira. A única ressalva importante a essa posição é que ela não pode significar uma redução do racismo a um problema meramente de ordem econômica. Estudos como o de Haselbalg (2005) já demonstraram que, devido ao racismo, negros têm mais dificuldades de ascensão social que brancos com a mesma condição socioeconômica, portanto, classe e raça são dois elementos importantes para entender a desigualdade social brasileira (ALMEIDA, 2019), e no sistema futebolístico eles também se entrecruzam e se condicionam mutuamente.

O racismo extrapola os estádios

Os ex-futebolistas entrevistados também relataram episódios de racismo vivenciados em seus cotidianos. Coelho (2020) ressaltou que “a gente sofre isso diariamente. É só tu ir num supermercado, ir numa loja, que os olhares são sempre diferentes para ti”. Martha (2020), que reside na mesma cidade que Coelho, Pelotas (RS), lembrou de duas memórias específicas:

Quem é mais envolvido com futebol me conhece. Quem não é tanto, não me conhece. [...] eu estava indo em direção ao clube a pé, e vinham vindo duas mulheres na mesma calçada que eu. Conforme eu fui me aproximando elas foram para o meio da rua, seguiram pelo meio da rua. Nítido ali que foi medo. Não vamos dizer que foi racismo, foi medo. Aí eu passei e elas voltaram de novo para a calçada e seguiram. Isso aí acontece. Uma vez também eu estava na padaria. Só podia entrar uma pessoa. Estava eu e minha esposa. Eu fiquei na porta. Eu estava com uma camisa preta. Aí chegou uma senhora perguntando que horas que abria e se tinha um...

perguntou o nome de um salgado lá. Ela achou que eu fosse o segurança da padaria. Ainda pensei, menos mal que ela achou que eu fosse o segurança, não fosse assaltar. (MARTHA, 2020)

Leal (2020) recordou-se de quando entrou em um clube e lhe perguntaram o que ele estava fazendo ali. Ao responder que estava ali como todos os outros, ouviu: “tu não podes estar aqui, porque aqui é só branco.” Explicando o acontecido, ele acrescentou: "Entendeu? Tu és sócio do Comercial. O Comercial aqui, na época, era o clube da elite. E daí tu já viu, como que um preto ia ser sócio do Clube Comercial, como que um preto ia ter o dinheiro" (LEAL, 2020).

Essas lembranças de racismo que permanecem nas memórias dos narradores evidenciam que o Brasil está longe de ser o país da democracia racial. Guimarães (2005, p. 67) observa que apesar da tese do racismo biológico já ter sido superada pela ciência, continuamos sofrendo os efeitos do racismo no tecido social brasileiro, porque “se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e identificar que orientam as ações humanas”.

Entretanto, muitos futebolistas negros, brasileiros e não brasileiros, fazem do futebol uma ferramenta para resistir e/ou “driblar” essa realidade, como foi o caso de pelo menos cinco dos nossos seis narradores²¹. Sobre isso Leal (2020) lembrou que:

Eu vendia pastel. E eu me sinto orgulhoso de hoje ser um professor, de poder ter tido uma faculdade, que meus irmãos não puderam ter, porque tinham que trabalhar para ajudar a mãe, a família. Através do futebol consegui isso. Porque o futebol te dá um status maior, porque tu és reconhecido na sociedade [...]. Aqui na minha cidade eu sou conhecido como jogador. O professor, o futebol, ele joga muito. Porque o futebol nos deu o direito de tu chegar num lugar de cabeça erguida. (LEAL, 2020)

Gomes (2020) também identificou essa possibilidade de ascensão social: “o futebol te leva, à medida que tu vais ganhando fama, ele vai abrindo portas [...]. E eu posso te dar uma experiência própria minha, lá no Rio Branco do Acre, eu tinha acesso a conversar com o governador do Estado, porque ele era torcedor do clube.”

²¹ A única narrativa que destoou dessa interpretação foi a de Oscar Conceição (2021), mas por um motivo bem específico: ele veio para Rio Grande (RS) para trabalhar na Marinha e subiu na hierarquia até se tornar suboficial, carreira que já lhe conferiu maior status social na cidade que o conquistado como futebolista.

Coelho (2020) também ressaltou que o futebol lhe permitiu acesso a outros espaços sociais. Entretanto, ele lembrou que essa ascensão é apenas individual e apontou a educação como alternativa possível: “a gente passa a ser bem recebido nos lugares, as portas já se abrem com mais facilidade [...]. Mas, a gente espera, como falei anteriormente, que com a educação a gente consiga mudar tudo isso”. Gomes (2020) também sinalizou que “infelizmente isso é falta de educação”.

Para efetivamente enfrentar essa realidade é necessário compreender que o racismo não é individual, mas estrutural. Assim, sem desmerecer a importância do combate a falta de educação de algumas pessoas, Almeida (2019) observa que o enfrentamento do racismo demanda outras ações, como a instituição de políticas sociais afirmativas e mudanças estruturais de médio e longo prazo.

Munanga (2005) problematiza essa visão de que o racismo parte da falta de educação, pontuando que, se isso procedesse, nos países que possuem um índice maior de escolarização o racismo estaria superado, o que não condiz com a realidade. O autor ressalta que pensar uma educação antirracista é possível, mas para isso não basta questionar o racismo através da lógica, é preciso também “inventar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações. Enfim, capazes de deixar aflorar os preconceitos escondidos na estrutura profunda do nosso psiquismo” (IBIDEM, p. 19).

Além disso, pensar o futebol como uma ferramenta de ascensão social para futebolistas negros requer certo cuidado. Mesmo que muitos indivíduos negros e pobres consigam ascensão econômica e social através do futebol, a grande maioria que tenta seguir a carreira de futebolista não consegue sequer alcançar a profissionalização, e, dos que conseguem, muitos recebem um salário que não os possibilita uma ascensão de classe social²².

Conclusão

Trabalhar com a história oral possibilitou uma maior visibilidade às memórias desses ex-futebolistas negros que atuaram nos gramados do interior do Rio Grande

²² Maiores considerações sobre as principais dificuldades e a baixa probabilidade de conseguir se tornar um futebolista profissional no contexto brasileiro, ver: Paoli (2007), Rigo, Vidinha e Rial (2018).

do Sul em uma época em que o racismo tendia a ser minimizado e quase naturalizado nos discursos futebolísticos.

A pesquisa apontou que, apesar de estar presente no futebol de todo o Rio Grande do Sul, o racismo manifesta-se com certas peculiaridades regionais, sendo mais explícito e intenso nas cidades em que uma população branca predomina, com grande representação de descendentes de imigrantes (alemães, italianos, poloneses etc.).

As narrativas que relacionaram discriminação racial e dificuldades financeiras ou racismo e homofobia demonstraram a importância do uso da interseccionalidade para trabalhar o tema da discriminação no futebol, relacionando a raça a outros marcadores sociais como gênero e classe social.

Principalmente a partir da segunda metade do século XX o futebol brasileiro tornou-se uma possibilidade de carreira profissional para muitos futebolistas negros pobres, como foi o caso dos nossos entrevistados, mas as memórias dos nossos narradores apontaram que suas presenças marcantes não foram capazes de acabar com o racismo no futebol brasileiro, o qual ainda se manifesta tanto através das ofensas racistas proferidas pelos torcedores quanto das estruturas do sistema futebolístico brasileiro, que exclui os negros dos lugares de treinador e de dirigente dos clubes.

O caráter repetitivo e endêmico das manifestações racistas das torcidas e as poucas oportunidades dadas aos negros nas funções de treinador e dirigente evidenciam que o racismo no futebol brasileiro não é um fenômeno individual e sim um problema estrutural que demanda uma mudança profunda na sociedade para ser efetivamente enfrentado.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Tese (Doutorado em Educação Física) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

_____. O “racismo à brasileira” no futebol. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2020.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v.22, n.3, pp.985–998, 2016.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, pp.741–748, 2009.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia estrutural. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

_____. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n.22, pp.10–17, jun./jul./ago. 1994.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERNANDES, F. **Integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.

FLORENZANO, J. P. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte). **Ludopédio**, São Paulo, v.123, n.5, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 7. ed. Lisboa: Nova veja, 2009.

FREYRE, G. **Casa-grande y senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 48ª ed. São Paulo, Global, 2003.

GIGLIO, S. S. et al. “Do céu ao inferno”: a história de Baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. **Projeto História**, São Paulo, n.49, pp.259–292, abr. 2014.

GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no brasil, **Rev. Antropol.**, São Paulo, v.47, n.1, pp.09–43, 2004.

_____. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777–1888)**. Tese (Doutorado em História) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

HELAL, R.; GORDON JUNIOR, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.13, n.23, pp.147–165, 1999.

HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

HOLLANDA, B. B. B. de. Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA 1954–1982. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, pp.101–123, jan./jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: 18 maio 2020.

JORGE LAFOND. **Museu da TV**. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/jorge-lafond/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LEITE, I. B. **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996.

LISE, R. S. *et al.* O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.18, n.4, pp.821–833, 2015.

LONER, B. A. **Classe Operária – Mobilização e Organização em Pelotas: 1888–1937**. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas da Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901–1930). Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MACKEDANZ, C. F.; RIGO, L. C. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, Dossiê do Esporte, 2021. No Prelo.

MACKEDANZ, C. F.; SILVA, D. V. da; RIGO, L. C. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919–1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**, São Paulo, v. 70, pp. 235-260, Jan./Abr., 2021.

MAESTRI, M. O negro e o imaginário étnico gaúcho. In: Universidade de Santa Cruz do Sul. (Org.). **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1994. pp.129–140.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, A. T. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Invenção do Olhar. In: SIMSON, O. R. (Org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. pp.197–211.

MUNANGA, K. Teorias sobre o racismo. **Estudos & Pesquisas**. Rio de Janeiro – UFF, v. 4, p. 43 – 67, 1998.

_____. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestões de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902–1938)**. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PIRES, B. Um olhar antirracista sobre o futebol. In: Observatório da Discriminação Racial no Futebol. **6º Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia: UFG, v.11, n.2, pp.263–274, 2008.

RIAL, C. S. Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiro no Exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.14, n.30, pp.21–65, jul./dez. 2008.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

RIGO, L. C.; SILVA, D. V. da; RIAL, C. S. Formação de jogadores de futebol em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v.24, n.1, pp.263–274, jan./mar. 2018.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Ed. UFBA; Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

SANTOS, J. A. dos. **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SANTOS, J. R. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, S. A. dos. Mídia e o “caso Tinga” no Peru: um novo paradigma de representação das relações raciais na televisão brasileira? **Revista da ABPN**, v.6, n.13, mar./jun. 2014, pp.273–299.

SCHWARCZ, L. K. M. Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil. In: VILLAS BOAS, G.; GONÇALVES, M. A. (Orgs.). **O Brasil da virada do século: o debate dos cientistas sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. **Racismo no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

SOUZA, D. A. de. **Mário Filho e o messianismo de Pelé (1958–1966)**. Ludopédio, São Paulo, v.123, n.12, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/mario-filho-e-o-messianismo-de-pele-1958-19661a-parte/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SOUZA, M. T. O. S. et al. Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v.27, n.46, pp.230–240, 2015.

TONINI, M. D. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970–2010)**. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. **Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu**. Tese (Doutorado em História) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas de atuação no futebol brasileiro. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria da Unicamp, 2020.

TORRES, L. H. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **Biblos**, Rio Grande, v.22, n.1, pp.101–117, 2008.

VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Fontes orais

COELHO, Claudiomiro Vargas (Miro). [41 anos]. [nov. 2020]. Entrevistador: CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ. Pelotas, RS (online), 12 nov. 2020.

CONCEIÇÃO, Oscar. [85 anos]. [jan. 2021]. Entrevistador: CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ. Rio Grande, RS, 14 jan. 2021.

GOMES, Gilnei dos Santos (Ney Gaúcho). [36 anos]. [jun. 2020]. Entrevistador: CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ. Maracajú, MS (online), 5 jun. 2020.

LEAL, Paulo Cesar de Freitas Leal (PC). [51 anos]. [out. 2020] Entrevistador: CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ. Rosário do Sul, RS (online), 23 out. 2020.

MARTHA, Jeferson Cirilo Mesquita (Cirilo). [40 anos]. [nov. 2020] Entrevistador: CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ. Pelotas, RS (online), 6 nov. 2020.

SOUZA, Ubiraci Souza de (Bira). [55 anos]. [maio 2020]. Entrevistador: CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ. Pelotas, RS, 12 maio 2020.

Considerações Finais

Em uma frase a respeito do negro na sociedade brasileira, Januário Garcia observa que “existe uma história do negro sem o Brasil, mas não existe uma história do Brasil sem o negro”¹. Penso que é possível utilizá-la para pensar a história do futebol brasileiro, afinal a substituição do termo “Brasil” por “futebol brasileiro” não prejudicaria a coerência da oração. No futebol internacional há inúmeros futebolistas negros de destaque, no passado e no presente, de várias nacionalidades, mas no caso do futebol brasileiro, pensá-lo sem Leônidas, Domingos, Garrincha, Pelé, Romário etc. é praticamente impossível, seria um futebol desvinculado da cultura popular brasileira e inexpressivo no cenário mundial.

Se hoje, olhando retrospectivamente, é impossível pensar o futebol brasileiro sem o jogador negro, no início do século XX isso foi não apenas pensado como também praticado. Na então capital federal Rio de Janeiro, os casos mais emblemáticos de exclusão de jogadores negros foram os do Bangu A. C., de 1907 (PEREIRA, 1998), e do C. R. Vasco da Gama, de 1923 (SANTOS, 2010), clubes que tiveram que disputar competições menores para poder manter seus jogadores negros no plantel.

Na cidade de São Paulo, vários clubes negros de futebol foram criados com o objetivo de combater o racismo no futebol e mostrar as qualidades futebolísticas dos negros. A Associação Atlética São Geraldo foi a mais representativa, principalmente por ter sido campeã do campeonato paulista de 1922 (DOMINGUES, 2015; ABRAHÃO; SOARES, 2012).

Na Bahia, a Liga Bahiana de Sports Terrestres também restringia a participação de clubes menores e a presença de jogadores negros e pobres, o que ocasionou a criação da Liga Brasileira de Sports Atléticos em 1913, a qual foi organizada por clubes populares (SANTOS, 2012).

Na seleção brasileira de futebol os casos de racismo mais notórios foram a restrição da presença de jogadores negros no selecionado nacional, que disputou o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1921 (PEREIRA, 1998), e a responsabilização de alguns jogadores negros pela derrota na final da Copa de

¹ Sobre Januário Garcia, ver: <https://www.geledes.org.br/no-orun-morre-o-fotografo-januario-garcia/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

1950, principalmente o goleiro Barbosa e os zagueiros Juvenal e Bigode (FRAGA, 2009).

No caso do Rio Grande do Sul, o racismo nos principais clubes incitou os negros a criarem suas próprias agremiações futebolísticas. Em algumas cidades foram organizadas, inclusive, ligas negras de futebol, como a Liga de Futebol José do Patrocínio, fundada em 1919 na cidade de Pelotas (MACKEDANZ, 2016; MACKEDANZ; SILVA; RIGO, 2021) e a Liga Nacional de Foot-Ball Porto-Alegrense, pejorativamente chamada de Liga da Canela Preta, fundada em 1920 em Porto Alegre (MASCARENHAS, 1999; SANTOS, 2018). Sobre o caso de Porto Alegre, Santos (2018; 2021) observa que os clubes negros, após não serem aceitos na Liga Porto Alegrense de Foot-Ball, inicialmente integraram uma liga composta também por operários brancos, a Liga de Foot-Ball Sul-Americana, fundada em 1913, para só depois, em 1920, criar uma liga só de clubes negros: a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense.

Ao longo do século XX o desempenho dos futebolistas negros lhes conferiu um lugar de destaque no futebol nacional. Após o sucesso de Pelé, Garrincha e os títulos mundiais que o selecionado brasileiro alcançou em 1958 e 1962, alguns autores brasileiros chegaram a conjecturar que o racismo no futebol brasileiro seria um problema superado (SOUZA, 2019). Entretanto, os inúmeros casos de racismo e injúrias raciais que continuaram ocorrendo e ainda ocorrem no futebol internacional e brasileiro evidenciam a superficialidade e os equívocos dessas teorias.²

O presente estudo se concentrou em analisar o racismo no futebol em dois momentos históricos distintos: as primeiras décadas do século XX, quando ainda predominava a prática amadora do futebol e um certo elitismo na montagem dos elencos de muitas agremiações, e a segunda metade do século XX, quando os futebolistas negros já faziam parte dos plantéis de todos os clubes. No caso do primeiro momento histórico, analisou-se como a população negra da cidade de Rio Grande reagiu, no campo futebolístico, ao contexto racista que caracterizava o período, o que ocorreu através da criação de agremiações futebolísticas de negros, com destaque para o Bangú F. B. C. e o S. C. Rio Negro, agremiações que

² RELATÓRIOS Anuais da Discriminação Racial no Futebol. **Observatório da discriminação racial no futebol**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

chegaram a desenvolver vínculos com clubes de futebol negros de outras cidades gaúchas, realizando excursões para jogar amistosos contra eles. O S. C. Rio Negro, inclusive, extrapolou sua gênese desportiva, envolvendo-se em outras atividades culturais negras da cidade, como bailes, saraus teatrais e carnaval.

No entanto, o estudo indicou que a cidade de Rio Grande não chegou a constituir uma liga de futebol negra, como ocorreu nas cidades de Pelotas e Porto Alegre; a Liga Esportiva Rio Branco, fundada em 1926 em Rio Grande, abrigou agremiações com pertencimentos sociais diversos (de operários brancos pobres, de bairros periféricos, de negros etc.) que não eram aceitos na Liga Rio-Grandense.

Em outro artigo, que se focou em outro momento histórico, foram entrevistados ex-futebolistas negros que atuaram nas cidades de Pelotas, Rio Grande e outros municípios do interior do Rio Grande do Sul no período entre 1957 e 2017. Nesse estudo concluiu-se que a presença e o sucesso desportivo dos negros no futebol nacional e gaúcho não foram suficientes para acabar com o racismo futebolístico. As ofensas raciais das torcidas foram presença constante nas memórias dos narradores, assumindo, em alguns momentos, contornos étnicos em regiões com forte presença de descendentes de imigrantes europeus, principalmente alemães, italianos e outros, e em outros sendo combinados com xingamentos homofóbicos. De modo geral, as ofensas não conheceram barreiras cronológicas, municipais ou clubísticas, afinal, até jogadores negros dos clubes da casa sofreram manifestações racistas de sua própria torcida.

O racismo também não ficou restrito somente ao campo de jogo. Foram relatados casos de racismo enfrentados no dia a dia, tratando-se de um problema presente na sociedade brasileira. A pesquisa também problematizou a escassa presença de negros nas funções de treinador e dirigente, fruto de um racismo estrutural subjacente que não se manifesta por xingamentos explícitos, mas por preterições.

O estudo apontou que, apesar de existir no futebol nos dois momentos históricos pesquisados, o racismo se manifestava com particularidades típicas de cada época. A exclusão dos negros de muitas agremiações e a consequente organização de agremiações exclusivamente para os negros, como foi o caso do Bangú F. B. C. e o S. C. Rio Negro na cidade de Rio Grande, são marcas típicas de

um período histórico no qual eram criados clubes culturais somente para brancos a partir da influência de ideologias racialistas (ORTIZ, 1985; SCHWARCZ, 1995).

Um dos pontos em comum entre os dois períodos analisados é o que Abrahão (2020) chamou de coexistência da inclusão com a exclusão. No caso do início do século XX, foi verificado que os clubes negros riograndinos não jogavam só entre eles, pois também integravam uma liga com clubes de operários brancos pobres, a Liga Esportiva Rio Branco; ou seja, eram excluídos por terem que criar clubes separados, mas ainda assim se aliaram a clubes de brancos pobres na criação de uma liga de futebol paralela à Liga Rio-Grandense.

Entre os anos 1957 e 2017 o futebol visivelmente foi um importante mecanismo de ascensão social individual para jogadores negros, no entanto, os xingamentos racistas das torcidas demonstram a persistência do racismo no futebol e a inexistência de igualdade de condições entre futebolistas brancos e negros.

Negros e brancos integram os elencos dos clubes, mas nos momentos de tensão só os negros sofrem ofensas raciais. Além disso, muitas vezes os dirigentes tentam minimizar a importância desses atos racistas, dizendo tratar-se “apenas” de xingamentos motivados pelo “calor do jogo” (TONINI, 2020), um argumento superado se considerarmos que são justamente os momentos de tensões emocionais que costumam revelar o preconceito racial que os indivíduos mantêm velados, camuflados (SANTOS, 1984).

No caso dos treinadores e dirigentes a situação complexifica-se. Não existe nem a igualdade, nem a presença — ou, se existe, é uma presença quase inexpressiva, desproporcional, se considerarmos não só a população negra no país, mas também o grande número de ex-futebolistas negros. Além disso, trata-se de uma manifestação de racismo mais difícil de combater, pois não é tão visível como os xingamentos das torcidas. Munanga (1998) já dizia que as leis focam em combater comportamentos discriminatórios concretos, então o preconceito, se não externado publicamente, acaba escapando da ação jurídica.

Mas mesmo no caso dos xingamentos racistas das torcidas a individualização dos culpados e a judicialização dos casos parecem estar longe de resolver o problema, afinal, sempre surgem novos ofensores e o ônus da prova é sempre do jogador negro, o que muitas vezes faz com que ele acabe sendo desacreditado e criticado quando o xingamento racista não é filmado.

Almeida (2019) já antevia a não superação do problema com ações individuais. Para o autor, os comportamentos individuais e institucionais só reproduzem o racismo presente nas entranhas da sociedade brasileira, ou seja, o racismo está em todas as relações políticas, econômicas, jurídicas, familiares etc., então, para combatê-lo, ações mais amplas precisariam ser pensadas. No âmbito do futebol, políticas de ações afirmativas parecem ser o caminho mais adequado, como as que vêm sendo realizadas pelas ligas de futebol profissionais da Inglaterra³. Além disso, são necessárias medidas que enfrentem o racismo em todos os espaços da sociedade brasileira e não apenas no futebol.

Uma dessas estratégias é a proposição de práticas educativas antirracistas, ou seja, que busquem questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade raciais presentes na cultura brasileira. A realidade escolar, no entanto, apresenta desafios para o combate ao racismo na escola, como a falta de preparo dos professores para lidar com a diversidade e a discriminação e a concepção eurocêntrica do sistema educativo, que se reflete nos conteúdos preconceituosos em relação às culturas não oriundas do mundo ocidental da maioria dos materiais didáticos (MUNANGA, 2005).

A pressão do Movimento Negro brasileiro contra essa educação eurocentrada resultou na Lei n. 10.639/2003, no Pareceres n. 03/2004 e na Resolução CNP/CP n. 01/2004, que instituíram a obrigatoriedade da educação para as Relações Étnico-Raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Apesar de estudos terem demonstrado que algumas instituições ainda não cumprem dessa lei e que, no caso da Educação Física, persiste uma pouca valorização curricular de conteúdos como, por exemplo, a capoeira (CROCETTA, 2014), alguns avanços foram alcançados. No âmbito da Educação Física, esses avanços se expressam no pressuposto de que o corpo deva ser tratado numa perspectiva biológica e social (SILVA, 2019).

Na perspectiva de uma educação antirracista (MUNANGA, 2005), o futebol pode ser um companheiro valioso. Em um estudo realizado com seis docentes de educação física de São Paulo que promoviam atividades antirracistas em suas

³ GOUSSINSKY, E. Futebol inglês cria 'cota' para incluir técnicos negros e de minorias. **R7**. 1º jul. 2020. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/futebol-ingles-cria-cota-para-incluir-tecnicos-negros-e-de-minorias-01072020>. Acesso em: 8 jun. 2021

aulas, dois deles destacaram utilizar-se da história do futebol como temática para trabalhar a cultura afro-brasileira (NOBREGA, 2019).

Por fim, outro ponto que ganhou maior visibilidade a partir da ausência de público nos estádios nos anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia do Covid-19, é o racismo futebolístico praticado por torcedores através das redes sociais, um tema que também merece ser abordado por estudos interessados em investigar o racismo no futebol do século XXI.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2010.

_____. O “racismo à brasileira” no futebol. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2020.

ABRAHÃO, B. O. de L.; PAOLI, P. B.; SOARES, A. J. G. Identidades "Raciais" e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do "Estilo Brasileiro de Jogar Futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 195-210, 2011.

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. G. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.

_____. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 265-280, 2011(A).

_____. Os jogos de futebol “preto x branco” e a dramatização da questão racial no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.4, 2011(B).

_____. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.1, p.47-61, 2012(A).

_____. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012(B).

_____. Futebol e lazer: uma análise sobre o “racismo à brasileira” através dos jogos “preto x branco”. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.3, 2012(C).

_____. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 183-190, 2017.

ADORNO, S. Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.43, 1995, pp.45–63.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS (ANTAQ); FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP); CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (CIESP). **Anuário Estatístico Aquaviário**. 2017. p.33. Disponível em: <http://portal.antaq.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Apresentação-do-Anuário-Estatístico-2016.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: Vera Portocarrero e Guilherme Castelo Branco. (Org.). **Retratos de Foucault**. 1 ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000, v. , p. 117-137.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANJOS, J. L. dos. Futebol no sul: história da organização e resistência étnica. **Pensar a Prática**, Goiania, v. 10, n. 1, p. 33-50, 2007.

ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n.22, pp.102–109, 1994.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 985-998, 2016.

BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, E. A Lei do Ventre-Livre. **Afro-Ásia**, Salvador, n.13, pp.13–25, 1980.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.741-748, 2009.

CESAR, W. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (Corag), 2012.

CORREIA, J. M. **Os Vínculos Clubísticos e as Lógicas do Jogo: um Estudo sobre a Emergência e o Processo de (des)elitização do Futebol na Cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CORREIA, J. M; FREITAS, D. da S.; KNUTH, A. G.; RIGO, L. C. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v.42, n.1, 2020.

CROCETTA, R. R. J. **As relações étnico-raciais nos currículos dos cursos de licenciatura em educação física das instituições de ensino superior do sistema ACADE**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, pp. 10-17, jun./jul./ago. 1994.

DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, 2009.

_____. O “campeão do Centenário”: raça e nação no futebol paulista. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, set./dez., 2015.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELMIR, C. P. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n.13, 1995.

ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, 1998.

FERNANDES, F. **Integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.

FERRARA, M. N. **A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FLORENZANO, J. P. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte). **Ludopédio**, São Paulo, v. 123, n. 5, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **A arqueologia do saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. **O que é um autor?** 7.ed. Lisboa: Nova veja, 2009.

FRAGA, G. W. **Branços e Vermelhos: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal *Correio do Povo* (1936-1939)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950.** Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FREYRE, G. **Casa-grande y senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal,** 48ª ed. São Paulo, Global, 2003.

GIGLIO, S. S.; TONINI, M. D.; RUBIO, K. “Do céu ao inferno”: a história de Baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. **Projeto História,** São Paulo, n. 49, pp. 259-292, 2014.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento,** v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014.

GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol.** [online], São Paulo, v. 47, n.1, p. 9-43, 2004.

_____. **Racismo e Antirracismo no Brasil.** 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888).** Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. Charqueadas. In: LONER, B. A.; GILL, L. A. MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas** [recurso eletrônico]. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel [FAU - Fundação de Apoio Universitário], 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HASENBALG, C. “Mobilidade social, desigualdade de oportunidades e raça”. In: _____. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. pp. 207–232.

HELAL, R.; GORDON JUNIOR, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.13, n.23, pp.147–165, 1999.

HELAL, R.; TEIXEIRA, J. P. V. O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. **Revista de ciências sociais**, Fortaleza, v.42, n.1, pp.77–88, jan./jun. 2011.

HOBBSAWM, E. **Mundos do trabalho**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

HOLLANDA, B. B. B. de. Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA 1954–1982. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, pp.101–123, jan./jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

JOB, I.; MATTOS, A. M.; TRINDADE, A. Processo de revisão pelos pares: por que são rejeitados os manuscritos submetidos a um periódico científico? **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, p. 35-56, 2009.

JORGE LAFOND. **Museu da TV**. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/jorge-lafond/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, I. B. **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996.

LIMA, F. G. **Singularidade do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

LISE, R. S. *et al.* O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 821-833, 2015.

LONER, B. A. **Classe Operária** – Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937, Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas, Ed. Da UFPel, 2010.

LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.; SILVA, F. T. e FORTES, A. (Orgs). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004, p. 121-163.

MACHADO, M. E. S.; RIVERA, M. R. P. (Orgs.). **São José do Norte**: terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.

MACKEDANZ, C. F.; RIGO, L. C. Memórias do Futebol Comunitário: o caso do E. C. Esperança do Povo Novo. **Revista Didática Sistêmica**, v. esp., pp.257–263, 2015.

_____. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, Dossiê do Esporte, 2021. No Prelo.

MACKEDANZ, C. F.; GILL, L. A.; RIGO, L. C. Os afrodescendentes e o futebol pelotense no pós-abolição (1925-1938). **Estudios Históricos (Rivera)**, v.15, pp.01–16, 2015.

MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

MACKEDANZ, C. F.; SILVA, D. V. da; RIGO, L. C. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919–1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**, São Paulo, v. 70, pp. 235-260, jan./abr., 2021.

MAESTRI, M. O negro e o imaginário étnico gaúcho. In: Universidade de Santa Cruz do Sul. (Org.). **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1994. pp.129–140.

MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquistado do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

_____. **A bola nas Redes e o Enredo do Lugar**: por uma Geografia do Futebol e de Seu Advento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MEDINA, E. U.; PAILAQUILÉN, R. M. B. A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 4, p. 1- 8, jul./ago. 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, A. T. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Invenção do Olhar. In: SIMSON, O. R. (Org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. pp.197–211.

MULROW, C. D. Systematic reviews: rationale for systematic reviews. **BMJ**, London, n. 309, p. 597-599, sept. 1994.

MUNANGA, K. Teorias sobre o racismo. **Estudos & Pesquisas**. Rio de Janeiro – UFF, v. 4, p. 43 – 67, 1998.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB UFF**, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

_____. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

NOBREGA, C. C. dos S. **Educação antirracista no município de São Paulo**: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar. Dissertação (Mestrado em Educação), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Guarulhos, 2019.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestões de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense**: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942). Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

_____. Leônidas da Silva: Um ídolo negro no Brasil de Getúlio Vargas. In: FERREIRA, J.; CARLONI, K. (Orgs.). **A República no Brasil: trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura** [livro eletrônico]. Niterói: Eduff, 2019.

PIMENTA, I. S. **O discurso midiático e o racismo no futebol: uma abordagem sistêmico-funcional para a análise dos padrões de julgamento**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia: UFG, v.11, n.2, pp.263–274, 2008.

PIRES, B. Um olhar antirracista sobre o futebol. In: Observatório da Discriminação Racial no Futebol. **6º Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e verso, 2010.

RAMOS, M. G. **Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

RIAL, C. S. Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiro no Exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.14, n.30, pp.21–65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RIGO, L. C.; MACKEDANZ, C. F. A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX. In: GUAZELLI, C. A. B.; FRAGA, G. W.; STÉDILE, M. E. A.; QUINSANI, R. H. (Orgs.). **À Sombra das Chuteiras Meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...)**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. pp. 43–60.

RIGO, L. C.; SILVA, D. V. da; RIAL, C. S. Formação de jogadores de futebol em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v.24, n.1, pp.263–274, jan./mar. 2018.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p.37-50, set./dez. 2006.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Ed. UFBA; Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

SANTANA, W. P. **As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição**: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924). Monografia (Bacharelado em História), Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, H. S. dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, J. A. dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Editora UFPel, 2003.

_____. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

_____. “Canelas pretas” no fundão da América: imprensa negra e futebol. In: GUAZELLI, C. A. B.; FRAGA, G. W.; STÉDILE, M. E. A.; QUINSANI, R. H. (Orgs.). **À Sombra das Chuteiras Meridionais**: uma história social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. pp. 108–126.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado em História Econômica), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, J. R. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, N.; CAPRARO, A.; LISE, R. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 191-208, 2010.

SANTOS, R. **Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre**: jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988). Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2007.

SANTOS, R. P. dos. **História, conceitos e futebol**: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889–1912). Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, S. A. dos. Mídia e o “caso Tinga” no Peru: um novo paradigma de representação das relações raciais na televisão brasileira? **Revista da ABPN**, v.6, n.13, mar./jun. 2014, pp.273–299.

SCHWARCZ, L. K. M. Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil. In: VILLAS BOAS, G. & GONÇALVES, M. A. (org.). **O Brasil da virada do século**: o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. **Racismo no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

SILVA, A. P. **Pelé e o complexo de vira-latas**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, L. de S. **Educação das relações étnico-raciais nos cursos de licenciatura em educação física no Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

SILVA, S. R. da. **Tua imensa torcida é bem feliz...** da relação torcedor com o clube. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Departamento de Estudos de Lazer, Campinas, São Paulo, 2001.

SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMÕES, R. *et al.* A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 183-98, 2016.

SOARES, A. J. G. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, D. A. de. Mário Filho e o messianismo de Pelé (1958–1966). **Ludopédio**, São Paulo, v. 123, n. 12, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/mario-filho-e-o-messianismo-de-pele-1958-19661a-parte/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SOUZA, M. T. O. S. *et al.* Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 230-240, 2015.

STÉDILE, M. E. A. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. de O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História oral. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

TONINI, M. D. **Além dos gramados**: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970–2010). Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. **Dentro e fora de outros gramados**: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas de atuação no futebol brasileiro. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria da Unicamp, 2020.

TORRES, L. H. A Catedral de São Pedro. **Biblos**, Rio Grande, v.18, pp.55-64, 2006.

_____. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **Biblos**, Rio Grande, v.22, n.1, pp.101-117, 2008.

VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.